



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**“SENTIMENTO PSICOLÓGICO DE
COMUNIDADE EM ASSOCIAÇÃO DE
MIGRANTES CABO-VERDIANOS RESIDENTES
EM LISBOA – UM ESTUDO EXPLORATÓRIO”**

Sílvia Manuel Monteiro dos Santos

Dissertação orientada por Professor Doutor José Ornelas

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Comunitária

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Doutor José Ornelas, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Comunitária conforme o despacho da DGES, nº 6037/2007 publicado em Diário da Republica 2ª série de 23 Março, 2007

Capítulo I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo II

ENQUADRAMENTO EMPÍRICO

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta tese de mestrado contou com a colaboração de pessoas e organizações que gostaria de salientar e agradecer:

Ao Prof. Doutor José Ornelas pela discussão de ideias, pelo seu esforço de orientação e preciosos conselhos;

À Professora Doutora Lúcia Ferreira, que forneceu todas as informações solicitadas, e o seu tempo;

À Professora Doutora Kien Lee pelo partilhar de informações e disponibilidade demonstrada;

À Associação Cabo-verdiana de Lisboa que disponibilizou interesse e acolhimento voluntário a esta proposta de estudo;

Aos colegas e amigos pela discussão de ideias, ajuda e sugestões;

À minha família pela motivação, compreensão e força, com que sempre me acompanharam;

Finalmente, a todos os que tornaram, directa e indirectamente, possível a execução deste trabalho.

"Haverá algo mais verdadeiro do que ser pessoa entre a multidão?"

Fernando Pessoa

INDICE

Agradecimentos	I
Epígrafe	II
Índice	III
Índice de Gráficos	VI
Índice de tabelas	VI
Resumo	IX
Capítulo I – Enquadramento Teórico	
Introdução.....	11
1. Migrações e Diversidade Cultural.....	11
2. Psicologia Comunitária e Migração.....	12
3. Sentimento Psicológico de Comunidade.....	14
3.1. Benefícios do Sentimento Psicológico de Comunidade.....	18
4. Identidade e Migração.....	19
5. Participação Comunitária e Migração.....	21
6. Comunidade Cabo-Verdiana.....	23
A) Integração Cultural e Migração.....	24
B) Movimento Associativo Cabo-Verdiano em Portugal.....	25
7. Participação Política e o Contexto Associativo na Migração.....	28
Capítulo II – Enquadramento Empírico	
1. Procedimento.....	33
2. Método.....	34

3.	Participantes.....	34
4.	População e Amostra.....	34
5.	Caracterização da Amostra.....	35
6.	Delineamento do Estudo.....	45
7.	Objectivos gerais da Investigação.....	46
8.	Instrumentos de Avaliação.....	46
	8a) Questionário sociodemográfico.....	47
	8b) Sentimento Psicológico de Comunidade (SCI2).....	48
9.	Resultados do Questionário de Sentimento Psicológico de Comunidade (SCI2)	49
Análise Descritiva		
	A) Questionário de Sentimento Psicológico de Comunidade (SCI2).....	49
Fidelidade dos Instrumentos		
	A.1) Questionário de Sentimento Psicológico de Comunidade (SCI2).....	49
	A.2) Validade do Sentimento Psicológico de Comunidade (SCI2).....	50
10.	Resultados das Correlações entre as dimensões da SCI2.....	64
11.	Discussão de Resultados.....	65
12.	Conclusão.....	69
	Referências.....	71
Anexos		
	Anexo A: Questionário sociodemográfico.....	86
	Anexo B: Outputs referentes à caracterização sociodemográfica.....	90
	Anexo C: Questionário Sentimento de Comunidade (SCI2)	105
	Anexo D: Outputs relativos à análise da fidelidade da SCI2.....	109

Anexo E: Outputs referentes às MÉDIAS/DESVIO PADRÃO/N relativamente ao questionário sociodemográfico e a SCI2.....	114
Anexo F: Outputs referentes às significâncias entre SCI2 e os dados sociodemográficos.....	137
Anexo G: Outputs referentes à Correlação entre as Dimensões da SCI2.....	140
Anexo H: Código Deontológico (Consentimento Informado)	142

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “Género”.....	35
Gráfico 2 – Tem família em Portugal.....	38
Gráfico 3 – Participação associativa.....	38
Gráfica 4 – A Cultura Cabo-verdiana é conhecida em Portugal.....	39
Gráfico 5 – A associação promove a cultura cabo-verdiana.....	40
Gráfico 6 – Desempenho da associação.....	40
Gráfico 7 – Papel do líder associativo.....	41
Gráfico 8 – Como classifica o trabalho da sua associação.....	42
Gráfico 9 – Como é viver em Portugal.....	43
Gráfico 10 – Vê o futuro com optimismo e alegria.....	44

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “Idade”.....	34
Tabela 2 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “Género”.....	34
Tabela 3 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “Estado Civil”.....	35
Tabela 4 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “Habilitações Literárias”.....	36
Tabela 5 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “Situação Laboral”..	37
Tabela 6 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “Tempo de residência em Portugal”.....	38
Tabela 7 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “Tem família em Portugal”.....	38

Tabela 8 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “Participação activa na Associação”.....	38
Tabela 9 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “A Cultura cabo-verdiana é conhecida em Portugal”.....	39
Tabela 10 - Caracterização da Amostra em Função da Variável “A associação promove a cultura cabo-verdiana”.....	40
Tabela 11 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “Desempenho da Associação”.....	40
Tabela 12 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “Como classifica o papel do líder associativo”.....	41
Tabela 13 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “Como classifica o trabalho da associação”.....	42
Tabela 14 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “Vê o seu futuro com optimismo e alegria”.....	43
Tabela 15 – Caracterização da Amostra em Função da Variável “Como Vê o Futuro”.....	43
Tabela 16 – Valores de consistência interna Total da SCI2.....	50
Tabela 17 – Consistência interna das quatro dimensões da SCI2.....	50
Tabela 18 – Apresentação dos resultados totais da escala SCI”.....	51
Tabela 19 – Total das sub-escalas da SCI2.....	51
Tabela 20 – Média/Desvio Padrão dos valores da SCI2 e a variável “Idade”.....	52
Tabela 21 – Média/Desvio Padrão dos valores da SCI2 e a variável “Género”.....	52
Tabela 22 – Média/Desvio Padrão dos valores da SCI2 e a variável Habilitações Literárias”.....	53
Tabela 23 – Média/Desvio Padrão dos valores da SCI2 e a variável “Situação Laboral”.....	54
Tabela 24 – Resultados da Anova para a SCI2 e a variável “Situação Laboral”.....	54
Tabela 25 – Média/Desvio Padrão dos valores da SCI2 e a variável “Tempo de residência em Portugal”.....	55
Tabela 26 – Média/Desvio Padrão dos valores da SCI2 e a variável “Existência de familiares em Portugal”.....	56

Tabela 27 – Média/Desvio Padrão dos valores da SCI2 e a variável “Tem ou formou família em Portugal”.....	57
Tabela 28 – Média/Desvio Padrão dos valores da SCI2 e a variável “Participação activa na associação”.....	57
Tabela 29 – Média/Desvio Padrão dos valores da SCI2 e a variável “Promoção da cultura em Portugal”.....	58
Tabela 30 – Média/Desvio Padrão dos valores da SCI2 e a variável “Desempenho da associação”.....	59
Tabela 31 – Média/Desvio Padrão dos valores da SCI2 e a variável “Papel desempenhado pelo líder associativo”.....	60
Tabela 32 – Resultados da Anova entre a SCI2 e a variável papel desempenhado pelo líder”.....	60
Tabela 33 – Média/Desvio Padrão dos valores da SCI2 e a variável “Como classifica o trabalho da sua associação”.....	61
Tabela 34 – Resultados da ANOVA para a variável sócio demográfica “ <i>Classificação do trabalho da associação</i> ” e a SCI2.....	62
Tabela 35 – Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “ <i>viver em Portugal</i> ”.....	62
Tabela 36 – Resultados da ANOVA para a variável sociodemográfica “ <i>Como é viver em Portugal</i> ” e a SCI2.....	63
Tabela 37 – Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “ <i>Vê o seu futuro com alegria e optimismo</i> ”.....	64
Tabela 38 – Correlação de Pearson entre as dimensões da escala do SCI2.....	65

“Sentimento Psicológico de Comunidade em Associação de Migrantes Cabo-verdianos residentes em Lisboa – Um Estudo Exploratório”

Sílvio Monteiro

Mestrado em Psicologia Comunitária

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

RESUMO: O objectivo do presente estudo é analisar o Sentimento Psicológico de Comunidade nas suas dimensões, ou seja, reforço de necessidades, pertença, influência e ligação emocional partilhada e de igual modo analisar a relação das variáveis sociodemográficas com o Sentimento Psicológico de Comunidade em migrantes de origem Cabo-verdiana. Foi avaliado um número de 30 participantes de conveniência, dos quais, 60% do sexo masculino e 40% do sexo feminino com idades compreendidas entre os 25 e os 69 anos (*Média*=43,53; *Desvio Padrão*=13,45) e com um tempo de residência em território português que varia entre 1 a 68 anos. Os resultados reforçam a ideia de que existe um forte Sentimento Psicológico de Comunidade e as variáveis sociodemográficas influenciam o Sentimento Psicológico de Comunidade. Por sua vez verifica-se uma correlação estatisticamente significativa forma positiva entre a associação das dimensões do Sentimento Psicológico de Comunidade.

Palavras-chave: Migração, Diversidade Cultural, Participação Comunitária Sentimento Psicológico de Comunidade.

“Psychological Sense of Community in associative community of Migrants Cape Verdeans living in Lisbon - An Exploratory Study”

Sílvia Monteiro

Master's Degree in Community Psychology

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

ABSTRACT: The purpose of this study is to analyze the Psychological Sense of Community in its size, ie, capacity needs, membership, influence, and shared emotional connection, and likewise analyzes the relationship of sociodemographic variables with the Psychological Sense of Community migrants of Cape Verdean origin. We assessed a number of 30 participants from convenience, of which 60% were male and 40% of females aged 25 to 69 years (mean = 43.53, SD = 13.45) and residence time in the Portuguese territory that ranges from 1 to 68 years. The results reinforce the idea that there is a strong Psychological Sense of Community and demographic variables influence the Psychological Sense of Community. In turn there is a statistically significant positive association between the dimensions of the Psychological Sense of Community.

Keywords: Migration, Cultural Diversity, Community Participation Psychological Sense of Community.

INTRODUÇÃO

Estudos epidemiológicos têm nas últimas décadas encontrado transformações significativas no quadro das migrações de populações. Este estudo irá procurar interpretar o Sentimento Psicológico de Comunidade na comunidade cabo-verdiana, isto é, interpretar a percepção enquanto comunidade entre os seus pares. Importa salientar que o estudo vai abordar os conceitos de sentimento psicológico de comunidade como proposto originalmente por McMillan e Chavis (1986).

O estudo pretende efectuar uma análise exploratória do Sentimento Psicológico de Comunidade na população cabo-verdiana, procurando explorar as suas características, já que não tem origem nacional (Horta, Ana Paula Beja e Jorge Malheiros, 2004), a partir de 1974 com a independência de Cabo-Verde. Ainda, esta pesquisa tem por base a Tese de Mestrado em Psicologia Comunitária, consistindo assim, a contextualização e enquadramento do Sentimento Psicológico de Comunidade em ambiente associativo enquanto comunidade residente na zona metropolitana de Lisboa. Para realizar a investigação recorreu-se a um questionário sociodemográfico, e ao instrumento inicialmente proposto por McMillan e Chavis, mas na versão revista sob a nomenclatura de SCI Index II (2008), que permite avaliar as quatro dimensões que serão apresentadas nos próximos capítulos.

1. MIGRAÇÕES E DIVERSIDADE CULTURAL

Blakely & Brown (2007), confirmam que o modo como definimos a nossa comunidade pode não afectar o modo como a vemos, assim como o lugar que ocupamos nela mesma, mas de igual modo, a definição que criamos dela pode influenciar as nossas próprias acções, devido às mudanças complexas na demografia humana (Lee, 2003a). Observamos que a própria comunidade define o nosso espaço na comunidade, assim como a influência das acções de cada um, ou seja, a diversidade entende-se pelas características das pessoas e pluralismo pelos múltiplos critérios que as pessoas encontram na sociedade (Gordon, 1991). Segundo Lewis & Plas (1996), factores ambientais e psicossociais emergem de uma necessidade de identidade com os pares causando um elo de ligação

comum entre os membros de uma comunidade quando esta se identifica (Blakely & Brown, 2007). A problemática das migrações e da diversidade cultural, está no centro das preocupações da maioria dos Estados e é da maior actualidade no contexto de vivermos numa aldeia global, tornando-se importante abordar temas de estudo para que possamos conhecer melhor uma realidade migratória.

Num contexto actual, a migração é cada vez mais um fenómeno presente na sociedade portuguesa, porque evolui, modifica e transforma as sociedades acolhedoras. De um outro modo a migração e segundo Romero (2006) corresponde há passagem de um ponto A para um ponto B e permanecer ou não de modo a satisfazer necessidades.

A percepção de diversidade humana surge de múltiplas formas (Ornelas, 2000), nos mais variados contextos e as distâncias que nos separam são menores, segundo Ornelas (1998), assiste-se que as comunidades tendem a organizar-se mobilizando intenção e planeamento para com os seus pares diminuindo distâncias de forma a ser criado um ambiente na sua área ou bairros. A concepção de diversidade é uma dimensão de cultura, de diferenças, de características, de pertença e identificação. Assim os indivíduos podem pertencer a várias comunidade simultaneamente (i.e. equipa de futebol, país, região, religião, política, etc.), ou seja, segundo Ornelas (2008) e Halualani (2008) já não nos definimos em termos geográficos, mas sim em termos relacionais de proximidade, integrantes e interactivos multiculturalmente, facto este que pode ser observado por estudo do mesmo autor, numa universidade americana.

2. PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E MIGRAÇÃO

O papel da psicologia comunitária é perceber e entender os fenómenos de desenvolvimento comunitário de modo a poder resolvê-los. Neste sentido a psicologia comunitária existe em prol do desenvolvimento (Montero, 1984; Borda, 1959).

Mann (1978), considera que são três as áreas fundamentais que constituem o objecto da Psicologia comunitária: a análise dos processos sociais; o estudo das interacções do sistema social específico e por último o desenho da intervenção social. Rappaport (1978) – define Psicologia Comunitária como a busca de alternativas às normas sociais

estabelecidas. Reconhece-se assim uma orientação evidentemente social a esta disciplina e um rol muito activo quer ao nível do psicólogo, como ao seu objecto de estudo tradicional: o homem. Que desta vez é o género na sua comunidade.

A Psicologia Comunitária utiliza instrumentos e perspectivas próprias indo de igual modo beber informação a outras disciplinas (i.e. através da colaboração multidisciplinar) de modo a poder explicar tipos relacionais e atitudes dentro de uma dimensão adjacente há imigração. Os trabalhos em colaboração nos diferentes ambientes ou meios ajudam a desenvolver programas de prevenção e promoção de programas inseridos nos vários meios de intervenção, avaliação e pesquisa inerente ao processo migratório (e.g., Maton, K., Perkins, D. & Saegert, S., 2006). Segundo Wandersman (2003), a qualidade de vida nas comunidades depende da avaliação dos indicadores interpretados no intuito de mobilizar estratégias de intervenção.

Segundo Green (2001) pergunta-se: *Como podemos tirar ilações, ou evidências generalizadas acerca de uma intervenção num dado momento e com uma determinada comunidade e generalizá-la?* Mais, o autor responde que não podemos tirar acepções inerentes a uma só ciência, mas sim ajustar as intervenções às condições onde se possa intervir, ou seja, trabalhar na comunidade, reconhecendo o seu funcionamento e o modo como esta respira. A importância do conceito diversidade reside no campo da psicologia e na comunidade. Importa por isso conhecer os seus contextos e formas, seja ao nível social, político ou até mesmo institucional já que directa ou indirectamente influenciam o bem-estar dos indivíduos (Trichett, 1994).

Os psicólogos comunitários devem prestar maior atenção aos comportamentos humanos em diferentes contextos comunitários, sejam de satisfação, de vizinhança, de saúde, de comportamento e oportunidades. Shinn (2007), afirma que encontramos os contextos e como estes funcionam como mediadores de processos individuais, familiares e/ou grupais, não caindo em erros de sobrevalorizar os efeitos imediatos das consequências encontradas nas predisposições individuais, observação esta já realizada por Ross (1977).

Identificar, interpretar os factores inerentes à integração imigrante nos diferentes países europeus é a base essencial para promover programas de intervenção através dos estudos previamente existentes nas mais diversas disciplinas. Assim, numa visão assimétrica dos contextos culturais, diferentes modelos foram desenvolvidos de modo a

explicar as experiências, processos e resultados associados ao contacto intercultural ou até mesmo aculturação psicológica sob várias perspectivas (Berry, 1997; Berry, 2005; Birman, 1994; Navas et al, 2005), tais como a abordagem ecológica em que a família, organização e comunidade operam no seu conjunto (Prilleltensky, Perkins and Fisher, 2003; Nelson & Prilleltensky, 2005), o modelo Social através da partilha de valores individuais, grupais e comunitários (Martinez et al., 2001, a; Martinez et al., 2001, b; Garcia-Ramirez et al, 2002, a; Garcia-Ramirez et al, 2002, b; Garcia-Ramirez et al, 2005), ou capital social em que a cooperação entre indivíduos, instituições, e comunidade tornam-se essenciais para que se possam atingir um bem comum (Tennent, Farrell e Tayler, 2003).

3. SENTIMENTO PSICOLÓGICO DE COMUNIDADE

O sentimento de comunidade é um conceito sócio-psicológico que dá importância às experiências vividas e estabelecidas em comunidade, ou seja, o modo como percebe e compreende atitudes e sentimentos de uma comunidade. Assim como o relacionamento e participação entre os elementos dessa comunidade.

O sentimento de comunidade foi criado por Sarason em 1974 e tem como principal ideia o facto de que cada indivíduo é parte integrante de uma rede de relacionamentos de suporte mútuo (sentimento de pertença, partilha, suporte social, desenvolvimento e semelhanças) que encontramos há nossa disposição no seio do grupo (Amaro, 2007; Ornelas, 2008).

Em 1974 Sarason definiu o sentimento psicológico de comunidade como a percepção de similaridade com os outros, isto é, uma vontade em manter essa interdependência dando ou fazendo pelos outros o que esperamos que nos façam a nós, o sentimento de que somos parte de uma grande e estável estrutura da qual podemos depender (Amaro, 2007). Depois da original proposta de Sarason, investigadores de várias perspectivas disciplinares, incluindo sociologia, psicologia, desenvolvimento comunitário, ciências políticas, ambiente e urbanismo tentaram definir e quantificar o conceito (Chavis, Hogge, McMillan & Wandersman, 1986). Vários psicólogos comunitários também se esforçaram para medir o sentimento psicológico de comunidade (Davidson & Cotter, 1986;

Doolittle & MacDonald, 1978; Glynn, 1981; Riger & Lavrakas, 1981). No entanto, só em 1986 é que a teoria do Sentimento Psicológico de Comunidade foi cuidadosamente delineada por McMillan & Chavis, onde o definem como um sentimento de pertença que os membros têm, preocupam-se uns com os outros e com o grupo, e uma fé partilhada de que as necessidades serão satisfeitas através do compromisso de permanecerem juntos.

Conforme Heller (1989), existe pelo menos *“dois modelos reconhecidos para definir o termo de comunidade: uma diz respeito a uma localidade referente a uma noção territorial/geográfica, onde os membros destas comunidades estão unidos através de um local”* e onde as relações interpessoais entre as pessoas se desenvolvem em função da proximidade, não necessariamente da escolha (Dalton, Elias e al., 2001). Enquanto que o outro modelo prende-se com uma comunidade relacional referente à qualidade de interacção humana e ligações sociais que une os indivíduos de um mesmo grupo. No entanto, comunidades geográficas e relacionais são similares no sentido em que ambas são compostas por pessoas, instituições, recursos e meios. Contudo, o mesmo autor criou ainda uma terceira definição, como uma comunidade com um poder político colectivo, capaz de acção social, a fim de desenvolver estruturas sociais que respondem às suas necessidades diárias dos elementos pertencentes a essa comunidade (Heller, 1989).

As pessoas podem pertencer a várias comunidades, simultaneamente. Vários autores têm sugerido que, actualmente, as comunidades mais significativas para as pessoas, onde encontram as suas fontes de identificação, apoio e pertença, já não são as definidas em termos geográficos, mas as comunidades relacionais (Heller, 1989; Hunter & Riger, 1986; Rheingold, 1991, cit. por Ornelas, 2008).

Deste modo, se por um lado, as relações com os vizinhos estão a enfraquecer nas sociedades ocidentais, por outro lado, as pessoas estão cada vez mais envolvidas em comunidades relacionais. No entanto, os conceitos de comunidade local e comunidade relacional não são mutuamente exclusivos (Dalton, Elias e tal., 2001), na medida em que as organizações e muitos grupos de interesse têm uma base territorial.

McMillan & Chavis (1986) desenvolvem o conceito de sentimento de comunidade, definindo quatro dimensões intrinsecamente ligadas: Reforço das necessidades (ideia de que as necessidades dos elementos do grupo podem ser satisfeitas pelos recursos recebidos por estar inserido nesse grupo), pertença (quando os membros do grupo, sentem que as suas

necessidades satisfeitas por outros membros sob um processo de mútuo interesse), influência (encontra-se dentro do conceito de modelagem em que os elementos de um mesmo grupo influenciam e são influenciados) e ligação emocional partilhada (partilha de valores, crenças ou experiências comuns dentro do grupo em que se encontra inserido). É o conjunto destes quatro elementos que ajudam a definir o conceito de sentimento de comunidade proposto por McMillan & Chavis.

Contextos, experiências e competências das comunidades migrantes são factores fulcrais na integração de uma comunidade a um novo local, reflectindo-se na aquisição de competências sociais, ou seja, tem um papel activo de protecção na mudança e adversidade em indivíduos e grupos, este facto vem a ser confirmado por Fisher & Sonn (1999). Fisher & Sonn (1999), num estudo com imigrantes sul-africanos encontraram a ligação emocional partilhada do modelo de sentimento de comunidade, confirmando este ser um importante predictor da identidade étnica reflectindo sentimento de pertença nos elementos de uma mesma comunidade com raízes étnicas comuns, verificam de igual modo que as funções protectoras e integrativas em diferentes contextos promovem o sentimento de pertença.

Por sua vez um segundo estudo realizado por Bathum & Baumann (2007), envolvendo uma população latina de género feminino confirmam que a ligação emocional partilhada por experiências comuns, símbolos, tradições e história é tido como fonte central de sentimento de comunidade Estes contextos procuram divulgar identidades culturais e funcionam como suporte social a comunidades relacionais. Por outro lado Evans (2007), através do seu estudo afirmam que os indivíduos sentem-se mais atraídos por grupos e contextos nos quais se sintam influentes e com algum poder. Assim, a oportunidade de ter um papel relevante em contexto comunitário (Sonn, 2002; Evans, 2007).

Dalton e al., (2001) definiram sete valores essenciais promovidos ou alcançados por uma comunidade psicológica em relação a uma 'boa vida' e de uma 'boa sociedade', tais como: aumento de bem-estar individual, aumento de sentimento de comunidade, aumento do sentimento de justiça social, resultando numa maior participação comunitária, maior colaboração e força comunitária, e por fim um maior respeito pela diversidade humana;

Considera-se que o desenvolvimento efectivo do sentimento de comunidade e de pertença a uma determinada comunidade quando esta contribui significativamente para a emergência das comunidades saudáveis e sustentáveis. Importa salientar que o termo de

comunidade pode ser referido a um espaço territorial (vizinhos, cidade) ou a um modo relacional (como comunidades espirituais, grupos voluntários) (Prezza & Constantini, 1998). As comunidades das sociedades modernas desenvolvem-se positivamente pelos interesses e pelos territórios partilhados e onde o aumento do sentimento de comunidade fica a dever-se a duas suposições:

- se existir um elevado sentimento de comunidade é mais provável que as pessoas se mobilizem, no sentido de participarem nas soluções dos seus próprios problemas;
- e se o sentimento de comunidade contribui para o aumento da qualidade de vida e bem-estar individual, encoraja para um maior sentimento de identificação e uma maior autoconfiança, facilitando as relações sociais combatendo a solidão e o anonimato.

Sentimento psicológico de comunidade é um indicador de grande valor da qualidade de vida da comunidade, é um consistente catalizador em ambas as dimensões de sentimento de comunidade: participação organizada e relações de comunidade (Chavis & Wandersman, 1990; Garcia, Giuliani & Wiesenfeld, 1999; Itzhaky & York, 2000; Perkins e al., 1990; Prezza, Amici, Robert & Tedeschi, 2001; Wandersman & Giamartino, 1980). A dimensão de participação organizada foi encontrada, quer ao nível individual, quer nos vários níveis de análise comunitária (Brodsky et al., (1999): Perkins, Brown & Taylor, 1996: Perkins & Long, 2002). A participação pode alterar o sentimento de comunidade (Hughey, Speer & Peterson, 1999). O sentimento de Comunidade também possui um link com o empowerment, quer em termos organizacionais (Speer, Jackson & Peterson, 2001), quer nas relações de vizinhança (Chavis & Wandersman, 1990; Perkins & Long, 2002). Outras correlações incluem satisfação comunitária e relações locais de amizade (Perkins et al., 1990; Sampson, 1991), comunitarismo, controlo social informal, e menor sentimento de medo (Perkins et al., 1990) e melhor satisfação com a vida (Prezza et al.. 2001).

3.1. BENEFÍCIOS DO SENTIMENTO PSICOLÓGICO DE COMUNIDADE

Quer no nível geográfico, quer a nível relacional, o forte sentimento psicológico de comunidade parece não poder estar desassociado de a uma variedade de resultados positivos para indivíduos e comunidades envolventes. Dalton *et al.* (2007) elaboraram a seguinte relação:

- Comportamentos de vizinhança e trabalho em conjunto em projectos de vizinhança (Garcia *et al.*, 1999; Dalton e al. 2007));
- Participação em grupos de vizinhos e em instituições religiosas;
- Acreditar que trabalhar com outros para a acção comunitária pode ser eficaz;
- Votar em eleições, vizinhanças com elevados índices de votantes registados;
- Resistência à opressão (Sonn & Fisher, 1996)
- Ensino e aprendizagem cooperativa nas escolas (Royal & Rossi, 1996);
- Formação da identidade dos adolescentes;
- Bem estar individual, saúde mental, e recuperação do abuso de substâncias (Pretty *et al.*, 1994).

Para Lee (2003b) os indivíduos tendem a agrupar-se segundo a sua identidade (status, habilitações literárias, etc), ao nível da vizinhança um forte sentimento psicológico de comunidade está associado a elevados sentimentos de protecção e de segurança, maior participação nos assuntos da sua comunidade, e são mais prováveis de votar em eleições, têm comportamentos de reciclagem, ajudam os outros e são voluntários numa causa ou fim comum. Evidencia-se que um forte sentimento psicológico de comunidade aumenta o sentimento individual de bem-estar, felicidade com a vida, diminui a preocupação, e aumenta a auto-eficácia (Davidson & Cotter, 1991). Neste sentido, Bachrach & Zautra (1985) depararam no seu estudo sobre a resposta da comunidade à ameaça de um acidente de despejo de resíduos perigosos, que um forte sentimento psicológico de comunidade relaciona-se com um grau elevado de auto-eficácia, e pode auxiliar as pessoas a lidar com situações stressoras na comunidade em que vivem de forma pró-activa. Deve ser sublinhado que um sentimento psicológico de comunidade elevado não é sempre benéfico. Brodsky (1996), no seu estudo de mães solteiras resilientes que vivem em projectos de habitação social perigosos, refere que o SPC pode ser um conceito positivo, neutro, ou

negativo. Brodsky assim, encontrou que, maioritariamente, as mulheres no seu estudo sentiram que era uma vantagem para elas e para as suas crianças terem um baixo SPC (isto é, distância dos vizinhos, não se envolverem com nenhum grupo). Para estas mães, a perspectiva de se envolverem mais com a sua comunidade era sinónimo de sacrificar alguns dos seus valores, e por em perigo a segurança das suas famílias. Este é um estudo que explora o SPC negativo, faltando estudos que explorem o SPC neutro. Tem sido realizado alguma investigação sobre os aspectos negativos do capital social, um conceito relacionado ao SPC (cf. Amaro, 2007).

4. IDENTIDADE E MIGRAÇÃO

Sob o tema migração, torna-se importante referir e discernir o que se entende por identidade mas, de igual modo importa referir e dividir o conceito de identidade, assim temos segundo Albuquerque et al. (2000):

- Identidade Nacional – tem como figura central o Estado – nação, sinónimo de ordem e de unidade e como promotor da cultura partilhada entre os seus membros abraçando para si um passado comum;

- Identidade Étnica – a identidade étnica é uma parte integral no desenvolvimento da identidade pessoal (Phinney, 2002), apela a uma pertença colectiva mobilizadora na qual inunda o sentimento de pertença a um território (aspecto importante que segundo Machado (2006), depende em grande parte de uma integração bem sucedida na sociedade receptora), a uma língua, e tradição comum que por si só, definem uma consciência étnica e identidade pessoal (Phinney & Ong, 2007) e tradicional a ser conservada porque, é deste modo que os membros de um grupo interpretam a sua história e como a vão transmitir aos seus sucessores (gerações seguintes de familiares). Segundo Sarriera (2005), ao estudar a identidade étnica em diferentes comunidades de migrantes, concluiu que, a construção da mesma pode ser influenciada por tanto por um grupo étnico específico mas, também pelos não membros. Por sua vez Birman (1998), num estudo acerca de migrantes concluiu que estes mostravam dificuldades na definição da sua identificação étnica. Deste modo verifica-se que estas dificuldades reflectem o processo dinâmico de cariz comunitário como um

todo assim como individual define as características do próprio grupo de identidade num novo contexto cultural.

- Identidade Cultural sobrepõe-se à identidade étnica porque esta traduz identidades descontínuas, ou seja, é susceptível de ser composta ou diferenciada através do próprio contacto com outras culturas, seja por interesse social ou em função de circunstâncias díspares. Enquanto a identidade étnica depende da interpretação que o grupo tem da sua história que faz sentido na consciência colectiva, a identidade cultural é altamente diferenciada e aculturada.

Khan & Antonucci (1980), reforçam a ideia de que as redes sociais proporcionam apoio e podem implementar o bem-estar diminuindo o impacto de stressores associados com mudanças de vida. Mas, a disponibilidade destas redes dependem das oportunidades de interação interpessoal que os imigrantes encontram nos diferentes contextos e pode eventualmente determinar a força e debilitação do papel das redes de apoio. As redes de apoio adaptam-se aos diversos meios e contextos segundo os autores citados neste parágrafo, podemos observar as redes centrais (família), as redes intermédias (a comunidade que têm origem étnica semelhante), e por último as redes periféricas (entidades e organismos de apoio).

Uma rede social pode ser vista como uma conjunto de nós e um conjunto de laços de ligação entre esses nós, em que os nós podem ser pessoas, grupos empresas ou outras instituições (Wellman, 1981). As redes sociais fornecem não só os modelos de papeis como também o espaço onde esses papeis são activados e valorizados, como a própria identidade. Dentro de uma rede o indivíduo identifica-se e torna-se um membro interactivo e percursor de parcerias, permitindo ter algo em comum e, este servir de elo construtivo e exercer influências recíprocas, ou seja, fornece o contexto para estimar a estrutura e a qualidade das relações no meio social do indivíduo (Mitchell & Trickett, 1980; Marsella & Snyder, 1981). As parcerias comunitárias são uma forma de promover respostas coordenadas para problemas sociais complexos (Chavis, 1995; Roussos & Fawcett, 2000;) e são uma extensão de participação cívica e um tipo de estrutura adoptado pelos que agem para construir comunidades mais saudáveis (cf. Berkowitz, 2001).

Para Lee (2003b), cada líder possui um papel que desempenha, isto é, de ordem social, religioso e político, e igualmente podem ser categorizados por tipo, ou seja, presidente, ou vice-presidente, pelas habilitações literárias e finalmente pela idade, segundo a mesma autora que refere o exemplo das comunidades de origem chinesa que o papel importante típico da hierarquia recai sobre os mais velhos ou gerontes pela sua sabedoria clã).

As variáveis usadas para estimar a estrutura da associação entre associações construindo uma dimensão de rede, a categoria da relação (exemplo: familiar, amizade, relações de trabalho e as relações sociais), e a densidade da rede (extensão dos links existentes entre diversos elementos). A qualidade destas redes associativas dá ênfase na relação didáctica e pedagógica entre o sujeito cuja rede está a ser analisada e os elementos que a compõem ou que a representam e se identificam e a tornam funcional para quem se envolve nesta associação e/ou organização.

5. PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E MIGRAÇÃO

A formação de comunidades migrantes nos países receptores não é um processo linear, o seu estudo tem como objectivo perceber as dinâmicas de participação dos imigrantes nas suas comunidades e a selecção dos diferentes meios de participação comunitária.

Com uma base de defesa e protecção dos direitos humanos, a cidadania preconiza uma responsabilização dos cidadãos pelos assuntos que lhes dizem respeito, implicando uma participação activa em áreas como a saúde, a educação e outras. Esta visão alia-se aos conceitos de empowerment e desenvolvimento comunitário, nos quais se pretende a maximização do potencial humano na construção de comunidades saudáveis que promovam a melhoria das condições de vida e o desenvolvimento dos povos.

A integração comunitária é expressa pela vontade em participar, querer ser membro e expressar esse sentimento perante os seus pares e toda uma comunidade e cultura mais alargada, deste modo as associações tem um papel activo e importante na motivação de ser parte integrante do grupo.

Rappaport refere a multidimensionalidade do empowerment e divide o conceito em três níveis: individual, organizacional e comunitário (Zimmerman & Perkins, 1995). O nível individual, mediado pelo envolvimento pessoal, reflecte-se na obtenção de domínio e controlo da sua própria vida, pela compreensão crítica do meio envolvente e pelos comportamentos pró-activos (participação e envolvimento de cada cidadão imigrante). A nível organizacional traduz-se na participação em processos que melhoram a eficácia no alcance dos objectivos. Por fim ao nível comunitário que, se traduz na participação em acções colectivas que melhorem a qualidade de vida da comunidade através do acesso aos órgãos governativos, à comunicação social e mesmo a outros recursos (como associações de imigrantes, no sentido de se fortalecerem continuamente, através do contributo válido de cada um dos seus membros e na actuação comunitária na defesa de melhores condições de saúde, educação, cidadania e outros). Estes níveis propostos pelo autor são determinantes no processo de integração dos imigrantes e devem orientar os esforços em qualquer campo de actuação, nomeadamente, no que se refere ao acesso aos cuidados de saúde por parte desta população. Implica um esforço integrado e coordenado, orientado em abordagens participativas.

Segundo Zeldin e al., (2007), a liderança comunitária tem como principal objectivo assegurar a justiça social, assim como promover o desenvolvimento. No aspecto político Lee (2004), atesta que a participação usualmente é discutida no contexto de voto, embora hajam diversos contextos onde a participação se refere às tradições cívicas e intermediárias entre a esfera pública e privada, ou seja, entre a sociedade de origem e a de acolhimento, sejam, na colaboração para a integração dos seus membros, nomeadamente na participação cívica, promoção de actividades, assistência e partilha de informações, tornando-se organizadas na comunidade.

Para Albuquerque e al., (2000), as associações tem como função assegurar a manutenção da cultura de origem, ajudando a desenvolver estratégias que promovam a integração, traduzindo-se numa realidade em constante mudança, o que segundo Zeldin e al., (2008), traduz num sentimento de si mais forte, que por sua vez aumenta o pensamento crítico, o trabalho de equipa, o capital social comunitário e reforçam o sentimento de pertença ao grupo. Resultando para Harré (2007) num desenvolvimento pessoal e não e apenas o de comunidade, deste modo Velásquez e al., (2004), afirmam que esta situação

estimula a actividade em prole do grupo, que por sua vez aumenta as expectativas associadas à auto-eficácia porque, contribui para melhorar a qualidade de vida.

6.COMUNIDADE CABO-VERDIANA

A diáspora Cabo-verdiana perde-se no tempo e confunde-se nas raízes portuguesas, antes parte inseparável, hoje como parte integrante de um passado recente em que o fado e as mornas testemunham sentimentos.

Os cabo-verdianos constituem o grupo contemporâneo de imigrantes com níveis de consolidação mais significativos no contexto da sociedade portuguesa. Por razões que se prendem com as suas próprias condições climatéricas (nomeadamente as grandes secas) e recursos naturais, bem como com o conseqüente desenvolvimento socio-económico precário, sempre existiu uma forte tradição emigratória, sendo Portugal um dos destinos preferenciais dos seus emigrantes (Ferreira, Lígia Évora, 1997).

De entre os países receptores da diáspora cabo-verdiana, Portugal ocupa o segundo lugar, atrás dos Estados Unidos segundos os dados da Janus (2001), em 2005 e segundo fonte ACIME somavam um total de 55590 de indivíduos.

Segundo Castles (2005; Sonn e al., 2005), as imigrações internacionais são parte integrante da própria globalização, descrevendo a causa deste movimento e a íntima relação com a disparidade dos níveis de rendimento e ao acesso de um modo geral a recursos (i.e. empregos, qualidade de vida, saúde e desenvolvimento pessoal).

Em termos contemporâneos das migrações Cabo-verdianas para Portugal (1950/60 – 2001), segundo Góis (2002) podemos considerar três períodos marcados por características distintas. Num primeiro tem início nos anos 50 no contexto colonial com as oportunidades dos jovens poderem estudar nas metrópoles, justificando o elevado número de chegadas, o que terminou com muitos destes indivíduos a fixarem-se em Portugal continental porque, a fase migratória funcionou quer como destino final que como ponto de passagem para outros destinos da Europa ou Américas. Um segundo período é marcado pela descolonização segundo Eaton (2001), a partir de 1975, o que provoca picos de fluxos migratórios em meados dos anos 70. O terceiro período seguiu-se em meados dos anos 80 em que a

imigração cabo-verdiana tem características laborais, abrindo um ciclo de migrações à escala internacional e não no âmbito de império colonial e a falta de mão-de-obra nas metrópoles. Importa referir que a partir dos anos 80 com os fluxos migratórios, assiste-se ao reagrupamento familiar e à intenção dos jovens em concluir os seus estudos em Portugal segundo dados da Embaixada de Cabo Verde/Geoideia (1999), e outros para adquirir estes conhecimentos e regressar ao seu país de origem segundo Gusmão (2006).

A) INTEGRAÇÃO CULTURAL E MIGRAÇÃO

Para Sonn (2002), o processo de integração comunitária dos imigrantes significa que os indivíduos e grupos adquirem uma atitude dinâmica e activa na sua aculturação, esta definição é acentuada por Bathum & Baumann (2007), no qual referem as experiências prévias do processo de migração e como estas influenciam o desenvolvimento à criação de um sentimento de comunidade no país acolhedor e ao envolvimento num contexto diferente do seu. Integração cultural é o conjunto de mudanças culturais, desde a chegada ao país receptor que o indivíduo está em contacto com uma realidade diferente da sua, ou do seu país de origem, ou seja, tradições, símbolos, língua, conceitos e folclore autóctone de acolhimento. Berry (1997), define a soma de transformações individuais e/ou grupais através do seu modelo de aculturação e suas estratégias tais como: integração, assimilação, separação e marginalização. Deste modo a integração permite o contacto como afirma Berry (2001), assim como consequências, na sociedade e nos diversos grupos existentes para que haja uma maior probabilidade de os indivíduos optarem por estratégias de manutenção da cultura do seu grupo como afirma Boski (2008).

Num estudo sobre indicadores de integração de migrantes na Europa (Outcomes Report, 2007), os processos de integração produzem-se ao nível individual do imigrante, onde se destacam tais como alojamento, trabalho e educação. Mas, também ao nível social através da adaptação social e cultural, assim como à participação na nova sociedade. O êxito da integração vai desde a necessidade de partilhar modos de vida da sociedade de acolhimento e o respeito pelas normas estabelecidas, até uma coesão social respeitando as diferenças das minorias étnicas.

No que concerne ao sentimento grupal é tido como sentimento de pertença em que se partilham características comuns e que estas funcionam como meio de aproximação dos indivíduos. De igual modo para Berry e al. (2006) o curso integrativo mais benéfico para a manutenção e integridade do grupo é coexistir com os seus pares, embora possam utilizar estratégias diferentes Berry (1997), afirma que no decorrer do desenvolvimento destes grupos se criem variâncias quanto ao se modus operandis no decorrer da adaptação.

O conceito de comunidade não se evidencia exclusivamente nos contextos geográficos. Sarason (1974), utilizou inicialmente o termo de comunidade para referir ou dar ênfase a vários contextos e redes de relações incluindo grupos ou instituições em que os vários intervenientes participam e se identificam, nesse caso a identidade serve como elo comum que aproxima a intenção de ser membro de algo com o qual o indivíduo partilha os mesmos interesses (Ornelas, 2008).

Outro aspecto relevante da integração e inserção, segundo Sardinha, J. (2004) varia na forma como as respectivas associações se encontram, social, económica e politicamente estratificadas e de igual modo a comunidade cabo-verdiana não é excepção porque, ela, também se encontra segmentada – existem segmentos com maior e menor estatuto social, ou seja, diferenciam-se os elementos dos quadros administrativos e que por sinal encontram-se em Portugal há mais de 25 anos e os restantes que representam a maioria da população cabo-verdiana tem dificuldades de integração e deste modo marginalizados social, cultural e economicamente (Amaro, 1985; França, 1992; Saint Maurice, 1997).

Alguns estudos mostraram que a estratégia de integração/aculturação é influenciada pelas oportunidades de modo a manter a sua própria língua, relação intergrupar e participação dinâmica da própria comunidade em que se encontra inserido (Portes e al., 1996; Birman 1994; Berry, 2005).

B) MOVIMENTO ASSOCIATIVO CABO-VERDIANO EM PORTUGAL

Segundo Madeira (1996), a promoção de associações na comunidade Cabo-verdiana tem como objectivo a construção e manutenção de uma identidade cultural e social da

comunidade Cabo-verdiana em Portugal, bem como a mediação entre comunidade/Estado e indivíduo/sociedade.

O associativismo cabo-verdiano segundo estudo de Carita, C., & Rosendo, V.N., (1993), é constituído como um associativismo de carácter étnico que contribui para a construção e manutenção de uma identidade cultural e social da comunidade imigrante cabo-verdiana em Portugal, para a integração do imigrante no sistema económico, legal, social e político da sociedade portuguesa (Carita, 1994), assumindo-se ainda como um instrumento de intervenção social e política na defesa dos interesses colectivos dessa comunidade.

É pertinente, nesta análise, incluir uma reflexão sobre o associativismo e o seu contributo para a integração dos imigrantes. Estas assumem um papel fundamental na criação de condições que promovem algumas das mais significativas carências vivenciadas por esta população: suporte social; contacto com as suas origens; defesa dos direitos e são um recurso determinante no aumento e melhoria do acesso a recursos utilizados pela sociedade de acolhimento por parte dos imigrantes, através da informação que disponibilizam e do acompanhamento que providenciam.

“O associativismo é um direito inalienável e um pólo dinamizador de participação cívica e aprendizagem democrática.” (ACIME, 2006)

As associações de imigrantes são espaços privilegiados de organização de pertenças culturais e comunitárias e de participação na defesa dos seus direitos e na promoção de condições de bem-estar social. Elas são as legítimas, representantes da comunidade imigrante e, por excelência, os parceiros privilegiados na definição da política de imigração e nos processos legislativos referentes à imigração.

De forma genérica, parece importante, as associações de origem imigrante em Portugal têm centrado a sua atenção em três grandes domínios de intervenção segundo Albuquerque, Rosana; Ferreira, Lúcia Évora; Viegas, Telma (2000):

- Domínio socio-económico, realização de acções de educação, formação profissional, prestação de cuidados de saúde, melhoramento das condições dos bairros, promoção da prática desportiva;

- Domínio cultural, que se traduz na organização de actividades culturais como forma de conservar e transmitir a identidade cultural e que, frequentemente, estão articuladas com o domínio educativo (por exemplo, através da promoção de actividades para a conservação da língua materna);
- Domínio político-legal, concretizado em acções para a comunidade, assentes na informação sobre os direitos e deveres dos imigrantes, e em acções para a sociedade em geral e o Estado em particular, ao defenderem e representarem os interesses das comunidades de origem imigrante (assumindo o papel de interlocutor do Estado).

As associações desempenham um papel importante na organização dos seus objectivos e fins para melhor adaptação dos seus membros e desse modo suavizar a integração dos mesmos numa nova ordem social como a portuguesa, neste caso singular.

Portugal, como destino de fixação, os imigrantes estabelecem relações assimétricas com autóctones, resultando em fragmentação social, acesso desigual aos recursos, fracas capacidades, o que gera exclusão social de populações migrantes. Estas relações assimétricas de poder produzem efeitos que se manifestam ao nível pessoal, relacional e da comunidade tais como: barreiras materiais, económicas, legais, psicossociais (Évora, Lígia, 2007). O associativismo é característico das sociedades urbanas graças à densidade urbana e à existência de um leque mais variado de relações e interacções sociais de todo o tipo. Wirth (1938), já afirmava que o aumento da interacção relacional entre os sujeitos resultava do enfraquecimento dos laços de vizinhança e parentesco, levando os indivíduos no meio urbano a organizarem-se para partilha e defesa de interesses comuns porque, o imigrante está constantemente perante ambiguidades, entre o nós/eles (manter ou não a própria identidade) numa dialéctica constante numa sociedade que não é a sua e não se sente como membro ou elemento de direito na sociedade onde vive como afirmam Carita, C., & Rosendo, V.N. (1993).

Rex (1994), afirma que o associativismo imigrante, procura responder a dois tipos de necessidade fundamentais:

- a) Conservação e afirmação da cultura de origem e consolidação de um sentimento de pertença com base numa filiação identitária que se torna uma variável importante no espaço migratório;
- b) A prossecução de objectivos de ordem material, a maioria resultando da necessidade de inserção e do desejo de integração num novo contexto social e cultural, bem como da participação cívica dos imigrantes.

Observa-se que as funções principais das associações terminam por ser ou culturais ou políticas ou ambas (Cheetham, 1988), em que os principais objectivos por um lado temos acções solidárias, recreativas e culturais, mas por outro servem de mecanismo de reivindicação e pressão política junto dos poderes administrativos, legais, políticos ou económicos de uma dada sociedade.

As associações ao serem um órgão de mediação entre comunidades e poder político e ao providenciarem oportunidades culturais e de lazer; cívicas e de cidadania, possibilitam a identificação dos imigrantes com a sociedade de origem, ao promoverem actividades com forte componente cultural; fornecem informação sobre os seus direitos e deveres ao mesmo tempo que os promovem e defendem, inclusivamente em matéria de saúde e acessos aos cuidados e serviços, promovem suporte social, ao integrarem interesses e expectativas comuns dos seus membros; actuam no combate a todas as formas de discriminação étnica e, assim, contribuem para um sentimento psicológico de comunidade, promovendo a aproximação dos imigrantes com a sociedade de acolhimento; factores que estão na base para uma integração comunitária plena e efectiva.

7. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E O CONTEXTO ASSOCIATIVO DOS MIGRANTES

Para Lee (2003b) participação, é o ato pelo qual se pratica a cidadania. As associações representam o espaço privilegiado de organização de pertenças culturais e comunitárias das comunidades que representam. Participação é o processo pelo qual os cidadãos gerem as suas oportunidades e reconhecimento através da mensagem colectiva que é transmitida aos decisores, assim como, o seu envolvimento para evitar o separatismo

entre grupos mesmo que diferentes mesmo quanto a diferentes necessidades (Lee, 2003b; Boyte, 1989; Docherty, Goodlad, & Paddison, 2001), contrariando desta forma o absentismo da participação e visibilidade exterior (Kuan & Lau, 2002; Zimmerman & Rappaport, 1988).

No entanto, dadas as mutações contínuas no espaço socio-político, com a tendência clara para a vertente assimilacionista das políticas de imigração de muitos países da Europa. O movimento associativo é muitas vezes visto como um “bastião de guetos de culturas para exclusão”. A resposta a esse desafio e a outros impostos pela globalização, bem como às relações assimétricas de poder entre imigrantes e sociedades de acolhimento, passa pelo reforço da função cívica e integrativa do associativismo, enquanto órgão da sociedade civil, capaz de propiciar a integração de cidadãos, através do estabelecimento de relações inter comunitárias. Estas relações ao terem em conta as ligações com a população autóctone e os diversos grupos de imigrantes entre si, levarão necessariamente à transformação da cultura dominante em cultura comunitária, modificando em si mesma a noção de cultura dominante, para o acesso de todos ao bem-estar na sociedade (Ferreira, Lúcia Évora 2007; Ferreira, Lúcia Évora, 2003).

Num estudo de Prestby, Wandersman, Florin, Rich, & Chavis(1990), que avaliou os prós e contras da participação voluntária em organizações no resultado interpretou-se que os benefícios da interacção nas relações de vizinhança aumentaram, melhor acesso a informação, melhor expressão pública, melhor organização e desenvolvimento das capacidades de liderança, ou seja, quanto mais informação que o indivíduo possui maior a tendência a participar.

A participação na vida social e política pelo imigrante traduz-se num papel positivo em prol da própria dualidade indivíduo/sociedade em que este se insere, resultando trocas simbólicas em que surge uma ou várias valências como link entre o indivíduo e o processo que o envolve durante a interacção com o país acolhedor (JODIA, 2003/05).

Deste modo a participação do imigrante aumenta índices de satisfação e não desenvolve sentimento de insatisfação segundo resultados de um inquérito realizado pela JODIA (2005), que, deu conta de clivagens sociais intimamente ligados a um forte sentimento de frustração com a vida no seio da sociedade portuguesa. Por forma a ultrapassar problemas (por exemplo a discriminação institucional), o papel do movimento

associativo torna-se relevante quando emprega uma visão pró-activa na resolução de conflitos gerados na sociedade acolhedora agindo de uma forma aberta e não fechada em si mesma, tornando-se reactiva, ou seja, quando as situações de conflito estão contextualizadas. Harré (2007), sugere que uma participação activa pode motivar à manutenção e expansão da participação dos seus membros, nomeadamente dos mais jovens. As associações, Cabo-Verdianas tem sido criadas inicialmente por impulso segundo Évora, L., (2007), mais num sentido recreativo, mais tarde por objectivos de entreatura e actualmente assumem um papel de mediação e consulta entre comunidades que representam e as diversas estruturas do poder instituído, neste último aspecto vem lançar desenvolvimentos nas políticas de imigração.

Segundo Évora, L., (2007, afirma de que são necessárias, ou até mesmo urgentes os trabalhos em parceria com outras organizações governamentais e civis no país acolhedor de forma a contrariar o isolamento social e agir na defesa dos interesses dos seus pares. Isto implica reformulação dos papeis representados pelas associações a dois níveis: por um lado no quadro das relações sociais trazidas do país de origem e a criação de novas relações em novo ambiente (sentimento de pertença, apoio social), por outro implica repensar as associações como verdadeiros instrumentos de socialização, capazes de produzir pontes facilitadoras de comunicação e participação sem a perda da sua identidade cultural.

Importa ainda salientar que a política pós-moderna ou a “política da vida” (Guiddens, 2000) ou a micro-política (Guatari, 1999), favorece o surgimento de novos sujeitos sociais e políticos que lutam por uma cidadania mais fluida e dinâmica, tendo por suporte grupos e movimentos com estrutura decisória descentralizada. Ao contrário da política tradicional é desorganizada e desta situação resultam questões sobre “como viver com as incertezas globais”, dado que as decisões não são geradas na classe política mas nos grupos e movimentos da política pós-moderna. É por isso que as forças e instituições políticas tradicionais estão cada vez mais em declínio, pois o diapasão da política está em outras mãos, nas que trabalham nas políticas da vida, nas necessidades básicas, no quotidiano, que advogam o princípio da igualdade, ou seja, o princípio que considera que todos os homens e mulheres são capazes de tomar decisões políticas (Heller, 2006). Daí que se a política formal não responde às novas exigências nem aos novos problemas colocados pela globalização, tornando-se necessário reinventá-la, irrompendo-a para lá das

responsabilidades e hierarquias formais. A politização da esfera individual, familiar e até filosófica, demanda o desenvolvimento de uma consciência política que trata os problemas não de uma forma isolada, mas nas interações sociais, na relação local/global/local. Ou seja, é preciso fazer as coisas acontecerem e não esperar que elas aconteçam. Neste sentido, temos hoje as associações, micro políticas que contribuem e abrem espaço para o diálogo público, potencialmente geradoras de novos conteúdos na promoção da autonomia, autodeterminação das pessoas. É preciso que esses micro-espços de debate se transformem em espaços públicos de questionamento.

Capítulo II

Enquadramento Empírico

1. PROCEDIMENTO

A constituição da amostra resulta de um número de 30 participantes membros associados na Associação de Cabo-Verde de Lisboa que voluntariamente se ofereceram para preencher o questionário.

Acompanhados pelo conceito de consentimento informado (Vide anexo D), os participantes deste estudo foram informados oralmente acerca da natureza da investigação em termos de objectivos gerais, bem como do direito de aquiescência ou rejeição de participação. Neste documento, concebido em linguagem acessível e abordagem informal, mais uma vez foi salientado o objectivo da investigação ao qual eram garantidos o anonimato e a participação voluntária no estudo. Todo o material foi aplicado na forma de auto avaliação.

O momento de aplicação dos questionários decorreu no dia 14 de Maio de 2009. O protocolo de avaliação completo para cada sujeito, foi aplicado com a presença do investigador. O preenchimento dos questionários ocorreu num dos encontros efectuados pela associação em local próprio de divertimento e distração, o que segundo Ribeiro (1999) este regime não produz resultados diferentes das situações em que o preenchimento ocorre com ou sem o testador. De acordo com os inquiridos, o tempo útil de aplicação dos protocolos de avaliação situava-se, em média de 10 minutos. De modo a garantir o anonimato e confidencialidade das informações prestadas de modo a imprimir uma maior celeridade na sua organização, registo e tratamento, foi atribuída uma numeração a cada um dos participantes que integraram a amostra.

Concluída a fase de avaliação e, recolhida a informação pretendida, foi criada uma grelha para fins de cotação e procedeu-se à categorização da informação contida no instrumento para a Avaliação do Sentimento Psicológico de Comunidade. Os dados foram então tratados através do SPSS (Statistical Package for the Social Science, v.11).

2. MÉTODO

Esta investigação tem como objectivo um estudo exploratório onde através da estatística descritiva e correlacional, tem como objecto de estudo o Sentimento Psicológico de Comunidade em indivíduos de origem Cabo-verdiana. Situa-se assim no paradigma quantitativo pois enfatiza as regras da lógica, o raciocínio dedutivo e os atributos mensuráveis da experiência humana (Polit & Hungler, 1995, cit., por Teixeira, 2002).

3. PARTICIPANTES

Participaram um total de trinta (30) indivíduos de origem cabo-verdiana associados à Associação Cabo-verdiana de Lisboa. A amostra foi recolhida na mesma devido ao seu contexto histórico.

Recorreu-se a uma amostra não probabilística ou intencional, especificamente uma amostra que se denomina de sequencial. Igualmente, temos uma amostra em que todos os indivíduos que são electivos para cooperar no estudo são incluídos conforme vão surgindo (Ribeiro, 1999), ou seja, quem surge primeiro é o primeiro a ser escolhido até perfazer o número pretendido para a amostra. Segundo o mesmo autor (citando Polgar & Thomas, 1988), chamam amostra accidental a uma amostra constituída por indivíduos que estão mais a jeito. Neste caso singular recorreu-se aos membros associativos da Associação Cabo-verdiana de Lisboa a qual satisfaz os objectivos desta investigação.

4. POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população deste estudo, são indivíduos associados à Associação Cabo-verdiana de Lisboa.

Procede-se deste modo à análise descritiva da caracterização sócio-demográfica (Vide anexo C).

5. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

Idade

No grupo total (N=30), a idade variou entre os 20 e os 69 anos, sendo a média de idades de Média de 43,53 anos com um desvio padrão de σ 13,45.

Tabela 1

Caracterização da Amostra em Função da Variável “Idade”

<i>N</i>	<i>Mínima</i>	<i>Máxima</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>
30	25	69	43,53	13,449

Género

A amostra é constituída por total de 30 indivíduos do sexo masculino e feminino. Dos 30 participantes que constituíram a amostra do presente estudo, 18 eram participantes do sexo masculino (60%) e 12 do sexo feminino (40%), (vide tabela 2).

Tabela 2

Caracterização da Amostra em Função da Variável “Género”

<i>Género</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Feminino	12	40,0
Masculino	18	60,0
Total	30	100,0

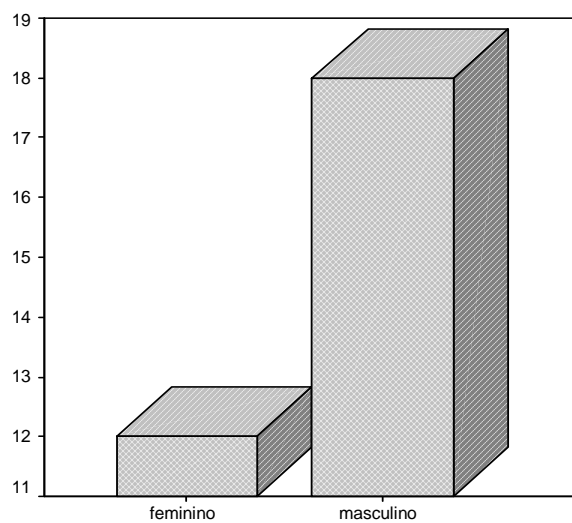


Gráfico 1 – Caracterização da Amostra em Função da Variável ‘Género’

Estado Civil

No que respeita ao *estado civil* dos participantes 43,3% eram *solteiros* (as), 33,3% eram *casados* (as), 16,7% eram *divorciados* (as), 3,3% eram *viúvos* (as), e os restantes 3,3% viviam em *união de facto* (vide tabela 3).

Tabela 3

Caracterização da Amostra em Função da Variável ‘Estado Civil’

<i>Estado civil</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Solteiro	13	43,3
União de facto	1	3,3
Casado	10	33,3
Divorciado	5	16,7
Viúvo	1	3,3
Total	30	100,0

Situação face às Habilitações Literárias

Quanto às suas habilitações literárias, estas variavam do 3º ciclo de escolaridade ao ensino superior, (vide tabela 4). Se observarmos, nesta população inquirida, o valor mais elevado é o ensino superior.

Tabela 4

Caracterização da Amostra em Função da Variável “Habilitações Literárias”

<i>Habilitações Literárias</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
3º Ciclo	4	13,3
Secundário	7	23,3
Superior	19	63,3
Total	30	100,0

Se observarmos, nesta população inquirida, o valor mais elevado de percentagem (63,3%) corresponde ao ensino superior, 23,3% ao ensino secundário e os restantes possuem o 3º ciclo de ensino.

Situação Laboral

No que concerne ao aspecto laboral destes participantes, (22) 73,3% tinham emprego ou exerciam uma profissão, 13,3% (4) encontram-se desempregados e os restantes encontram-se reformados (vide tabela 5).

Tabela 5**Caracterização da Amostra em Função da Variável “Situação Laboral”**

<i>Situação Laboral</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Empregado	22	73,3
Desempregado	4	13,3
Reformado	4	13,3
Total	30	100,0

Tempo de residência em Portugal

Quanto ao historial de residência, estas variavam de 1 a 68 anos de percurso em Portugal, desde o seu diagnóstico, sendo a média desta população de 26,30 anos com um desvio padrão de 15,76 (vide tabela 6).

Tabela 6**Caracterização da Amostra em Função da Variável “Tempo de residência em Portugal”**

	<i>N</i>	<i>Mínima</i>	<i>Máxima</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>
Há quanto tempo está em Portugal	30	1	68	26,30	15,759

Tem família em Portugal

No que concerne em “Ter família em Portugal” a maioria dos respondentes afirmou positivamente, ou seja, 96,7% que correspondem a 29 indivíduos e apenas um não tem (vide tabela 7).

Tabela 7

Caracterização da Amostra em Função da Variável “ Tem família em Portugal”

<i>Tem família em Portugal</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Sim	29	96,7
Não	1	3,3
Total	30	100,0

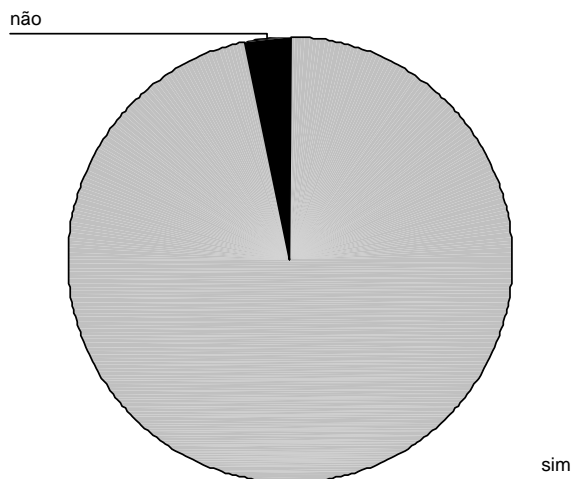


Gráfico 2 – Tem família em Portugal

Participação activa na associação

Quanto à participação associativa verifica-se que 60% dos participantes não participa na associação e apenas 12 participam na ou pela associação (vide tabela 8).

Tabela 8

Caracterização da Amostra em Função da Variável “Participação activa na associação”

<i>Participação activa na associação</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Sim	12	40,0
Não	18	60,0
Total	30	100,0

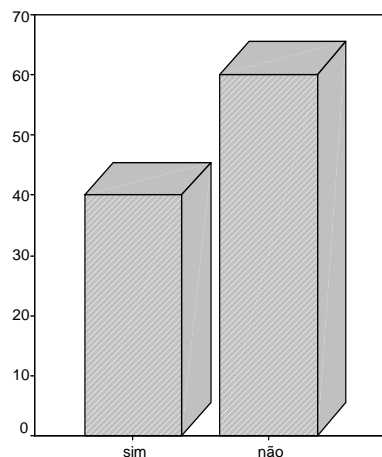


Gráfico 3 – Participação associativa

A cultura Cabo-verdiana é conhecida em Portugal

Quanto à questão sobre a percepção que os indivíduos têm acerca da sua cultura ser conhecida, 76,7% afirmou que sim e 23% afirma de que esta não é conhecida (vide tabela 9 e gráfico 3).

Tabela 9

Caracterização da Amostra em Função da Variável “A cultura Cabo-verdiana é conhecida em Portugal”

<i>A cultura Cabo-verdiana é conhecida em Portugal</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Sim	23	76,7
Não	7	23,3
Total	30	100,0

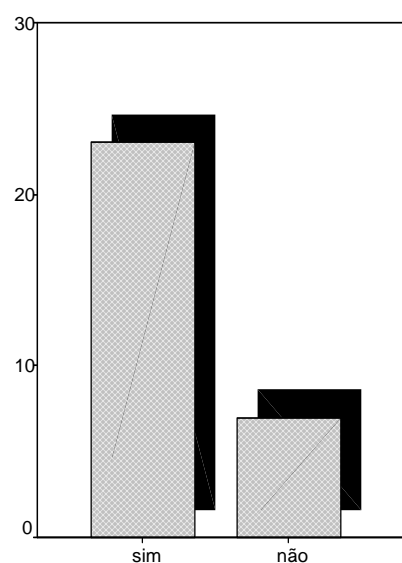


Gráfico 4 - A cultura Cabo-verdiana é conhecida em Portugal

Promoção da cultura cabo-verdiana

No que concerne à promoção da cultura cabo-verdiana em Portugal verifica-se que dos 30 inquiridos 22 (73,3%) afirmam que *sim* e 8 (26,7%) afirma que a associação *não* promove a cultura de Cabo-Verde (vide tabela 12).

Tabela 10

Caracterização da Amostra em Função da Variável “A associação promove a cultura Cabo-verdiana”.

<i>Promoção da cultura</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Sim	22	73,3
Não	8	26,7
Total	30	100,0

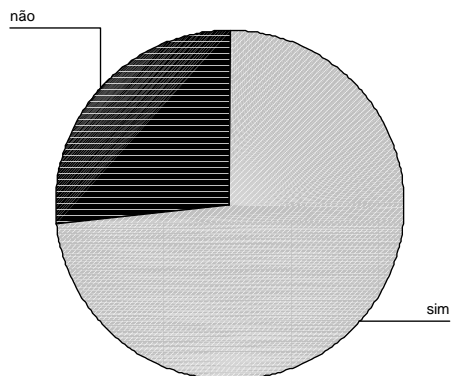


Gráfico 5 – A associação promove a cultura cabo-verdiana

Como classifica o desempenho da associação na sociedade portuguesa

No que concerne ao desempenho do papel da associação verifica-se que dos 30 inquiridos 19 (63,3%) afirmam que é *razoavelmente bom*, 7 (23,3%) afirma que o desempenho da associação é *muito bom*, 3 *pouco bom* e 1 responde *nada bom* (vide tabela 11 e gráfico 5).

Tabela 11

Caracterização da Amostra em Função da variável “Como classifica o desempenho da associação na sociedade portuguesa”

<i>Desempenho da associação</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Muito bom	7	23,3
Razoavelmente bom	19	63,3
Pouco bom	3	10,0
Nada bom	1	3,3
Total	30	100,0

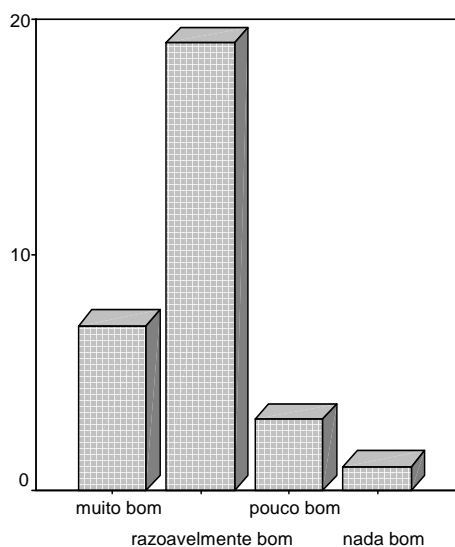


Gráfico 6 – Desempenho da associação

Como classifica o papel do seu líder associativo

No que concerne ao desempenho do papel do líder associativo verifica-se que dos 30 inquiridos 19 (63,3%) afirmam que é *razoavelmente bom*, 4 (13,3%) afirma que o desempenho do líder é *muito bom*, 6 afirma ser *pouco bom* e 1 responde *nada bom* (vide tabela 12 e gráfico 6).

Tabela 12

Caracterização da Amostra em Função da variável “Como classifica o papel do seu líder associativo”

<i>Papel do líder associativo</i>	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>
Muito bom	4	13,3
Razoavelmente bom	19	63,3
Pouco bom	6	20,0
Nada bom	1	3,3
Total	30	100,0

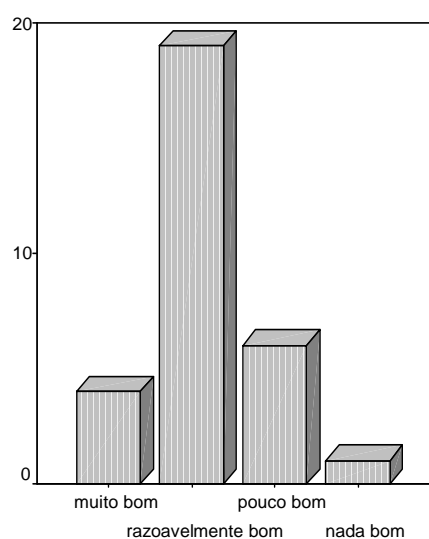


Gráfico 7 – Papel do líder associativo

Como classifica o trabalho da sua associação

No que concerne à questão em como os associados classificam o trabalho da associação, verifica-se que dos 30 inquiridos 18 (60%) afirmam que é *razoavelmente bom*, 6 (20%) afirma que é *pouco bom*, 5 afirmam ser *muito bom* e 1 responde *nada bom* (vide tabela 13 e gráfico 7).

Tabela 13

Caracterização da Amostra em Função da Variável “Como classifica o trabalho da sua associação”

<i>Como classifica o trabalho da sua associação</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Muito bom	5	16,7
Razoavelmente bom	18	60,0
Pouco bom	6	20,0
Nada bom	1	3,3
Total	30	100,0

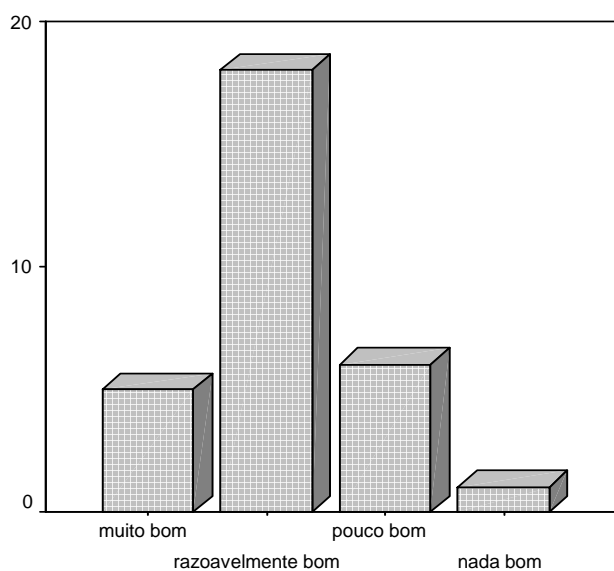


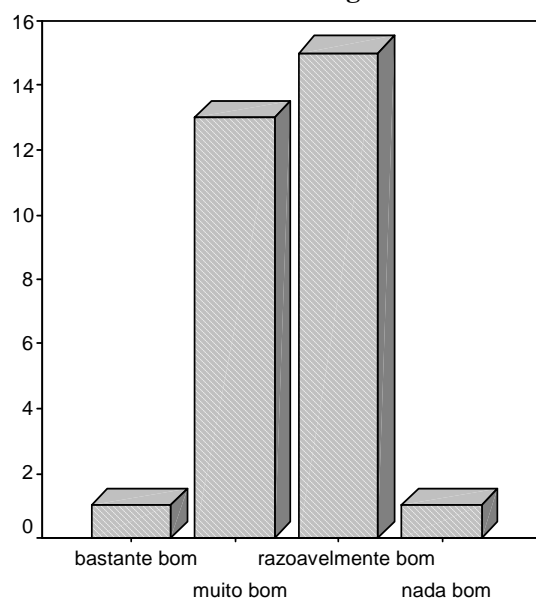
Gráfico 8 – Como classifica o trabalho da sua associação

Como é viver em Portugal

No que concerne à questão da experiência em viver em Portugal, verifica-se que dos 30 inquiridos 15 (50%) afirmam que é *razoavelmente bom*, 13 (43,3%) afirma que é *muito bom*, 1 afirma ser *muito bom* e 1 responde *nada bom* (vide tabela 14 e gráfico 8).

Tabela 14**Caracterização da Amostra em Função da Variável “Como é viver em Portugal”**

<i>Como é viver em Portugal</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Bastante bom	1	3,3
Muito bom	13	43,3
Razoavelmente bom	15	50,0
Nada bom	1	3,3
Total	30	100,0

**Gráfico 9 – Como é viver em Portugal**

Vê o futuro com optimismo e alegria

No que concerne à questão da e, verifica-se que dos 30 inquiridos 13 (43,3%) afirmam que é *muito bom*, 9 (30%) afirma que é *razoavelmente bom*, 5 afirma ser *pouco bom* e 3 responde *bastante bom* (vide tabela 15 e gráfico 9).

Tabela 15**Caracterização da Amostra em Função da Variável “Vê o futuro com optimismo e alegria”**

<i>Futuro com optimismo e alegria</i>	<i>Frequência</i>	<i>%</i>
Bastante bom	3	10,0
Muito bom	13	43,3
Razoavelmente bom	9	30,0
Pouco bom	5	16,7
Total	30	100,0

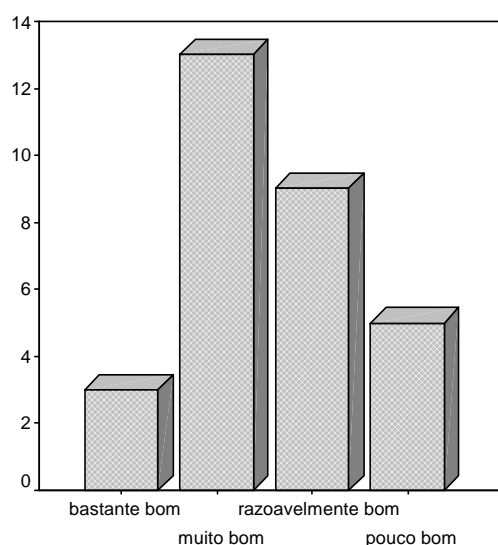


Gráfico 10 – Vê o futuro com optimismo e alegria

6. DELINEAMENTO DO ESTUDO

A intenção do estudo não é intervir junto dos indivíduos mas, desenvolver procedimentos para descrever acontecimentos e fenómenos que ocorrem de forma natural, de e obter informação acerca da população em estudo. É deste modo um estudo descritivo e correlacional (Ribeiro, 1999). Segundo o mesmo autor, trata-se de um estudo transversal, pois focaliza apenas um grupo representativo da população e os dados são recolhidos num único momento.

A caracterização sociodemográfica permite recolher características dos participantes, para o efeito relativamente à idade, género, estado civil, habilitações literárias, de igual modo dentro do questionário recorreu-se ao levantamento de dados inerentes à migração, tais como: anos a viver em Portugal, se tem familiares em Portugal, se formou família em Portugal, se participa activamente na associação, se a cultura cabo-verdiana é conhecida em Portugal, se a associação promove a sua cultura, como classifica o papel da associação, como classifica o líder associativo, como classifica o trabalho da associação, como é viver em Portugal, e se vê o futuro com alegria e optimismo.

Tendo presente que se trata de um estudo exploratório descritivo, em que se pretende a exploração da realidade, sem alterar o principal objectivo da investigação que

consiste em avaliar o sentimento psicológico de comunidade dos membros de uma associação, procurando determinar a influência de variáveis como reforço das necessidades (ideia de que as necessidades dos elementos do grupo podem ser satisfeitas pelos recursos recebidos por estar inserido nesse grupo), pertença (quando os membros do grupo, sentem que as suas necessidades satisfeitas por outros membros sob um processo de mútuo interesse), influência (encontra-se dentro do conceito de modelagem em que os elementos de um mesmo grupo influenciam e são influenciados) e ligação emocional partilhada (partilha de valores, crenças ou experiências comuns dentro do grupo em que se encontra inserido).

7. OBJECTIVOS GERAIS DA INVESTIGAÇÃO

Este estudo tem como finalidade, investigar o sentimento psicológico de comunidade, com vista a fornecer conhecimento acerca dos fenómenos das dimensões a estudar numa população migrante cabo-verdiana.

Tendo em conta o objectivo geral, delinearam-se as seguintes questões:

- 1) Existe sentimento psicológico de comunidade nesta comunidade?
- 2) Que influência têm as variáveis sociodemográficas no Sentimento Psicológico de Comunidade?
- 3) Existe associação entre cada uma das dimensões que constituem o Sentimento Psicológico de Comunidade?

8. INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Em conformidade com o objectivo da investigação, ou seja, avaliar o sentimento psicológico de comunidade cabo-verdiana na própria associação em Portugal e o quadro teórico que o contextualiza, são considerados os seguintes: o instrumento de avaliação do

Sentimento Psicológico de Comunidade revista (SCI – 2) e o Questionário Sociodemográfico realizado e considerado relevante para a investigação.

O instrumento foi previamente traduzido, da língua inglesa para a língua portuguesa em estudo anterior.

8a) QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

De modo a obter informação acerca dos participantes do estudo criou-se um questionário sociodemográfico para se reunir informação relevante para o estudo em questão. Recorreu-se então a uma **caracterização sociodemográfico, com as variáveis sociodemográficas (Vide anexo B):**

- Idade;
- Género;
- Estado civil;
- Habilitações literárias;
- Situação laboral.

De igual modo verificou-se a necessidade de recorrer há implementação de questões referentes há própria migração e desse modo encontrou-se necessário atribuir importância aos **dados sociodemográficos referentes à migração (Vide anexo B):**

- Há quanto tempo reside em Portugal;
- Tem familiares a viver em Portugal;
- Formou família em Portugal;
- Participa activamente na sua associação;
- Entende que a cultura cabo-verdiana é conhecida em Portugal;
- Entende que as associações promovem a cultura cabo-verdiana;
- Como classifica o papel da sua associação na sociedade portuguesa;
- Como classifica a acção do seu líder associativo;
- Como classifica o trabalho da sua associação;
- Como é viver em Portugal;
- Vê o futuro com optimismo e alegria.

8b) SENTIMENTO PSICOLÓGICO DE COMUNIDADE (SCI2)

McMillan e Chavis (1986), sugerem que um bom entendimento empírico do conceito de Sentimento de Comunidade ajuda num melhor desenvolvimento de programas com impacto positivo nas diversas comunidades.

A Escala original foi desenvolvida por McMillan e Chavis em 1986, e a que é utilizada neste estudo, ou seja, Sentimento de Comunidade Índice 2 foi criado por Chavis e Lee em 2007, apresenta-se com um total de 24 itens, distribuídos por 4 sub-escalas. Cada escala é composta por 6 itens: Reforço das necessidades (1-6); Pertença (7-12); Influência (13-18) e Vínculo e emocional partilhado (19-24).

Os itens são apresentados sob a forma de perguntas relativamente às quais o sujeito deve posicionar-se tendo em conta quatro opções de resposta numa Escala de Lickert, temos deste modo:

- Nada (0 pontos);
- Um pouco (1 ponto);
- A maioria das vezes (2 pontos);
- Completamente (3 pontos).

É solicitado também aos participantes que pensem num determinado contexto (neste caso singular, será dentro de um contexto de contacto dentro da sociedade de acolhimento) e que responda às questões, tendo em mente esse mesmo contexto.

A validade desta Escala foi determinada a partir da sua relação com variáveis como a satisfação com a vida e o êxito pessoal; participação cívica, política, cultural e comunitária. De acordo com Chavis e Lee (2008) o Sentimento de Comunidade Índice 2 é uma escala com uma boa validade, respeitando as diferentes culturas, línguas e contextos em que é aplicada (Vide anexo C).

9. RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO SENTIMENTO PSICOLÓGICO DE COMUNIDADE 2 (SCI2)

A exposição dos resultados encontra-se organizada em três momentos distintos. Numa primeira fase, continua-se a análise descritiva já iniciada na caracterização sócio-demográfica dos inquiridos (vide método). Propõe-se em seguida apresentar uma análise descritiva das variáveis que se pretende avaliar. Especificamente, ir-se-á relacionar diferentes variáveis inerentes ao Sentimento Psicológico de Comunidade e as variáveis sócio-demográficas. De seguida serão realizados testes de consistência interna dos questionários e de cada dimensão, realizando uma abordagem através de uma análise contínua dos resultados obtidos.

ANÁLISE DESCRITIVA

A) QUESTIONÁRIO DE SENTIMENTO PSICOLÓGICO DE COMUNIDADE (SCI2)

Fidelidade Dos Instrumentos

A.1) SENTIMENTO PSICOLÓGICO DE COMUNIDADE (SCI2)

No que concerne ao material usado a fidelidade foi analisada através da avaliação da consistência interna. Deste modo o questionário SCI2, apresenta uma boa consistência com um Alpha de Cronbach significativo, tanto no seu total como nas várias dimensões que este avalia como as tabelas a seguir indicam.

Os resultados do Questionário SCI2 utilizado para avaliar o Sentimento Psicológico de Comunidade nos indivíduos deste estudo apresentaram um valor de consistência interna significativa na sua totalidade e nas suas quatro dimensões. Passa-se a citar: do “Reforço das necessidades” um Alpha de Cronbach de 0,7964; “Pertença” com um Alpha de 0,6454;

na “Influência”, obteve-se um Alpha de 0,7743; “Ligação emocional partilhada” tem um Alpha de 0,8209.

A.2) VALIDADE DE SENTIMENTO PSICOLÓGICO DE COMUNIDADE (SCI2)

De modo a verificar o primeiro objectivo, passa-se a verificar os níveis de sentimento psicológico de comunidade. No que concerne ao material utilizado a fidelidade foi analisada através da avaliação da consistência interna. De igual modo o SCI2 apresentou uma boa consistência com um Alpha de Cronbach significativo, tanto no seu total como nas várias dimensões que este avalia, assim como as tabelas indicam (vide tabelas 16/17).

Tabela 16

Consistência interna total da “SCI2”

	<i>Número de itens</i>	<i>N</i>	<i>α de Cronbach</i>
SCI2	24	30	0,9193

Os valores de Alpha de Cronbach apresentados das quatro dimensões do SCI2 apresentam na sua totalidade valores significativos de referência como se podem observar na tabela 17.

Tabela 17

Consistência interna das quatro dimensões da “SCI índice 2”

<i>SCI2</i>	<i>Número de itens</i>	<i>N</i>	<i>α de Cronbach</i>	<i>α (teste original)</i>
Reforço das necessidades	6	30	0,7964	0,83
Pertença	6	30	0,6454	0,79
Influência	6	30	0,7743	0,83
Ligação emocional partilhada	6	30	0,8209	0,86

De acordo com os valores apresentados na tabela 18, observa-se que a média de respostas obtidas foi de 36,33. Quanto ao desvio padrão, surge o valor de 12,26 enquanto que o valor mais baixo é 11 e o valor máximo é de 62. Segundo Chavis e Lee (2007), os resultados divergem entre os 0 e os 72, sendo que os resultados altos indicam elevado sentimento de comunidade, deste modo observamos através da validade total da escala um forte sentimento de comunidade (vide tabela 18), e de cada dimensão os valores são apresentados na tabela 19.

Tabela 18

Apresentação dos resultados totais da escala do Sentimento psicológico de Comunidade

<i>Dimensões</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>
Total da escala	11	58	36,33	12,26

Tabela 19

Total das sub-escalas como mostra a Tabela em baixo

<i>Dimensões</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio padrão</i>
Reforço de necessidades	3	16	9,53	3,65
Pertença	2	15	9,13	3,14
Influência	1	14	8,00	3,57
Ligação emocional partilhada	0	16	9,66	3,95
Total da escala	11	58	36,33	12,26

Para o segundo objectivo, ou seja, avaliar a influência das variáveis sociodemográficas no Sentimento Psicológico de Comunidade.

No que concerne à idade verifica-se maior incidência de migrantes que compõem o estudo tem idades compreendidas entre os 25 e os 45 anos, como mostra a tabela 20.

Tabela 20**Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “Idade”.**

<i>Idade</i>	<i>Medidas de estatística descritiva</i>	<i>Reforço de necessidades</i>	<i>Pertença</i>	<i>Influência</i>	<i>Ligação emocional partilhada</i>
25-35	Média	9,0000	9,0000	7,4000	9,2000
	Desvio Padrão	4,57044	3,39935	4,11501	4,68568
	N	10	10	10	10
36-45	Média	10,1111	9,4444	8,4444	9,3333
	Desvio Padrão	2,26078	2,40370	3,24465	3,04138
	N	9	9	9	9
46-55	Média	10,6000	8,8000	8,0000	10,8000
	Desvio Padrão	4,33590	3,11448	4,30116	4,08656
	N	5	5	5	5
56-65	Média	7,0000	7,5000	8,5000	7,0000
	Desvio Padrão	4,24264	,70711	,70711	4,24264
	N	2	2	2	2
66-75	Média	9,5000	10,0000	8,2500	11,5000
	Desvio Padrão	3,69685	5,35413	4,19325	4,43471
	N	4	4	4	4
Total	Média	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	Desvio Padrão	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085
N		30	30	30	30

Recorreu-se à análise *ANOVA* para encontrar valores estatisticamente significativos entre a variável sociodemográfica “Idade” e a SCI2, mas não foram encontrados valores significativos (vide anexo).

Tabela 21**Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “Género”.**

Género	Estatística	D1	D2	D3	D4
Feminino	Média	9,3333	8,9167	7,4167	8,2500
	Desvio Padrão	3,39340	3,50216	3,62963	4,28793
	N	12	12	12	12
Masculino	Média	9,6667	9,2778	8,3889	10,6111
	Desvio Padrão	3,91077	2,96659	3,58328	3,51700
	N	18	18	18	18
Total	Média	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	Desvio Padrão	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085
	N	30	30	30	30

Recorreu-se à análise *T-Student* para encontrar valores estatisticamente significativos entre a variável sócio demográfica “Género” e a SCI2, mas não foram encontrados valores significativos (vide anexos).

No que concerne à variável sociodemográfica “habilitações literárias com os elementos da SCI2, verifica-se que mais de metade dos participantes possui educação superior.

Recorreu-se à análise *ANOVA* para encontrar valores estatisticamente significativos entre a variável sócio demográfica “Habilitações Literárias” e a SCI2 e não foram encontrados valores significativos.

Tabela 22

Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “Habilitações literárias”.

Habilitações Literárias	Estatística	D1	D2	D3	D4
3º ciclo	Média	10,2500	10,0000	9,7500	9,7500
	Desvio Padrão	5,43906	1,82574	2,06155	4,57347
	N	4	4	4	4
secundário	Média	9,0000	9,0000	7,1429	9,4286
	Desvio Padrão	4,08248	2,76887	4,09994	4,23703
	N	7	7	7	7
superior	Média	9,5789	9,0000	7,9474	9,7368
	Desvio Padrão	3,28829	3,54338	3,64347	3,95590
	N	19	19	19	19
Total	Média	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	Desvio Padrão	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085
	N	30	30	30	30

No que concerne à variável sociodemográfica “situação laboral” com os elementos da SCI2, verifica-se que 22 dos indivíduos está empregado, 4 estão desempregados e os restantes estão reformados (vide tabela 23).

Tabela 23

Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “Situação Laboral”.

<i>Situação laboral</i>		<i>D1</i>	<i>D2</i>	<i>D3</i>	<i>D4</i>
Empregado	Média	10,2727	9,4545	8,5909	10,3182
	Desvio Padrão	3,43902	2,32435	3,23167	3,24237
	N	22	22	22	22
Desempregado	Média	5,5000	6,5000	4,5000	4,2500
	Desvio Padrão	2,64575	4,20317	3,69685	3,30404
	N	4	4	4	4
reformado	Média	9,5000	10,0000	8,2500	11,5000
	Desvio Padrão	3,69685	5,35413	4,19325	4,43471
	N	4	4	4	4
Total	Média	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	Desvio Padrão	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085
	N	30	30	30	30

Fez-se de igual modo a ANOVA para encontrar valores significativos entre a variável sócio demográfica “Situação Laboral” e a SCI2, sendo encontrado um valor significativo na dimensão “Ligação Emocional Partilhada (vide tabela 24).

Tabela 24

Resultados da ANOVA para a variável sócio demográfica “Situação Laboral” e a SCI2

<i>Dimensões</i>	<i>F</i>	<i>Sig.</i>
Reforço de Necessidades	3,354	,050
Pertença	1,765	,190
Influência	2,455	,105
Ligação Emocional Partilhada	6,054	,007*

* $p < 0, 01$

No que concerne à variável sociodemográfica “Quanto tempo vive em Portugal” com os elementos da SCI2, verifica-se que a 10 dos inquiridos se encontra entre 31 e 40 anos a viver em Portugal. Recorreu-se à análise ANOVA para encontrar valores estatisticamente significativos e não foram encontrados valores significativos.

Tabela 25

Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “Quanto tempo em Portugal”.

<i>Há quanto tempo está em Portugal</i>		<i>Reforço de Necessidades</i>	<i>Pertença</i>	<i>Influência</i>	<i>Ligação emocional partilhada</i>
0-10	Média	8,2857	9,1429	5,8571	8,1429
	Desvio Padrão	2,87021	4,09994	3,33809	4,81070
	N	7	7	7	7
11-20	Média	7,1667	8,8333	6,6667	9,0000
	Desvio Padrão	2,99444	3,37145	3,50238	2,60768
	N	6	6	6	6
21-30	Média	12,5000	10,0000	10,0000	9,2500
	Desvio Padrão	2,51661	1,41421	1,41421	3,50000
	N	4	4	4	4
31-40	Média	10,6000	9,2000	9,3000	11,0000
	Desvio Padrão	3,97772	2,65832	3,46570	4,10961
	N	10	10	10	10
41-50	Média	12,0000	9,0000	11,0000	13,0000
	Desvio Padrão	2,82843	7,07107	4,24264	4,24264
	N	2	2	2	2
61-70	Média	5,0000	7,0000	4,0000	6,0000
	Desvio Padrão	,	,	,	,
	N	1	1	1	1
Total	Média	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	Desvio Padrão	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085
	N	30	30	30	30

No que concerne à variável sociodemográfica “existência de familiares em Portugal” e a SCI2, verifica-se que apenas um indivíduo não possuía familiares em território português (vide tabela 26).

Recorreu-se à análise *T-Student* para encontrar valores estatisticamente significativos entre a variável sócio demográfica “existência de familiares em Portugal” e a SCI2, mas não foram encontrados valores significativos.

Tabela 26

Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “Existência de familiares em Portugal”.

<i>Tem ou já tinha família em Portugal</i>	<i>Medida de estatística descritiva</i>	<i>Reforço de necessidades</i>	<i>Pertença</i>	<i>Influência</i>	<i>Ligação emocional partilhada</i>
	Média	9,6552	9,2759	8,0690	9,7241
Sim	Desvio Padrão	3,65744	3,09258	3,61476	4,00800
	N	29	29	29	29
	Média	6,0000	5,0000	6,0000	8,0000
Não	Desvio Padrão	,	,	,	,
	N	1	1	1	1
	Média	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
Total	Desvio Padrão	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085
	N	30	30	30	30

No que concerne à variável sociodemográfica “tem formou família em Portugal” e a SCI2, verifica-se que apenas um indivíduo não possuía familiares em território português (vide tabela 27).

Recorreu-se à análise *T-Student* para encontrar valores estatisticamente significativos entre a variável sociodemográfica “tem ou formou família em Portugal” e a SCI2, mas não foram encontrados valores significativos.

Tabela 27 – Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “Tem ou formou família em Portugal”.

<i>Formou família em Portugal</i>		<i>Reforço de Necessidades</i>	<i>Pertença</i>	<i>Influência</i>	<i>Ligação Emocional Partilhada</i>
Sim	Média	10,6190	9,6667	9,3333	10,4286
	Desvio Padrão	3,61215	2,57553	3,18329	3,69556
	N	21	21	21	21
Não	Média	7,0000	7,8889	4,8889	7,8889
	Desvio Padrão	2,34521	4,07567	2,31541	4,16667
	N	9	9	9	9
Total	Média	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	Desvio Padrão	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085
	N	30	30	30	30

No que concerne à variável sociodemográfica “participação na Associação” e a SCI2, verifica-se que 18 dos respondentes responderam não e 12 que sim (vide tabela 28). Recorreu-se à análise *T-Student* de modo a encontrar valores estatisticamente significativos entre a variável sociodemográfica “participação na associação” e a SCI2, mas não foram encontrados valores significativos.

Tabela 28

Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “Participação activa na associação”.

<i>Participação activa na associação</i>	<i>Medidas de Estatística Descritiva</i>	<i>Reforço de Necessidades</i>	<i>Pertença</i>	<i>Influência</i>	<i>Ligação Emocional Partilhada</i>
Sim	Média	10,0000	9,1667	7,2500	9,4167
	Desvio Padrão	3,56753	3,78594	3,86417	4,46111
	N	12	12	12	12
Não	Média	9,2222	9,1111	8,5000	9,8333
	Desvio Padrão	3,78162	2,74159	3,38248	3,69817
	N	18	18	18	18
Total	Média	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	Desvio Padrão	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085
	N	30	30	30	30

No que concerne à variável sociodemográfica “promoção cultural” e a SCI2, verifica-se que 22 dos respondentes responderam sim e 8 que não é promovida a associação (vide tabela 29). Recorreu-se à análise *T-Student* de modo a encontrar valores

estatisticamente significativos entre a variável sociodemográfica “promoção cultural” e a SCI2, mas não foram encontrados valores significativos.

Tabela 29

Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “Promoção cultural”.

<i>A associação promove a cultura Cabo-verdeana</i>	<i>Medidas de Estatística Descritiva</i>	<i>Reforço de Necessidades</i>	<i>Pertença</i>	<i>Influência</i>	<i>Ligação Emocional Partilhada</i>
	Média	10,3182	9,2273	8,8182	9,7727
Sim	Desvio Padrão	3,65652	3,27954	3,52726	4,31974
	N	22	22	22	22
	Média	7,3750	8,8750	5,7500	9,3750
Não	Desvio Padrão	2,82527	2,90012	2,76457	2,92465
	N	8	8	8	8
	Média	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
Total	Desvio Padrão	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085
	N	30	30	30	30

No que concerne à variável sociodemográfica “desempenho da associação” e a SCI2, verifica-se que 19 dos respondentes responderam razoavelmente bom, 7 classificaram como muito bom, 3 pouco bom e 1 classificou como nada (vide tabela 30). Recorreu-se à análise ANOVA de modo a encontrar valores estatisticamente significativos entre a variável sociodemográfica “desempenho da associação” e a SCI2, e não foram encontrados valores significativos.

Tabela 30

Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “Desempenho da associação”.

<i>Como classifica o desempenho da associação na sociedade portuguesa</i>	<i>Medidas de Estatística Descritiva</i>	<i>Reforço de Necessidades</i>	<i>Pertença</i>	<i>Influência</i>	<i>Ligação Emocional Partilhada</i>
	Média	11,7143	9,1429	10,2857	11,7143
Muito bom	Desvio Padrão	4,34796	2,67261	2,05866	1,88982
	N	7	7	7	7
	Média	9,6316	9,5263	8,1579	9,3158
Razoavelmente bom	Desvio Padrão	2,85210	2,71556	3,27046	4,29538
	N	19	19	19	19
	Média	4,0000	4,6667	2,0000	5,6667
Pouco bom	Desvio Padrão	1,00000	2,51661	1,73205	,57735
	N	3	3	3	3
	Média	9,0000	15,0000	7,0000	14,0000
Nada bom	Desvio Padrão	,	,	,	,
	N	1	1	1	1
	Média	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
Total	Desvio Padrão	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085
	N	30	30	30	30

No que concerne à variável sociodemográfica “papel do líder” e a SCI2, verifica-se que 19 dos respondentes responderam razoavelmente bom, 4 classificaram como muito bom, 6 pouco bom e 1 classificou como nada (vide tabela 31). Recorreu-se à análise ANOVA de modo a encontrar valores estatisticamente significativos entre a variável sociodemográfica “desempenho da associação” e a SCI2, e não foram encontrados valores significativos.

Tabela 31

Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “Papel desempenhado pelo líder da associação”.

<i>Como classifica o papel do seu líder associativo</i>	<i>Medidas de Estatística Descritiva</i>	<i>Reforço de Necessidades</i>	<i>Pertença</i>	<i>Influência</i>	<i>Ligação Emocional Partilhada</i>
Muito bom	Média	12,2500	9,7500	10,0000	12,0000
	Desvio Padrão	3,30404	4,19325	3,65148	2,70801
	N	4	4	4	4
Razoavelmente bom	Média	10,0526	9,5789	8,8947	9,8421
	Desvio Padrão	3,40708	2,47915	2,92299	4,14009
	N	19	19	19	19
Pouco bom	Média	6,1667	6,3333	4,0000	6,8333
	Desvio Padrão	2,92689	2,65832	3,09839	2,56255
	N	6	6	6	6
Nada bom	Média	9,0000	15,0000	7,0000	14,0000
	D.P.	,	,	,	,
	N	1	1	1	1
Total	Média	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	Desvio Padrão	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085
	N	30	30	30	30

Recorreu-se à análise ANOVA de modo a encontrar valores estatisticamente significativos entre a variável sociodemográfica “papel do líder associativo” e a SCI2, e foram encontrados valores significativos nas seguintes dimensões: reforço de necessidades, pertença (vide tabela 32).

Tabela 32

Resultados da ANOVA para a variável sócio demográfica “Papel desempenhado pelo líder” e a SCI2.

<i>Papel do Líder</i>	<i>Sig.</i>
Reforço de Necessidades	,043*
Pertença	,022*
Influência	,010**
Ligação Emocional Partilhada	,121

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$

No que concerne à variável sociodemográfica “classificação do trabalho associativo” e a SCI2, verifica-se que 18 dos respondentes responderam razoavelmente bom, 5 classificam como muito bom, 6 pouco bom e 1 classificou como nada bom (vide tabela 33).

Tabela 33

Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “*como classifica o trabalho da sua associação*”.

<i>Como classifica o trabalho da sua associação</i>	<i>Medidas de Estatística Descritiva</i>	<i>Reforço de Necessidades</i>	<i>Pertença</i>	<i>Influência</i>	<i>Ligação Emocional Partilhada</i>
Muito bom	Média	10,6000	8,0000	8,4000	8,4000
	D.P.	3,71484	2,73861	2,60768	3,20936
	N	5	5	5	5
Razoavelmente bom	Média	9,8889	10,0556	8,6111	10,1111
	D.P.	3,54615	2,55463	3,55029	4,28251
	N	18	18	18	18
Pouco bom	Média	7,6667	6,3333	6,0000	8,6667
	D.P.	4,22690	2,87518	4,38178	3,55903
	N	6	6	6	6
Nada bom	Média	9,0000	15,0000	7,0000	14,0000
	D.P.	,	,	,	,
	N	1	1	1	1
Total	Média	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	D.P.	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085
	N	30	30	30	30

Recorreu-se à análise ANOVA de modo a encontrar valores estatisticamente significativos entre a variável sociodemográfica “*classificação do trabalho da associação*” e a SCI2, e foi encontrado um valor estatisticamente significativo de forma positiva na dimensão “*pertença*” (vide tabela 34).

Tabela 34

Resultados da ANOVA para a variável sócio demográfica “Classificação do trabalho da associação” e a SCI2

<i>Dimensões SCI2</i>	<i>Sig.</i>
Reforço de Necessidades	,558
Pertença	,008**
Influência	,487
Ligação Emocional Partilhada	,528

** $p < 0,01$

No que concerne à variável sociodemográfica “*como é viver em Portugal*” e a SCI2, verifica-se que 15 dos respondentes responderam *razoavelmente bom*, 13 classificam como *muito bom*, 1 *pouco bom* e 1 classificou como *nada bom* (vide tabela 34).

Tabela 35

Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “viver em Portugal”.

<i>Como é viver em Portugal</i>	<i>Medidas de Estatística Descritiva</i>	<i>Reforço de Necessidades</i>	<i>Pertença</i>	<i>Influência</i>	<i>Ligação Emocional Partilhada</i>
Bastante bom	Média	8,0000	8,0000	7,0000	7,0000
	D.P.	,	,	,	,
	N	1	1	1	1
Muito bom	Média	9,1538	7,6923	7,3077	8,5385
	D.P.	4,52486	2,68901	3,83807	3,17845
	N	13	13	13	13
Razoavelmente bom	Média	10,0000	10,2667	9,0667	11,4667
	D.P.	3,09377	3,19523	3,08143	3,44065
	N	15	15	15	15
Nada bom	Média	9,0000	12,0000	2,0000	,0000
	D.P.	,	,	,	,
	N	1	1	1	1
Total	Média	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	D.P.	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085
	N	30	30	30	30

Recorreu-se à análise ANOVA de modo a encontrar valores estatisticamente significativos entre a variável sociodemográfica “como é viver em Portugal” e a SCI2, e foi encontrado um valor estatisticamente significativo na dimensão “*Ligação emocional partilhada* com $p < 0,01$ para a questão “como é viver em Portugal”.

Tabela 36

Resultados da ANOVA para a variável sociodemográfica “Como é viver em Portugal” e a SCI2.

<i>Dimensões SCI2</i>	<i>F</i>	<i>Sig.</i>
Reforço de Necessidades	,177	,911
Pertença	2,104	,124
Influência	1,687	,194
Ligação Emocional Partilhada	5,004	,007*

$p < 0,01$ *

No que concerne à variável sociodemográfica “futuro com alegria e optimismo” e a SCI2, verifica-se que 13 dos respondentes responderam muito bom, 9 classificaram como razoavelmente bom, 5 pouco bom e 3 classificou como bastante bom (vide tabela 37).

Tabela 37

Média e Desvio Padrão dos Valores do SCI2 relativamente à Variável “Vê o seu futuro com alegria e optimismo”.

<i>Vê o futuro com optimismo e alegria</i>	<i>Medidas de Estatística Descritiva</i>	<i>Reforço de Necessidades</i>	<i>Pertença</i>	<i>Influência</i>	<i>Ligação Emocional Partilhada</i>
bastante bom	Média	10,6667	10,6667	6,3333	6,3333
	D.P.	3,78594	2,30940	3	3
	N	3	3	4,04145	6,02771
Muito bom	Média	9,0769	7,7692	7,1538	9,7692
	D.P.	4,07148	3,24432	13	13
	N	13	13	4,27875	3,37031
razoavelmente bom	Média	10,0000	9,8889	9,1111	10,7778
	D.P.	3,74166	2,02759	9	9
	N	9	9	2,66667	4,02423
Pouco bom	Média	9,2000	10,4000	9,2000	9,4000
	D.P.	3,11448	4,21900	2,48998	4,15933
	N	5	5	5	5
Total	Média	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	D.P.	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085
	N	30	30	30	30

Recorreu-se à análise *ANOVA* de modo a encontrar valores estatisticamente significativos entre a variável sociodemográfica “vê o seu futuro com alegria e optimismo” e a SCI2, e não foram encontrados valores estatisticamente significativos.

10. RESULTADOS DA CORRELAÇÃO ENTRE AS DIMENSÕES DA ESCALA SCI2.

No que concerne à correlação de Pearson, verificou-se nos participantes existirem correlações estatisticamente significativas de forma positiva entre as dimensões do SCI2. Uma associação que se verificou significativa entre todos os sub domínios na relação entre as várias dimensões (vide tabela 38).

Tabela 38**Correlação de Pearson entre as dimensões da escala do SCI2.**

<i>Correlação de Pearson</i>	<i>Reforço de Necessidades</i>	<i>Pertença</i>	<i>Influência</i>	<i>Ligação emocional partilhada</i>
Reforço de necessidades		,595**	,784**	,600**
Pertença	,595**		,572**	,588**
Influência	,784**	,572**		,706**
Ligação emocional partilhada	,600**	,588**	,706**	
N	30	30	30	30

** *Correlação é significativa a 0.01*

11. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O objectivo deste estudo, é avaliar o Sentimento Psicológico de Comunidade em população migrante cabo-verdiana em Portugal no seu contexto associativo. Procura-se determinar a influência das variáveis inerentes ao Sentimento Psicológico de Comunidade. Assim, avalia-se: *o reforço de necessidades, o sentimento de pertença, influência e ligação emocional partilhada*, e ainda as variáveis Sócio Demográficas de modo a procurar determinar influência destas. Na discussão de resultados procura-se inferir e construir significado do conjunto de instrumentos aplicados neste estudo e para tal ir-se-á utilizar diferentes conceitos teóricos que se tem vindo a apresentar e que se possam enquadrar e cruzar informação acerca do Sentimento Psicológico de Comunidade.

De forma a confirmar o primeiro objectivo de estudo, ou seja, “Verificar os níveis de sentimento psicológico de comunidade”, a fidelidade do instrumento (SCI2) apresentou uma boa consistência com um Alpha de Cronbach de 0,92, revelando um valor estatisticamente significativo (vide tabela 16). Já no total da escala verifica-se uma média de 36,33, um desvio padrão de 12,26, com um intervalo mínimo de 11 e máximo de 58 (vide tabela 18), o que, segundo Chavis & Lee (2008) os resultados divergem entre 0 e 72,

sendo que os resultados altos indicam elevado sentimento de comunidade o que se verificou de igual modo neste estudo. Observa-se igualmente através da validade total da escala um forte sentimento de comunidade assim como em cada dimensão (vide tabela 17 e 19) quando comparado com o estudo original de Chavis & Lee (2008). Segundo Sonn (2002) o sentimento de comunidade nas diferentes comunidades pode ser uma variável usada para explorar e compreender a integração de grupos de migrantes, assim com a idade e religião em contexto de comunidade facilitam um maior contacto e influência do sentimento de comunidade. O factor associativo surge como facilitador ambiental e psicossocial que imerge da necessidade de identidade (Lewis e Plas, 1996), que por sua vez torna-se como um link de identidade entre membros de uma comunidade (Blakely & Brown, 2007). Na população migrante cabo-verdiana observa-se de que a língua, o passado comum, a história, a família (29 dos inquiridos tinha família em Portugal), são o link facilitador.

No segundo objectivo, “Avaliar a influência das variáveis sociodemográficas no Sentimento Psicológico de Comunidade”, foi encontrado um valor estatisticamente significativo entre a *Situação Laboral* e a dimensão *Ligação Emocional Partilhada*, que salienta o sentimento de calor e intimidade resultante do “compromisso e crença de que os membros partilharam e irão partilhar história, lugares comuns, tempo juntos, e experiências similares” (McMillan & Chavis, 1986, p.9), o que torna o meio laboral como facilitador no desenvolvimento de capacidades e inserção no contexto de interacção (Chavis & Lee 2008).

Encontrou-se igualmente valores significativos nos dados sociodemográficos referentes à migração na questão “*Papel desempenhado pelo líder*” em que se registou significância positiva nas dimensões: *reforço de necessidades, pertença e influência*. Segundo Madeira (1996), a promoção de associações tem como objectivo a sua própria manutenção enquanto identidade, pois estas contribuem para a integração dos migrantes o que por sua vez produz sentimento de pertença, de fazer parte de um grupo, partilha e importância para o, e no grupo, nesta questão mais de metade dos respondentes caracterizaram o papel desempenhado pelo líder de razoavelmente bom (vide tabela 31), mais ainda, de que o papel do líder influencia os seus membros a participar, informar e influenciar oportunidades de relevância para o grupo (Chavis & Lee 2008), levando à sua

participação ou não na sociedade acolhedora. De acordo com Sonn (2002), no processo de integração, requer dos indivíduos um carácter dinâmico, pró-activo e participativo. Permitindo que o grupo ou associação tenha uma papel activo na integração, deste modo Bathum & Baumann (2007), o processo de desenvolvimento de comunidades são influenciados pelas experiências vividas pelo grupo, nas quais os líderes tem um papel importante no sentimento de comunidade já que o fortalecem nos seus membros. Segundo Carita (1994), o papel dos líderes associativos assumem-se como instrumento de defesa dos interesses colectivos dessa comunidade, assim, as associações influenciam a comunidade em três grandes domínios como afirmam Albuquerque, Rosana; Ferreira, Lúcia; Viegas, Telma (2000), ou seja, no domínio socio-económico, através de acções de educação e formação, no domínio cultural de modo a conservar e transmitir a identidade cultural e por último no domínio político-legal assentes sobre os direitos e deveres dos migrantes. Alguns estudos mostraram que a estratégia de integração/aculturação é influenciada pelas oportunidades de modo a manter a sua própria língua, relação intergrupala e participação dinâmica da própria comunidade em que se encontra inserido (Portes et al., 1996; Birman 1994; Berry, 2005).

Encontrou-se igualmente um valor estatisticamente significativo de forma positiva nos dados sociodemográficos referentes à migração na questão: *“Como classifica o trabalho realizado pela sua associação”* e a dimensão de *“Pertença”* do Sentimento psicológico de comunidade com um valor de 0,008, ou seja, com uma probabilidade $p < 0,01$. Esta variável vem acentuar o parágrafo anterior acerca do papel desempenhado pelo líder, ou seja, cabe a este desenvolver competências de interacção, adaptação, consolidação de um sentimento de pertença o que por sua vez leva à prossecução de objectivos, ao empowerment e capital social (Rex, 1994; Carita & Rosendo, 1993; Cheetham, 1998; Lee, 2003a).

Na variável sociodemográfica *“Como é viver em Portugal”* e a dimensão do Sentimento Psicológico de Comunidade *“ligação emocional partilhada”*, foi encontrado um valor estatisticamente significativo com um valor de 0,007, o que corresponde a uma probabilidade estatística significativamente positiva ($p < 0,01$). Este valor vem dar ênfase de o cabo-verdianos constituem o grupo contemporâneo de migrantes com níveis de consolidação mais significativos no contexto da sociedade portuguesa (Évora, Lúcia, 1997),

por outro o nível de inquiridos com o ensino superior (vide tabela 22) vem atribuir importância ao reagrupamento familiar e à intenção dos jovens em estudar e concluir os seus estudos em Portugal. Esta variável vem acentuar os processos de integração, tais como, alojamento, trabalho, educação (Outcomes Report, 2007), e fazendo de Portugal um dos destinos preferenciais.

Quanto ao terceiro e último objectivo proposto é “Avaliar uma eventual associação entre cada uma das dimensões que constituem o Sentimento Psicológico de Comunidade”. No que concerne à correlação de Pearson verificou-se existirem correlações estatisticamente significativas de forma positiva (vide tabela 38) entre todas as dimensões do Sentimento Psicológico de Comunidade. Uma associação que se verificou significativa entre todos os sub domínios na relação entre as várias dimensões de modo positivo. Neste último objectivo que concerne em avaliar uma eventual correlação entre as dimensões do Sentimento Psicológico de Comunidade, após a análise dos resultados, verificou-se a existência de uma forte correlação positiva com significância estatística, que demonstra que quanto maior for o Sentimento de Comunidade percebido maior será a integração, adaptação e participação pelos migrantes cabo-verdianos na associação. Para Lee (2003b) participação, é o ato pelo qual se pratica a cidadania, e no que concerne a este conjunto de participantes verifica-se que quanto maior for o sentimento de pertença, influência, reforço de necessidades e ligação emocional partilhada maior será a participação do indivíduo e grupo sendo essencial que os líderes e organizadores contribuem activamente através da mobilização cívica pelo interesse do grupo. Por outro lado as associações representam o espaço privilegiado de organização de pertenças culturais e comunitárias das comunidades que representam, já que o processo de empowerment para participar é o processo pelo qual os cidadãos gerem as suas oportunidades e reconhecimento através da mensagem colectiva que é transmitida aos decisores, assim como, o seu envolvimento para evitar o separatismo entre grupos mesmo que diferentes, mesmo quanto a diferentes necessidades (Lee, 2003a; Boyte, 1989; Docherty, Goodlad, & Paddison, 2001), contrariando desta forma o absentismo da participação e visibilidade exterior (Kuan & Lau, 2002; Zimmerman & Rappaport, 1988). Podemos concluir que Sarason (1974), que inicialmente utilizou o termo de comunidade para referir ou dar ênfase a vários contextos e redes de relações incluindo grupos ou instituições em que os vários intervenientes participam e se identificam. Neste estudo a identidade com um forte Sentimento Psicológico de Comunidade serve como elo comum que aproxima a intenção de ser membro de algo com o qual o indivíduo partilha os mesmos interesses e identifica-se (Ornelas, 2008), então sugere o estudo de que uma participação activa vai motivar a manutenção e expansão da participação dos seus membros (Harré, 2007).

12. CONCLUSÃO

De modo a situar o estudo no tempo e espaço temporal, damos conta de que a temática das migrações em Portugal ainda se encontra em evolução, como se observa pela legislação em Diário da República o qual se passa a citar:

“Apesar da evolução positiva que as políticas de acolhimento e integração de imigrantes têm registado nos últimos anos, Portugal não tem ainda um plano global, integrado e de largo espectro que sistematize os objectivos e os compromissos sectoriais do Estado português para acolher e integrar os imigrantes que nos procuram (Resolução do Conselho de Ministros n.º 63-A/2007)”.

Os dados deste estudo mostram uma relação diferencial e assertiva entre as variáveis que deve ser tida em consideração nas estratégias dos líderes das associações. Face aos resultados obtidos, algumas considerações merecem ser tecidas no sentido de sensibilizar as associações para a reflexão sobre possíveis estratégias que possam promover a adopção de melhor capacidade/empowerment na integração dos migrantes. Partindo de um desenho de investigação exploratória observacional descritiva, a amostra foi realizada num universo de 30 indivíduos associados à comunidade cabo-verdiana de Lisboa, procurando determinar as quatro dimensões do Sentimento Psicológico de Comunidade. Este elo entre a transversalidade e empowerment na migração tem de algum modo dar resposta a um problema tido por todos que trabalham na área da migração e a psicologia comunitária que com estes estudos interagem no problema das fronteiras, mobilidade social, pelo simples facto de que se passa de insider a outsider numa peça de engrenagem nos processos sociais organizados como as organizações. A participação dos membros é de extrema importância, segundo os dados obtidos neste estudo, porque o sentimento de comunidade aumenta com a dinâmica e visibilidade das acções de todos os que da associação fazem parte. Assim, o empowerment vem dar voz, incluindo e influenciando reciprocamente a comunidade migrante na sociedade acolhedora, já que o sentimento psicológico de comunidade é uma realidade multidimensional porque, não estamos a avaliar várias associações mas sim apenas uma e com raízes profundas que a ligam com Portugal e não apenas numa relação de territorialidade mas, de história.

No que respeita a possíveis investigações que surgem como pertinentes neste campo e atendendo à diversidade de questões que se tocam no âmbito das migrações seria interessante aprofundar o percurso do Sentimento Psicológico de Comunidade nas restantes associações, porque nos últimos anos verificou-se aumentos dos fluxos migratórios em Portugal, e cabe às associações realizarem o progresso das democracias, realizando uma necessidade básica que é tão simples como participar e agrupar interesses. Devido às lacunas do movimento associativo nas demais associações de migrantes, fica o mote da importância da comparação entre grupos. O reforço na intenção do empowerment como se tem vindo a salientar reside na importância de que estas estratégias de empowerment associativo requerem necessariamente de intervenções individuais e posteriormente reforçadas pela integração em grupos, em objectivos comuns e associativos. Verifica-se que a intervenção individual é a mais difícil, mas a que atribui início à informação, interpretação, colaboração conjunta o que finalmente resulta numa mutualidade de interesses e de acção pretendida.

REFERÊNCIAS

- II Fórum Nacional das Estruturas Representativas dos Imigrantes - “ Por uma Cidadania Plena” . Setúbal, 13, 14, 15 de Abril de 2007. Lígia Évora Ferreira. Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais/CEMRI da Universidade Aberta
- ACIME (2006). Mesa Redonda – Regime de Constituição e Direitos e Deveres das *Associações Representativas dos Imigrantes e seus Descendentes*. Consultado em 01 de Janeiro de 2008, através de: http://www.acime.gov.pt/docs/Assoc/06-06-12_MR_Representatividade_Anexo.doc
- ACIME, (2005) – http://www.oi.acime.gov.pt/docs/lest/estatisticas_GEE_2005.pdf (em referência a imigrantes com visto permanente de residência).
- Albuquerque, Rosana; Ferreira, Lígia Évora; Viegas, Telma (2000) «O Fenómeno Associativo em Contexto Migratório», Lisboa, Celta Editora. O fenómeno associativo em contexto migratório – duas décadas de associativismo de imigrantes em Portugal. Oeiras: Celta Editora
- Amaro, J. P. (2007). Sentimento Psicológico de Comunidade: uma revisão. *Análise Psicológica*, 1 (XXV), 25-33.
- Amaro, R.R. (1985). Caracterização dos cabo-verdianos residentes em Portugal, a partir dos dados do recenseamento de 1981. Lisboa: IED
- Bathum, M. E. & Baumann, L. C. (2007). A sense of community among immigrant latinas. *Community health*, 30 (3), 167-177.
- Birman, D. (1994). Acculturation and human diversity in multicultural society. In E.J.

- Birman, D. (1998). Biculturalism and perceived competence of latino immigrant adolescents. *American Journal of Community Psychology*, 26 (3), 335-354.
- Berkowitz, B. (2001). Studying the outcomes of community based coalitions. *American Journal of Community Psychology*, 29 (2), 213-227.
- Berry, J.W. Phiney, J.S., Sam, D.L. & Vedder, P. (2006). Immigrant Youth: Acculturation, identity and adaptation. *Applied psychology: an international review*, 55 (3), 303-332.
- Berry, J.W. (2005). Acculturation: Living successfully in two cultures. *International Journal of Intecultural relations* 29, 697-712.
- Berry, J.W. (2001). A psychology of immigration. *Journal of social issues*, 57 (3), 615-631.
- Berry, J.W. (1997). Immigration, acculturation and adaptation. *Applied psychology: an international review*, 46 (1), 568.
- Bachrach, K., & Zautra, A. (1985). Coping with a community stressor: The threat of a hazardous waste facility. *Journal of Health and Social Behaviour*, 26, 127-141.
- Boyte, H. (1989). *Common Wealth*. New York: The Free Press.
- Brody, A. E., P. J. O'Campo, & R. E. Aronson. 1999. PSOC in community context: Multi-level correlates of a measure of psychological sense of community in lowincome, urban neighborhoods. *Journal of Community Psychology* 27: 659-679.
- Brody, A. (1996). Resilient single mothers in risky neighbourhoods: Negative Psychological Sense of Community. *Journal of Community Psychology*, 24, 347-363.

- Boski, P. (2008). Five meanings of integration in acculturation research. *International Journal of Intercultural Relations*, 32, (2), 142-153.
- Carita, C., & Rosendo, V.N. (1993). Associativismo cabo-verdiano em Portugal: estudo de caso da Associação cabo-verdiana em Lisboa. *Sociologia – Problemas e práticas*. N.º 13, pp.135-152.
- Carita, C. (1994). Associativismo étnico cabo-verdiano. In *Minorias Étnicas – A participação na vida da cidade: actos do colóquio*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa: pp.29-32.
- Castles, S. (2005). Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios dos trabalhadores convidados às migrações globais, Lisboa. Ed. Fim de Século
- Chavis, D.M., Lee, K.S., & Acosta J.D. (2008). *The Sense of Community (SCI) Revised: The Reliability and Validity of the SCI-2*. Paper presented at the 2nd International Community Psychology Conference, Lisboa, Portugal.
- Chavis, D. M., & A. Wandersman. 1990. Sense of community in the urban environment: A catalyst for participation and community development. *American Journal of Community Psychology* 18: 55-82.
- Chavis, D., Hogge, J., McMillan, D., & Wandersman, A. (1986). Sense of community through Brunswick's Lens: A First Look. *Journal of Community Psychology*, 14, 24-40.
- Cheetham, A. P., (1988). Ethnic associations in Britain – in Jenkins, S. (ed.) *ethnic Associations and the welfare State; services to immigrants in five countries*. New York: Columbia University Press: pp. 107-154.
- Dalton, J., Elias, M., e Wandersaman (2001). Understanding Sense of Community. *Community Psychology linking individual and communities*. (pp.186-217). Wadwarth: Thomson Learning.

- Dalton, J. e Elias, M. (2001). What is Community Psychology. *Community Psychology linking individual and communities*. (pp.3-25). Wadwarth: Thomson Learning.
- Dalton, J., Elias, M., & Wandersman, A. (2007). *Community psychology: Linking individuals and communities* (2nd ed.). Belmont: Thomson Wadsworth.
- Davidson, W., & Cotter, P. (1991). The relationship between sense of community and subjective wellbeing: A first look. *Journal of Community Psychology*, 19, 246-253.
- Davidson, W., & Cotter, P. (1986). Measurement of Sense Of community within the sphere of city. *Journal of Applied Social Psychology*, 16, 608-619.
- Docherty, I., Goodlad, R., & Paddison, R. (2001). Civic culture, community, and citizen participation in contrasting neighborhoods. *Urban Studies* 38 (1), 2225-2250.
- Doolittle, R., & MacDonald, D. (1978). Communication and a sense of community in a metropolitan neighbourhood: A factor analytic examination. *Communication Quarterly*, 26, 2-7.
- Douglas D. Perkins & Marc A. Zimmerman (1995). Empowerment theory, research, and application. *American Journal of Community Psychology: Behavioral Science*. Volume 23, Number 5 / October, 1995. pp. 569-579
- Embaixada de Cabo Verde em Portugal/IESE/Geoideia (1999). Estudo de caracterização da comunidade cabo-verdiana residente em Portugal, Lisboa: Embaixada de Cabo Verde em Portugal.
- Eaton, M. (2001). Lusophone-african insertions in Portugal's dual labour market. *International Journal of Iberian studies*.
- Evans, S. D. (2007). Youth sense of community: voice and power in community contexts. *Journal of Community Psychology*, 35, (6), 693-709.

- Fals Borda, O. (1959). Acción comunal en una vereda colombiana. Bogotá: Universidad nacional de Colombia. Monografías sociológicas.
- Ferreira, Lígia Évora (2007). Direitos e Participação Política: “*Participação política, que desafios?*”. II Fórum nacional das estruturas representativas dos imigrantes – “Por uma cidadania plena”. Setúbal, 13, 14, 15 de Abril de 2007
- Ferreira, Lígia Évora (2003) *A Mediação Cultural Luso-Cabo-verdiana nas Construções Cognitivas*, Lisboa, Universidade Aberta, IEPG / Coleção de Estudos Pós-Graduados
- Ferreira, Lígia Évora (1997) *Cabo Verde. Cape Verde. Le Cap Vert*. Lisboa, Universidade Aberta.
- Fisher, A., & Sonn, C. (1999). Aspiration to community: community responses to rejection. *Journal of Community Psychology*, 27, (6), 715-725.
- França, L. (Coord.); (1992). A comunidade cabo-verdiana em Portugal. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, caderno n.º23.
- Garcia, I., F. Giuliani, & E. Wiesenfeld. 1999. Community and sense of community: The case of an urban barrio in Caracas. *Journal of Community Psychology* 27, 727-740.
- García-Ramírez, M., Martínez, M.F., & Albar, M.J. (2002, a) "La elección de fuentes de apoyo social entre inmigrantes marroquíes y filipinos de la Costa del Sol. *Psicothema*, 14 (2), 169- 374.
- García-Ramírez, M., Martínez, M.F., Albar, M. J. & Santolaya, F.J. (2002, b) Inmigrantes y recursos sociales naturales. La aplicación del modelo del convoy social al proceso de aculturación. *Migraciones*, 11. 83-111.

- Garcia-Ramirez, M. & Camacho, C. (2005). Adaptation y satisfaction among morocan in Spain: the community context role. Presentación oral en el congreso Community Psychology in Global Perspective.
- Glynn, T. (1981). Psychological sense of community: *Measurement and application*. *Human Relations*, 34, 789-818.
- Góis, P. (2002). A migração cabo-verdiana para (e na) Europa e a sua inserção em mercados de trabalho locais: Lisboa, Milão e Roterdão. Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1999) *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Guiddens, Anthony (2000) *O Mundo na Era da Globalização*, Lisboa, Editorial Presença
- Green (2001). From research to “best practices” in other settings and populations. *American Journal of Health Behavior*. 25 (3) 165-178)
- Halualani, R. T. (2008). How do multicultural university students define and make sense of intercultural contact? A qualitative study. *International Journal of Intercultural Relations*.
- Harré, N. (2007). Community service or activism as an intentity project for Youth Journal of community Psychology, 35, (6), 711-724.
- Heller A.; Ferenc Fehér (2006) *A Condição Política Pós Moderna*, Brasil, Editora Civilização Brasileira (Grupo Record)
- Heller, K., (1989). The Return to Community. *American Journal of Community Psychology*, 17, (1), 1-15.

- Horta, Ana Paula Beja e Jorge Malheiros. 2004. “Os Cabo-verdianos em Portugal: Processo de consolidação, estratégias individuais e acção colectiva” in *Estratégia – Revista do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais*, Nº 20:83-103.
- Hughey, J., P. W. Speer, & N. A. Peterson. 1999. Sense of community in community organizations: Structure and evidence of validity. *Journal of Community Psychology*. 27: 97-113.
- 2003).
- Journal article by Edmund W. Gordon; *Educational Psychologist*, Vol. 26, 1991
- Khan, R.L. & Antonucci, T.C. (1980). Convoys over the life course: attachment, roles and social support. In P. Bltes & O. Brim (eds.). *life span development and behaviour*. San Diego, CA: Academic Press. Vol.3, 253-286.
- Kuan, H.S. & Lau, S.K. (2002). Traditional orientations and political participation in three Chinese societies. *Journal of Contemporary China*, 11 (31), 297-318.
- Itzhaky, H., & A. S. York. 2000. Sociopolitical control and empowerment: An extended replication. *Journal of Community Psychology* 28: 407-415.
- Lee, K., (2003a). Immigration policies and intergroup relations. Dissertação não publicada.
- Lee, K. (2003b). *Understanding culture, social organization, and leadership to enhance engagement*. In *Community Tool Box* [On-line]. Available: <http://ctb.lsi.ukans.edu>.
- Lee, K., (2004). The meaning and practice of civic participation among four immigrant communities. Dissertação não publicada.
- Lewis and Plas (1996), Environmental Factors and Sense of Community in a Planned Town. *American Journal of Community Psychology*, Vol. 24, No. 1, 1996.

Vanderbilt Univ.

- Madeira, N.M. (1996). Associativismo étnico cabo-verdiano e(re) construção das identidades. Dissertação de mestrado. Lisboa: ISPA.
- Machado, F.L. (2006). Novos portugueses? Parâmetros sociais da identidade social dos jovens descendentes de imigrantes africanos. In Miranda, J. & João, M.I.: Identidades nacionais em debate. Oeiras: Ed., Celta
- Mann, P. (1978). Community Psychology (concepts and applications. London: Collier MacMillan.
- Marsella, A. J. & Snyder, K. K. (1981). Stress, Social Supports and Schizophrenic Disorders: Toward an Interactional Model. *Schizophrenia Bulletin*, 7: 152-163.
- Martínez, M.; García-Ramírez, M. and Maya, I. (2001) The buffer effect of social support on depression in immigrant population. *Psicothema*, 13(4), 605-610.
- Martínez, M.; García-Ramírez, M. and Maya, I. (2001). An analytic typology of social support networks of African immigrants in Andalusia. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 95, 99-125.
- Maton, K., Perkins, D. & Saegert S., (2006). Community psychology at the crossroads: prospects for interdisciplinary research. *American journal of Community Psychology*, 38, 9-21
- McMillan and Chavis (1986). Sense of Community: A definition and theory. *Journal of Community Psychology*, volume 14, January 1986.
- Mitchell, R.E., Billings, A.G. & Moos, R.H. (1982). Social Support and Well-being: Implications for Prevention Programs. *Journal of Primary Prevention*, 4: 77-98.

- Montero, Maritza (1984). La Psicología Comunitaria: origenes, principios y fundamentos teóricos. *Revista latinoamericana de Psicología*; vol.16 (3) 387-400
- Navas, M., Garcia, M.C., Sánchez, J., Rojas, A.J., Pumares., P. & Fernández., J.S. (2005). Relative acculturation extended model (RAEM): new contributions with regard to the study of acculturation. *International Journal of Intercultural Relations*, 29,21- 37.
- Ornelas, J. (2008). Sentimento de Comunidade e Capital social. *Psicologia Comunitária. Fim de Século*.
- Ornelas, J. (2000). Diversidade e desenvolvimento Comunitário: uma proposta de análise contextualista. *Actas da II Conferência de Desenvolvimento Comunitário e Saúde Mental: Diversidade e multiculturalidade*. Lisboa: ISPA.
- Ornelas, J. (1998). II Congresso Europeu de Psicologia Comunitária: sessão de abertura. Comunicação apresentada no II Congresso Europeu de Psicologia Comunitária. Lisboa: ISPA
- Outcomes Report: Proposals for a European common system of indicators of immigrants integration (2007). Madrid: Ministerio de trabajo y Asuntos Sociales.
- Perkins, D. D., B. B. Brown, & R. B. Taylor. 1996. The ecology of empowerment: Predicting participation in community organizations. *Journal of Social Issues* 52: 85-110.
- Perkins, D. D., & D.A. Long. 2002. Neighborhood sense of community and social capital: A multi-level analysis. Pp. 291-318 in A. Fisher, C. Sonn, & B. Bishop (eds.), *Psychological Sense of Community: Research, Applications, and Implications*. New York: Plenum.

Perkins, D. D., P. Florin, R. C. Rich, A. Wandersman, & D. M. Chavis. 1990. Participation and the social and physical environment of residential blocks: Crime and community context. *American Journal of Community Psychology* 18: 83-115.

Phinney, J. (2002). New perspectives on Racial identity Development: A Theoretical and Practical Anthology. *Identity: An International Journal of theory and research*, 2 (2), 195-198)

Phinney, J. & Ong, A.D. (2007). Conceptualization and Measurement of Ethnic Identity: current status and future directions. *Journal of counselling Psychology*, 54, (3); 271-181.

Portes, A. & Rumbaut, R.G. (1996). *Inmigrant America : A portrait* (2nd ed.) Berkeley and Los Angeles: University of California Press. Apresentação oral al congreso Community Pshychology in Global Perspective. Illinois: Chicago

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS. Resolução do Conselho de Ministros n.º 63-A/2007. Diário da República, 1.ª série — N.º 85 — 3 de Maio de 2007

Prestby, J., Wandersman, A., Florin, P., Rich, R. & Chavis, D. (1990). Benefits, costs, incentive management and participation in voluntary organizations: A means to understanding and promoting empowerment. *American Journal of Community Psychology*, 18, 117-151.

Pretty, G., Andrewes, L., & Collett, C. (1994). Exploring adolescents' sense of community and its relationship to loneliness. *Journal of Community Psychology*, 22, 346-358.

Prezza, M., M. Amici, T. Roberti, & G. Tedeschi. 2001. Sense of community referred to the whole town: Its relations with neighboring, loneliness, life satisfaction, and area of residence. *Journal of Community Psychology* 29: 29-52.

Prezza, M. & Constantini, S. (1998). Sense of Community and Live Satisfaction: Investigação in Three Different Territorial Contexts. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 8, 181-194.

Projecto de investigação JODIA (Jovens descendentes de Imigrantes Africanos: transição para a integração ou exclusão social?) CIES/ISCTE/FCT, 2003-2005

Rappaport, J. (1978). *Community Psychology: values, research and action*. NY: Holt, Rinehart and Winston.

Rex (1994). Ethnic mobilisation in Britain – in *revue européenne des migrations internationales*. Vol.10 (1) : pp.7-30.

Ribeiro, J.L.P. (1999). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde*. Lisboa. Ed. Climepsi

Riger, S., & Lavrakas, P. (1981). Community ties: Patterns of attachment and social interaction in urban neighbourhoods. *American Journal of Community Psychology*, 9, 55-66.

Robin M. Blakely & David L. Brown (Cornell University). What does “Community” mean to New Yorkers? *Rural new york minute*. Issue n.º6/June 2007.

Romero, C. G. (2006). *Qué es la inmigración?* (2ª ed.) Barcelona: Integral.

Royal, M., & Rossi, R. (1996). Individual-level correlates of sense of community: Findings from workplace and school. *Journal of Community Psychology*, 24, 395-416.

Ross, L. (1977). The intuitive psychologist and his shortcomings: distortions in attribution process. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology* (vol. 10, pp. 173-220). New York: Academic.

- Rocha-Trindade, M. B. (2001). História da imigração em Portugal (II). Janus
- Sampson, R.J. 1991. Linking the micro- and macro-level dimensions of community social organization. *Social Forces* 70: 43-64.
- Saint-Maurice, A. (1997). Identidades reconstruídas – cabo-verdianas em Portugal. Lisboa: celta Editora.
- Sarason, I. G.; Johnson, J. H.; Siegel, J. M. (1978) – assessing the impact of life changes: development of the life experiences survey. *Journal of clinical psychology*, 46, 932-946
- Sarason, S. (1974). The perception and conception of a community. The psychological sense of community: prospects for a community psychology. (130-160). San Francisco: Jossey-Bass.
- Silva Sardinha, M.J. (2004). O associativismo cabo-verdiano na área metropolitana de Lisboa e a inserção da comunidade cabo-verdiana na sociedade portuguesa: associativismo e perspectivas das associações. Universidade Nova de Lisboa
- Shinn, M. (2007). Contextos comunitários favoráveis ao bem-estar. *Análise Psicológica*, 1 (XXV): 35-61..
- Sonn, C.C. & Fisher, A.T. (2005) Immigration and adaptation: confronting the challenges of cultural diversity. En G. Nelson y I. Prilleltensky (Eds.) *Critical Community Psychology: In pursuit for wellness and liberation* (pp. 348-363). London: Palgrave Macmillan.
- Sonn, C. (2002). Immigration adaptation. Understanding the process through sense of community. In *Psychological Sense of Community: research, applications and implications* (205-222). New York: Kluwer Academic.

- Sonn, C., & Fisher, A. (1996). Psychological sense of community in a politically constructed group. *Journal of Community Psychology*, 24, 417-430.
- Speer, P. W., C. B. Jackson, & N. A. Peterson. 2001. The relationship between social cohesion and empowerment: Support and new implications for theory. *Health Education and Behavior* 28: 716-732.
- Teixeira, Carla R.S.R; Veruska M.; Machado, Gabriela F. et al (2002). *Educational program evaluation at a preventive health service - SEMPRES*. In Proceedings of the 8. Brazilian Nursing Communication Symposium, 2002, San Pablo (SP, Brazil) [online]. 2002 [cited 13 April 2007]. Available from World Wide Web: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000052002000200022&lng=en&nrm=iso>.
- Tennent, L., Farrell, A., Tayler, C., (2005). Social Capital and Sense of Community: what do they mean for young children's success at school? (pp. 1-13)
- Trichett, E.J. (1994). Human diversity and Community Psychology: where ecology and empowerment meet. *American Journal of Community Psychology*. Vol.22, n° 4. 1994
- Velásquez, E., Martínez, M. L. & Cumsille, P. (2004). Expectativas de autoeficacia y actitud prosocial asociadas a participación ciudadana en jóvenes. *Psyche*, 13, (2), 85-98.
- Wandersman, A. (2003). Community Science: Bridging the gap between science and practice with community-centered models. *American Journal of Community Psychology*. Vol.31, n.°3/4 June 2003.

Wandersman, A., & G. A. Giamartino. 1980. Community and individual difference characteristics as influences on initial participation. *American Journal of Community Psychology* 8: 217-228.

What does “Community” mean to New Yorkers? By Robin M. Blakely & David L. Brown, Cornell University. June 2007, can be found at:
http://devsoc.cals.cornell.edu/cals/devsoc/outreach/cardi/publications/upload/06-2007_RNYM.pdf

Wirth, L., 1938, Urbanism as a way of life. *American Journal of Sociology*, Vol. 44, 3-24.

Wellman, B. (1981). Applying Network Analysis to the Study of Support. In *Social Networks and Social Support* (Benjamin H. Gottlieb, Ed.). pp171-200.

Zamudio, P. (2003). Lazos cambiantes: comunidad y adherencias sociales de migrantes mexicanos en Chicago. *Migraciones internacionales*. 2, (1), pp. 84-106.

Zeldin, S., Petrokubi, J & MacNeil, C., (2008). Youth-adult partnership in decision making: disseminating and implementing an innovative idea into established organizations and communities. *American Journal of Community Psychology*. 41, 262-277.

Zeldin, S., Camino, L. & Calvert, M. (2007). Toward an understanding of youth in community governance: policy priorities and research directions. *Análise Psicológica*, 1, (XXV), 77-95.

Zimmerman, M.A. & Rappaport, J. (1988). Citizen participation, perceived control, and psychological empowerment. *American Journal of Community Psychology*, 16, 725-750.

ANEXO – A

Questionário de caracterização sócio-demográfico da Amostra

(todos os dados do questionário são confidenciais)

Data _____

Assinale com uma **X (cruz)** a resposta que for adequada ao seu caso (ou complete-a, se for caso disso), em relação às seguintes questões:

1- Idade: ____ anos

2- Sexo:

Feminino Masculino

3- Estado civil:

Solteiro(a) Casado(a)

União de facto Divorciado(a) / Separado(a)

Viúvo(a)

4- Habilitações literárias _____

5- Situação laboral:

Empregado(a) Activo(a) baixa clínica

Desempregado(a)

Reformado(a) Invalidez

Outros: _____

6- Profissão actual ou anterior (especificar): _____

7- Localidade em que vive: _____

Dados referentes à imigração

8- Há quanto tempo está em Portugal?

9- Tem familiares em Portugal? SIM NÃO

10 – Formou ou tem família em Portugal? SIM NÃO

11- Já teve alguma dificuldade em Portugal? SIM NÃO

11.1- Se **SIM**, diga quais. _____

12- Participa activamente na sua associação? SIM NÃO

13- Entende que a cultura Cabo-verdiana é conhecida em Portugal? SIM

14 – Acha que as associações promovem a cultura Cabo-verdiana? SIM NÃO

15- Como classifica o papel da sua associação na sociedade portuguesa?

- 1. **Bastante Bom**.....
- 2. **Muito Bom**.....
- 3. **Razoavelmente Bom**.....
- 4. **Pouco Bom**.....
- 5. **Nada Bom**.....

16- Como classifica a acção do seu líder associativo?

- 1. **Bastante Bom**.....
- 2. **Muito Bom**.....
- 3. **Razoavelmente Bom**.....
- 4. **Pouco Bom**.....
- 5. **Nada Bom**.....

16- Como classifica o trabalho da sua associação?

- 1. **Bastante Bom**.....
- 2. **Muito Bom**.....
- 3. **Razoavelmente Bom**.....
- 4. **Pouco Bom**.....
- 5. **Nada Bom**.....

17- Como é viver em Portugal?

- 1. **Bastante Bom**.....
- 2. **Muito Bom**.....
- 3. **Razoavelmente Bom**.....
- 4. **Pouco Bom**.....
- 5. **Nada Bom**.....

18- Vê o futuro com optimismo e alegria?

- 1. **Bastante**.....
- 2. **Muito**.....
- 3. **Razoavelmente**.....
- 4. **Pouco**.....
- 5. **Nada**.....

Anexo B

OUTPUTS REFERENTES À CARACTERIZAÇÃO
SOCIODEMOGRÁFICA

Frequências - Idade

Estatística – Idade

<i>N</i>	<i>Valid</i>	30
	<i>Missing</i>	0

<i>idade</i>		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cumulative Percent</i>
Valid	25	2	6,7	6,7	6,7
	26	1	3,3	3,3	10,0
	28	1	3,3	3,3	13,3
	31	2	6,7	6,7	20,0
	33	2	6,7	6,7	26,7
	34	1	3,3	3,3	30,0
	35	1	3,3	3,3	33,3
	36	1	3,3	3,3	36,7
	37	1	3,3	3,3	40,0
	38	2	6,7	6,7	46,7
	40	2	6,7	6,7	53,3
	43	1	3,3	3,3	56,7
	44	1	3,3	3,3	60,0
	45	1	3,3	3,3	63,3
	46	1	3,3	3,3	66,7
	48	1	3,3	3,3	70,0
	55	3	10,0	10,0	80,0
	56	1	3,3	3,3	83,3
	60	1	3,3	3,3	86,7
	63	1	3,3	3,3	90,0
	68	1	3,3	3,3	93,3
	69	2	6,7	6,7	100,0
	Total	30	100,0	100,0	

Descritivas - Idade

Estatística Descritiva

	<i>N</i>	<i>Minimum</i>	<i>Maximum</i>	<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>
idade	30	25	69	43,53	13,449
Valid N (listwise)	30				

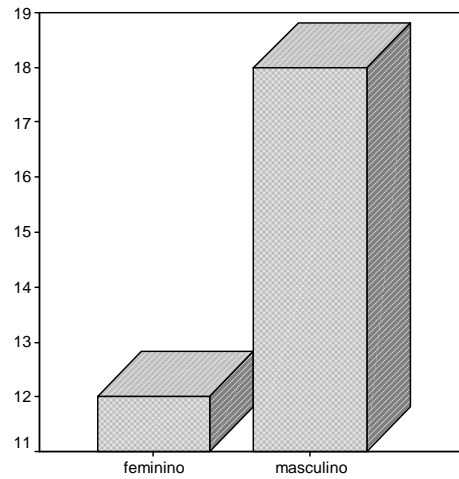
Frequências - Género

Estadística - Género

<i>N</i>	<i>Valid</i>	30
	<i>Missing</i>	0

<i>género</i>	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cum. Percent</i>
feminino	12	40,0	40,0	40,0
masculino	18	60,0	60,0	100,0
Total	30	100,0	100,0	

Gráfico – Género



género

Frequências – Estado civil

Estatística

estado civil

N	Valid	30
	Missing	0

Estado civil	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cum. Percent</i>
Solteiro	13	43,3	43,3	43,3
união de facto	1	3,3	3,3	46,7
casado	10	33,3	33,3	80,0
divorciado	5	16,7	16,7	96,7
viuvo	1	3,3	3,3	100,0
Total	30	100,0	100,0	

Frequências - Habilitações Literárias

Statistics

habilitações literárias

N	Valid	30
	Missing	0

Habilitações Literárias

	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cumulative Percent</i>
3º ciclo	4	13,3	13,3	13,3
secundário	7	23,3	23,3	36,7
superior	19	63,3	63,3	100,0
Total	30	100,0	100,0	

Frequências – Situação Laboral

Estatística

situação laboral		
N	Valid	30
	Missing	0

<i>situação laboral</i>	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cum. Percent</i>
empregado	22	73,3	73,3	73,3
desempregado	4	13,3	13,3	86,7
reformado	4	13,3	13,3	100,0
Total	30	100,0	100,0	

Frequências – Há quanto tempo está em PT

Estatística

Há qto tempo está em Portugal

N	Valid	30
	Missing	0

Há qto tempo está em Portugal

<i>Há qto tempo está em Portugal</i>	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cum. Percent</i>
1	1	3,3	3,3	3,3
2	1	3,3	3,3	6,7
4	1	3,3	3,3	10,0
8	1	3,3	3,3	13,3
10	3	10,0	10,0	23,3
11	1	3,3	3,3	26,7
16	1	3,3	3,3	30,0
19	1	3,3	3,3	33,3
20	3	10,0	10,0	43,3
25	2	6,7	6,7	50,0
30	2	6,7	6,7	56,7
31	1	3,3	3,3	60,0
34	1	3,3	3,3	63,3
35	2	6,7	6,7	70,0
36	2	6,7	6,7	76,7
38	2	6,7	6,7	83,3
40	2	6,7	6,7	90,0
47	1	3,3	3,3	93,3
50	1	3,3	3,3	96,7
68	1	3,3	3,3	100,0
Total	30	100,0	100,0	

Estadística Descritiva – Quanto tempo se encontra em PT

	<i>N</i>	<i>Minimum</i>	<i>Maximum</i>	<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>
Há quanto tempo está em Portugal	30	1	68	26,30	15,759

Frequências - Tem família em PT

Estadística

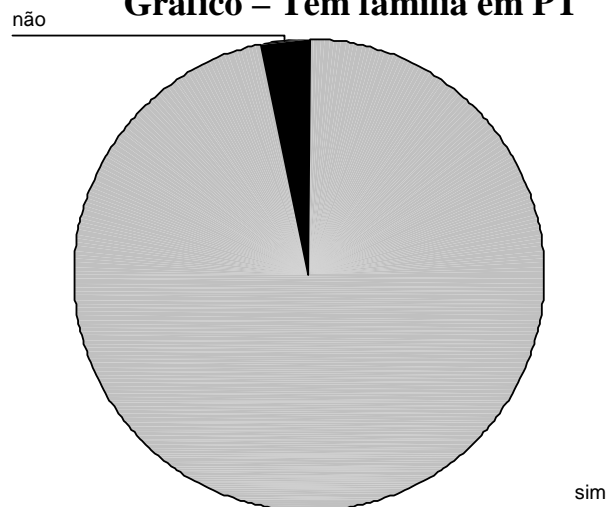
Tem ou já tinha família em Portugal

N	Valid	30
	Missing	0

Tem família em Portugal

		<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cumulative Percent</i>
Valid	sim	29	96,7	96,7	96,7
	não	1	3,3	3,3	100,0
Total		30	100,0	100,0	

Gráfico – Tem família em PT



Frequências - Formou de família em PT

Estadística

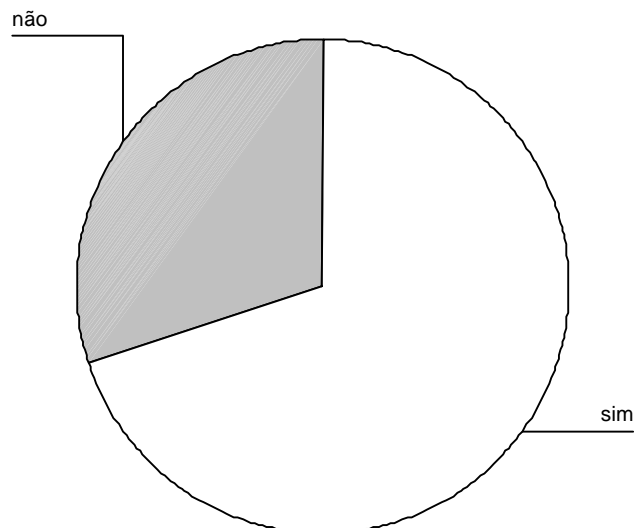
Formou família em Portugal

N	Valid	30
	Missing	0

Formou família em Portugal

	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cumulative Percent</i>
Sim	21	70,0	70,0	70,0
Não	9	30,0	30,0	100,0
Total	30	100,0	100,0	

Gráfico - Formou família em PT



Frequências – Participação na associação

Estatística

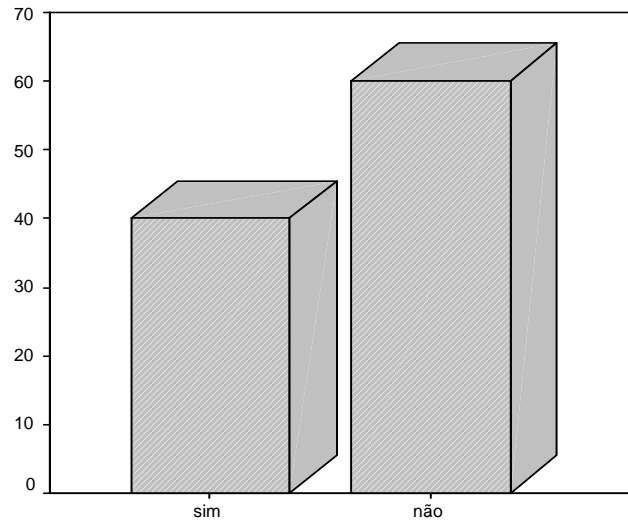
Participação activa na associação

N	Valid	30
	Missing	0

Participação activa na associação

	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cumulative Percent</i>
Sim	12	40,0	40,0	40,0
Não	18	60,0	60,0	100,0
Total	30	100,0	100,0	

Gráfico – Participação associativa



Participação activa na associação

Frequências - A cultura Cabo-verdiana é conhecida em PT

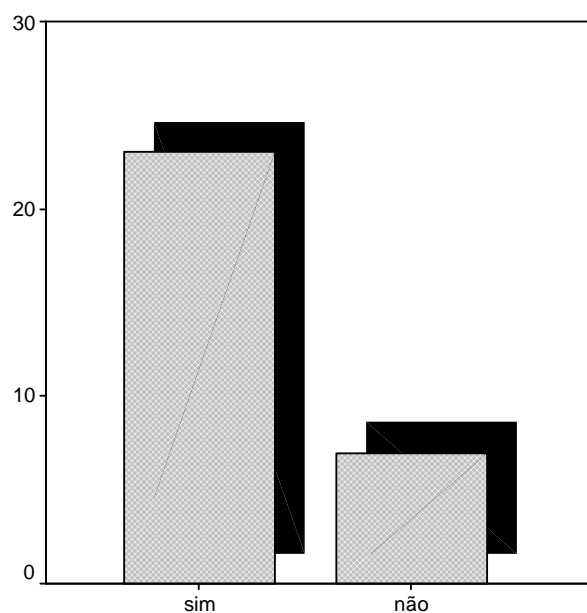
Estatística

A cultura Cabo-verdeana é conhecida em PT

N	Valid	30
	Missing	0

A cultura Cabo-verdeana é conhecida em PT				
	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cum. Percent</i>
Sim	23	76,7	76,7	76,7
Não	7	23,3	23,3	100,0
Total	30	100,0	100,0	

Gráfico - A cultura Cabo-verdiana é conhecida em PT



A cultura Cabo-verdeana é conhecida em PT

Frequências - Promoção da cultura cabo-verdiana

Statistics

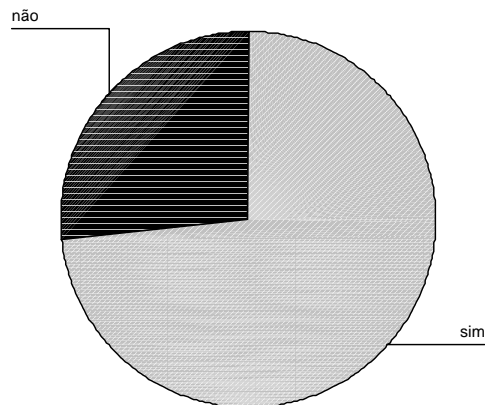
A associação promove a cultura Cabo-verdeana

N	Valid	30
	Missing	0

A associação promove a cultura Cabo-verdeana

	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cumulative Percent</i>
Sim	22	73,3	73,3	73,3
Não	8	26,7	26,7	100,0
Total	30	100,0	100,0	

Gráfico – A associação promove a cultura cabo-verdiana



Frequências - Desempenho da associação na sociedade de acolhimento

Estatística

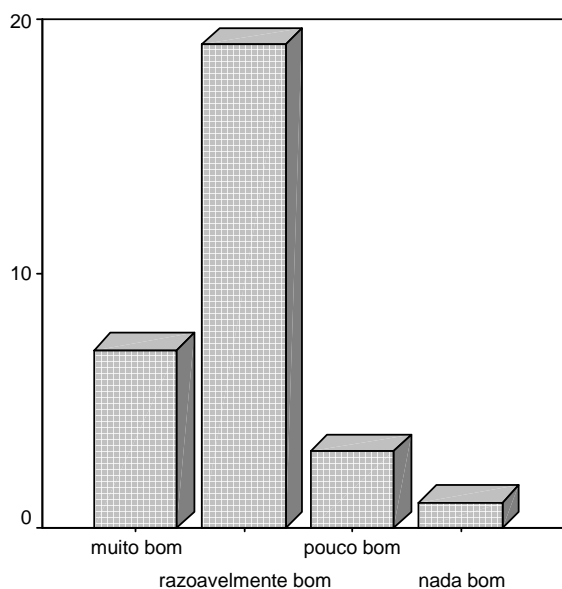
Como classifica o desempenho da associação na sociedade portuguesa

N	Valid	30
	Missing	0

Como classifica o desempenho da associação na sociedade portuguesa

	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cumulative Percent</i>
muito bom	7	23,3	23,3	23,3
razoavelmente bom	19	63,3	63,3	86,7
pouco bom	3	10,0	10,0	96,7
nada bom	1	3,3	3,3	100,0
Total	30	100,0	100,0	

Gráfico - Desempenho da associação na sociedade de acolhimento



Como classifica o desempenho da associação na s

Frequências - Como caracteriza o papel do seu líder associativo

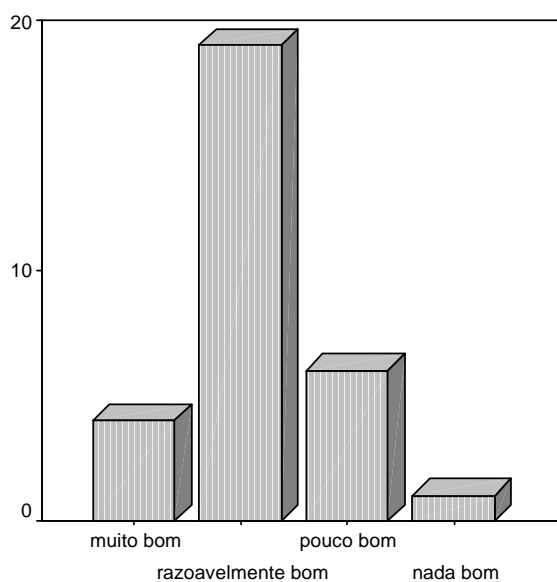
Estadística

Como classifica o papel do seu líder associativo

N	Valid	30
	Missing	0

Como classifica o papel do seu líder associativo				
	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cumulative Percent</i>
muito bom	4	13,3	13,3	13,3
razoavelmente bom	19	63,3	63,3	76,7
pouco bom	6	20,0	20,0	96,7
nada bom	1	3,3	3,3	100,0
Total	30	100,0	100,0	

Gráfico - Como caracteriza o papel do seu líder associativo.



Como classifica o papel do seu líder associativo

Frequências - Como classifica o trabalho da sua associação

Estatística

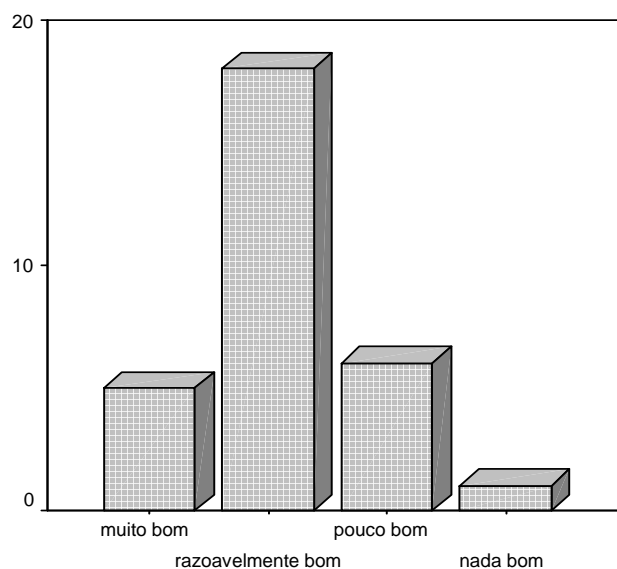
Como classifica o trabalho da sua associação

N	Valid	30
	Missing	0

Como classifica o trabalho da sua associação

	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cum. Percent</i>
muito bom	5	16,7	16,7	16,7
razoavelmente bom	18	60,0	60,0	76,7
bom				
pouco bom	6	20,0	20,0	96,7
nada bom	1	3,3	3,3	100,0
Total	30	100,0	100,0	

Gráfico - Como classifica o trabalho da sua associação



Como classifica o trabalho da sua associação

Frequências - Como é viver em PT

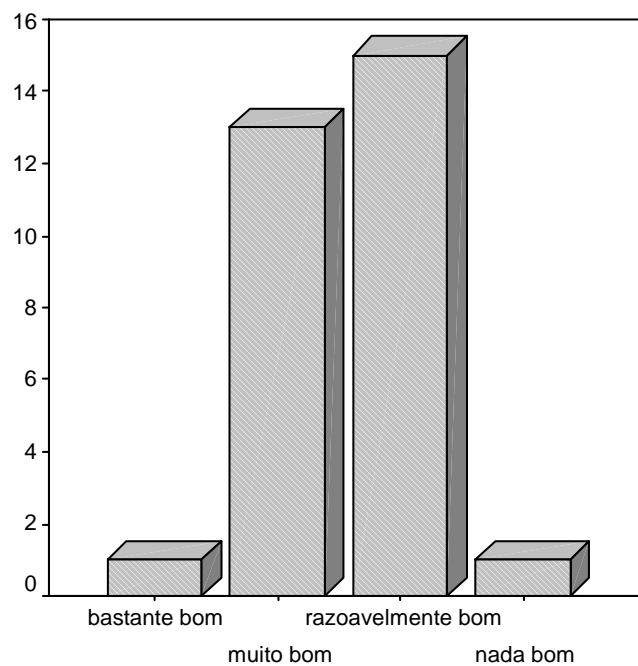
Statistics

Como é viver em Portugal

N	Valid	30
	Missing	0

Como é viver em Portugal				
	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cum. Percent</i>
bastante bom	1	3,3	3,3	3,3
muito bom	13	43,3	43,3	46,7
razoavelmente bom	15	50,0	50,0	96,7
nada bom	1	3,3	3,3	100,0
Total	30	100,0	100,0	

Gráfico – Como é viver em PT



Como é viver em Portugal

Frequências – Vê o futuro com otimismo e alegria

Estadística

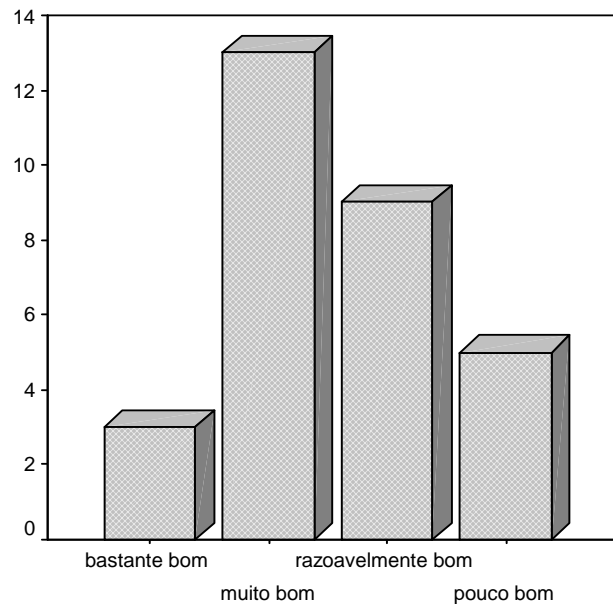
Vê o futuro com otimismo e alegria

N	Valid	30
	Missing	0

Vê o futuro com otimismo e alegria

	<i>Frequency</i>	<i>Percent</i>	<i>Valid Percent</i>	<i>Cum. Percent</i>
bastante bom	3	10,0	10,0	10,0
muito bom	13	43,3	43,3	53,3
razoavelmente bom	9	30,0	30,0	83,3
pouco bom	5	16,7	16,7	100,0
Total	30	100,0	100,0	

Gráfico – Vê o futuro com otimismo e alegria



Vê o futuro com otimismo e alegria

Anexo C

QUESTIONÁRIO SENTIMENTO DE COMUNIDADE (SCI2)

SENTIMENTO PSICOLÓGICO DE COMUNIDADE INDEX 2

Chavis and Lee (2008)

1. Na Escala abaixo (de 1 a 5), assinale qual a importância atribuída do si ao sentimento de comunidade?

1	2	3	4	5
Não é Importante de todo	Não é muito importante	Algo Importante	Importante	Muito Importante

Seguidamente vai encontrar mais perguntas, e às quais se pede que escolha entre as hipóteses de resposta a que mais o identifica.

		Nada	Um pouco	A maioria das vezes	Completamente
1	Eu consigo alcançar as minhas necessidades porque sinto-me parte / pertença desta comunidade.				
2	Membros da comunidade e eu valorizamos o mesmo.				
3	Esta comunidade tem sido bem sucedida ao ir ao encontro das necessidades dos seus membros.				
4	Ser membro desta comunidade faz-me sentir bem				

5	Quando tenho um problema posso falar sobre isso com os membros desta comunidade.				
6	As pessoas nesta comunidade têm necessidades, prioridades e fins semelhantes.				
7	Posso confiar nas pessoas desta comunidade				
8	Consigo reconhecer a maioria dos membros desta comunidade.				
9	A maioria dos membros da minha comunidade conhece-me				
10	Esta comunidade tem símbolos e expressões de pertença (semelhanças), como roupas, artes, símbolos, e bandeiras que as pessoas reconhecem.				
11	Dedico muito tempo e esforço em fazer parte desta comunidade.				
12	Ser membro desta comunidade é parte da minha identidade / identifico-me.				
13	Enquadrar-me nesta comunidade é importante para mim.				
14	Esta comunidade pode influenciar outras comunidades.				
15	Preocupo-me com o que os outros membros da comunidade pensam sobre mim.				
16	Tenho influência sobre como é esta comunidade				

17	Se há um problema nesta comunidade, os membros podem resolvê-lo.				
18	Esta comunidade tem bons líderes				
19	É muito importante para mim fazer parte desta comunidade.				
20	Passo muito tempo com outros membros da comunidade e gosto de estar com eles.				
21	Espero fazer parte desta comunidade durante muito tempo.				
22	Os membros desta comunidade partilham acontecimentos importantes como férias, festas e acidentes.				
23	Sinto-me esperançado sobre o futuro desta comunidade.				
24	Os membros desta comunidade preocupam-se uns com os outros.				

Anexo D

OUTPUTS RELATIVOS À ANÁLISE DA FIDELIDADE DA
SCI2

Scale - SCI2 – TOTAL

Reliability - Alfa de Cronbach

Statistics - total da escala SCI2

SOMA

N	Valid	30
	Missing	0
Mean		36,33
Std. Deviation		12,262
Minimum		11
Maximum		58

Reliability - Alfa de Cronbach

***** Method 1 (space saver) will be used for this analysis *****

—

R E L I A B I L I T Y A N A L Y S I S - S C A L E (A L P H A)

Reliability Coefficients

N of Cases = 30,0

N of Items = 24

Alpha = ,9151

SCI2 – DIMENSÃO REFORÇO DE NECESSIDADES

Statistics

D1

N	Valid	30
	Missing	0
Mean		9,5333
Std. Deviation		3,65526
Minimum		3,00
Maximum		16,00

SCI2 – DIMENSÃO INFLUÊNCIA

Statistics

D3

N	Valid	30
	Missing	0
Mean		8,0000
Std. Deviation		3,57192
Minimum		1,00
Maximum		14,00

Reliability - Influence = Q13+Q14+Q15+Q16+Q17+Q18

***** Method 1 (space saver) will be used for this analysis *****

-

R E L I A B I L I T Y A N A L Y S I S - S C A L E (A L P H A)

Reliability Coefficients

N of Cases = 30,0

N of Items = 6

Alpha = ,7743

SCI2 – DIMENSÃO LIGAÇÃO EMOCIONAL PARTILHADA

Statistics

D4

N	Valid	30
	Missing	0
Mean		9,6667
Std. Deviation		3,95085
Minimum		,00
Maximum		16,00

**Reliability - Shared emotional connection
Q19+Q20+Q21+Q22+Q23+Q24**

***** Method 1 (space saver) will be used for this analysis *****

—

R E L I A B I L I T Y A N A L Y S I S - S C A L E (A L P H A)

Reliability Coefficients

N of Cases = 30,0

N of Items = 6

Alpha = ,8209

Anexo E

OUTPUTS REFERENTES ÀS MÉDIAS/DESVIO PADRÃO/N
RELATIVAMENTE AO QUESTIONÁRIO
SOCIODEMOGRÁFICO E A SCI2

**OUTPUTS REFERENTES ÀS MÉDIAS/DESVIO PADRÃO/N
RELATIVAMENTE AO QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E
A SCI2**

**MEDIDAS DE ESTATÍSTICA DESCRITIVA
Média / Desvio Padrão / N**

Means - Média / Desvio Padrão / N - IDADE

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * idade	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * idade	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * idade	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * idade	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

idade		D1	D2	D3	D4
25-35	Mean	9,0000	9,0000	7,4000	9,2000
	N	10	10	10	10
	Std. Deviation	4,57044	3,39935	4,11501	4,68568
36-45	Mean	10,1111	9,4444	8,4444	9,3333
	N	9	9	9	9
	Std. Deviation	2,26078	2,40370	3,24465	3,04138
46-55	Mean	10,6000	8,8000	8,0000	10,8000
	N	5	5	5	5
	Std. Deviation	4,33590	3,11448	4,30116	4,08656
56-65	Mean	7,0000	7,5000	8,5000	7,0000
	N	2	2	2	2
	Std. Deviation	4,24264	,70711	,70711	4,24264
66-75	Mean	9,5000	10,0000	8,2500	11,5000
	N	4	4	4	4
	Std. Deviation	3,69685	5,35413	4,19325	4,43471
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	24,378	4	6,094	,420	,793
	Within Groups	363,089	25	14,524		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	9,944	4	2,486	,226	,922
	Within Groups	275,522	25	11,021		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	6,128	4	1,532	,105	,980
	Within Groups	363,872	25	14,555		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	37,267	4	9,317	,561	,693
	Within Groups	415,400	25	16,616		
	Total	452,667	29			

Means - GÉNERO

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * género	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * género	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * género	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * género	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

género		D1	D2	D3	D4
feminino	Mean	9,3333	8,9167	7,4167	8,2500
	N	12	12	12	12
	Std. Deviation	3,39340	3,50216	3,62963	4,28793
masculino	Mean	9,6667	9,2778	8,3889	10,6111
	N	18	18	18	18
	Std. Deviation	3,91077	2,96659	3,58328	3,51700
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	,800	1	,800	,058	,812
	Within Groups	386,667	28	13,810		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	,939	1	,939	,092	,763
	Within Groups	284,528	28	10,162		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	6,806	1	6,806	,525	,475
	Within Groups	363,194	28	12,971		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	40,139	1	40,139	2,724	,110
	Within Groups	412,528	28	14,733		
	Total	452,667	29			

Means - ESTADO CIVI

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * estado civil	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * estado civil	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * estado civil	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * estado civil	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

estado civil		D1	D2	D3	D4
solteiro	Mean	8,6154	8,9231	7,1538	8,6154
	N	13	13	13	13
	Std. Deviation	3,70896	3,42689	4,12000	4,44482
união de facto	Mean	11,0000	10,0000	9,0000	12,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
casado	Mean	10,6000	8,8000	8,6000	10,8000
	N	10	10	10	10
	Std. Deviation	3,68782	3,08401	3,77712	3,11983
divorciado	Mean	9,4000	9,6000	8,4000	8,6000
	N	5	5	5	5
	Std. Deviation	4,33590	3,43511	2,19089	3,91152
viuvo	Mean	10,0000	12,0000	10,0000	15,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	24,790	4	6,197	,427	,788
	Within Groups	362,677	25	14,507		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	11,744	4	2,936	,268	,896
	Within Groups	273,723	25	10,949		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	18,708	4	4,677	,333	,853
	Within Groups	351,292	25	14,052		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	66,790	4	16,697	1,082	,387
	Within Groups	385,877	25	15,435		
	Total	452,667	29			

Means - HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * habilitações literárias	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * habilitações literárias	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * habilitações literárias	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * habilitações literárias	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

habilitações literárias		D1	D2	D3	D4
3º ciclo	Mean	10,2500	10,0000	9,7500	9,7500
	N	4	4	4	4
	Std. Deviation	5,43906	1,82574	2,06155	4,57347
secundário	Mean	9,0000	9,0000	7,1429	9,4286
	N	7	7	7	7
	Std. Deviation	4,08248	2,76887	4,09994	4,23703
superior	Mean	9,5789	9,0000	7,9474	9,7368
	N	19	19	19	19
	Std. Deviation	3,28829	3,54338	3,64347	3,95590
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	4,085	2	2,043	,144	,867
	Within Groups	383,382	27	14,199		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	3,467	2	1,733	,166	,848
	Within Groups	282,000	27	10,444		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	17,445	2	8,723	,668	,521
	Within Groups	352,555	27	13,058		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	,518	2	,259	,015	,985
	Within Groups	452,148	27	16,746		
	Total	452,667	29			

Means - SITUAÇÃO LABORAL

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * situação laboral	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * situação laboral	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * situação laboral	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * situação laboral	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

situação laboral		D1	D2	D3	D4
empregado	Mean	10,2727	9,4545	8,5909	10,3182
	N	22	22	22	22
	Std. Deviation	3,43902	2,32435	3,23167	3,24237
desempregado	Mean	5,5000	6,5000	4,5000	4,2500
	N	4	4	4	4
	Std. Deviation	2,64575	4,20317	3,69685	3,30404
reformado	Mean	9,5000	10,0000	8,2500	11,5000
	N	4	4	4	4
	Std. Deviation	3,69685	5,35413	4,19325	4,43471
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	77,103	2	38,552	3,354	,050
	Within Groups	310,364	27	11,495		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	33,012	2	16,506	1,765	,190
	Within Groups	252,455	27	9,350		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	56,932	2	28,466	2,455	,105
	Within Groups	313,068	27	11,595		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	140,144	2	70,072	6,054	,007
	Within Groups	312,523	27	11,575		
	Total	452,667	29			

Means - ANOS A VIVER EM PORTUGAL

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Há qto tempo está em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Há qto tempo está em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Há qto tempo está em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Há qto tempo está em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Há qto tempo		D1	D2	D3	D4
0-10	Mean	8,2857	9,1429	5,8571	8,1429
	N	7	7	7	7
	Std. Deviation	2,87021	4,09994	3,33809	4,81070
11-20	Mean	7,1667	8,8333	6,6667	9,0000
	N	6	6	6	6
	Std. Deviation	2,99444	3,37145	3,50238	2,60768
21-30	Mean	12,5000	10,0000	10,0000	9,2500
	N	4	4	4	4
	Std. Deviation	2,51661	1,41421	1,41421	3,50000
31-40	Mean	10,6000	9,2000	9,3000	11,0000
	N	10	10	10	10
	Std. Deviation	3,97772	2,65832	3,46570	4,10961
41-50	Mean	12,0000	9,0000	11,0000	13,0000
	N	2	2	2	2
	Std. Deviation	2,82843	7,07107	4,24264	4,24264
61-70	Mean	5,0000	7,0000	4,0000	6,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	123,805	5	24,761	2,254	,082
	Within Groups	263,662	24	10,986		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	8,176	5	1,635	,142	,981
	Within Groups	277,290	24	11,554		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	109,710	5	21,942	2,023	,111
	Within Groups	260,290	24	10,845		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	73,060	5	14,612	,924	,483
	Within Groups	379,607	24	15,817		
	Total	452,667	29			

Means - FAMÍLIA EM PORTUGAL

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Tem ou já tinha família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Tem ou já tinha família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Tem ou já tinha família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Tem ou já tinha família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Tem ou já tinha		D1	D2	D3	D4
sim	Mean	9,6552	9,2759	8,0690	9,7241
	N	29	29	29	29
	Std. Deviation	3,65744	3,09258	3,61476	4,00800
não	Mean	6,0000	5,0000	6,0000	8,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

T-Test

Group Statistics

Tem ou já tinha família em Portugal		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
D1	sim	29	9,6552	3,65744	,67917
	não	1	6,0000	,	,
D2	sim	29	9,2759	3,09258	,57428
	não	1	5,0000	,	,
D3	sim	29	8,0690	3,61476	,67124
	não	1	6,0000	,	,
D4	sim	29	9,7241	4,00800	,74427
	não	1	8,0000	,	,

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
D1	Equal variances assumed	,	,	,983	28	,334	3,6552	3,71996	-3,96482	11,27517
	Equal variances not assumed	,	,	,	,	,	3,6552	,	,	,
D2	Equal variances assumed	,	,	1,359	28	,185	4,2759	3,14545	-2,16729	10,71902
	Equal variances not assumed	,	,	,	,	,	4,2759	,	,	,
D3	Equal variances assumed	,	,	,563	28	,578	2,0690	3,67656	-5,46212	9,60005
	Equal variances not assumed	,	,	,	,	,	2,0690	,	,	,
D4	Equal variances assumed	,	,	,423	28	,676	1,7241	4,07651	-6,62622	10,07450
	Equal variances not assumed	,	,	,	,	,	1,7241	,	,	,

Means - FORMOU FAMÍLIA EM PORTUGAL

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Formou família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Formou família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Formou família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Formou família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Formou família		D1	D2	D3	D4
sim	Mean	10,6190	9,6667	9,3333	10,4286
	N	21	21	21	21
	Std. Deviation	3,61215	2,57553	3,18329	3,69556
não	Mean	7,0000	7,8889	4,8889	7,8889
	N	9	9	9	9
	Std. Deviation	2,34521	4,07567	2,31541	4,16667
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

T-Test

Group Statistics

Formou família em Portugal		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
D1	sim	21	10,6190	3,61215	,78824
	não	9	7,0000	2,34521	,78174
D2	sim	21	9,6667	2,57553	,56203
	não	9	7,8889	4,07567	1,35856
D3	sim	21	9,3333	3,18329	,69465
	não	9	4,8889	2,31541	,77180
D4	sim	21	10,4286	3,69556	,80644
	não	9	7,8889	4,16667	1,38889

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
D1	Equal variances assumed	,808	,376	2,753	28	,010	3,6190	1,31482	,92576	6,31234
	Equal variances not assumed			3,260	23,019					
D2	Equal variances assumed	2,658	,114	1,449	28	,158	1,7778	1,22695	-,73552	4,29108
	Equal variances not assumed			1,209	10,846					
D3	Equal variances assumed	,305	,585	3,767	28	,001	4,4444	1,17985	2,02764	6,86125
	Equal variances not assumed			4,280	20,761					
D4	Equal variances assumed	,057	,813	1,662	28	,108	2,5397	1,52833	-,59095	5,67032
	Equal variances not assumed			1,581	13,681					

Means - PARTICIPAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Participação activa na associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Participação activa na associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Participação activa na associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Participação activa na associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Participação activa		D1	D2	D3	D4
sim	Mean	10,0000	9,1667	7,2500	9,4167
	N	12	12	12	12
	Std. Deviation	3,56753	3,78594	3,86417	4,46111
não	Mean	9,2222	9,1111	8,5000	9,8333
	N	18	18	18	18
	Std. Deviation	3,78162	2,74159	3,38248	3,69817
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

T-Test

Group Statistics

	Participação activa na associação	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
D1	sim	12	10,0000	3,56753	1,02986
	não	18	9,2222	3,78162	,89134
D2	sim	12	9,1667	3,78594	1,09291
	não	18	9,1111	2,74159	,64620
D3	sim	12	7,2500	3,86417	1,11549
	não	18	8,5000	3,38248	,79726
D4	sim	12	9,4167	4,46111	1,28781
	não	18	9,8333	3,69817	,87167

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
D1	Equal variances assumed	,281	,600	,564	28	,577	,7778	1,37853	-2,04602	3,60157
	Equal variances not assumed			,571	24,688	,573	,7778	1,36202	-2,02914	3,58470
D2	Equal variances assumed	1,579	,219	,047	28	,963	,0556	1,18991	-2,38187	2,49298
	Equal variances not assumed			,044	18,567	,966	,0556	1,26965	-2,60606	2,71717
D3	Equal variances assumed	,468	,500	-,937	28	,357	-1,2500	1,33398	-3,98254	1,48254
	Equal variances not assumed			-,912	21,481	,372	-1,2500	1,37111	-4,09749	1,59749
D4	Equal variances assumed	,293	,593	-,278	28	,783	-,4167	1,49639	-3,48187	2,64854
	Equal variances not assumed			-,268	20,591	,791	-,4167	1,55508	-3,65454	2,82121

Means – A cultura cabo-verdeana é conhecida em Portugal

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * A cultura Cabo-verdeana é conhecida em PT	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * A cultura Cabo-verdeana é conhecida em PT	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * A cultura Cabo-verdeana é conhecida em PT	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * A cultura Cabo-verdeana é conhecida em PT	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

A cultura Cabo-verdeana		D1	D2	D3	D4
sim	Mean	10,0435	9,3478	8,7391	9,7826
	N	23	23	23	23
	Std. Deviation	3,80763	2,94817	3,46695	4,17739
não	Mean	7,8571	8,4286	5,5714	9,2857
	N	7	7	7	7
	Std. Deviation	2,67261	3,86683	2,93582	3,35233
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

T-Test

Group Statistics

A cultura Cabo-verdeana é conhecida em PT		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
D1	sim	23	10,0435	3,80763	,79395
	não	7	7,8571	2,67261	1,01015
D2	sim	23	9,3478	2,94817	,61474
	não	7	8,4286	3,86683	1,46152
D3	sim	23	8,7391	3,46695	,72291
	não	7	5,5714	2,93582	1,10964
D4	sim	23	9,7826	4,17739	,87105
	não	7	9,2857	3,35233	1,26706

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
D1	Equal variances assumed	1,370	,252	1,409	28	,170	2,1863	1,55171	-,99220	5,36487
	Equal variances not assumed			1,702	14,222	,111	2,1863	1,28482	-,56529	4,93796
D2	Equal variances assumed	,002	,961	,672	28	,507	,9193	1,36732	-1,88157	3,72008
	Equal variances not assumed			,580	8,240	,578	,9193	1,58555	-2,71853	4,55704
D3	Equal variances assumed	,105	,748	2,184	28	,038	3,1677	1,45049	,19651	6,13890
	Equal variances not assumed			2,392	11,604	,035	3,1677	1,32435	,27124	6,06416
D4	Equal variances assumed	,352	,558	,287	28	,776	,4969	1,73309	-3,05318	4,04697
	Equal variances not assumed			,323	12,264	,752	,4969	1,53758	-2,84523	3,83902

Means - PROMOÇÃO DA CULTURA CABO-VERDEANA

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * A associação promove a cultura Cabo-verdeana	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * A associação promove a cultura Cabo-verdeana	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * A associação promove a cultura Cabo-verdeana	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * A associação promove a cultura Cabo-verdeana	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

A associação promove a		D1	D2	D3	D4
sim	Mean	10,3182	9,2273	8,8182	9,7727
	N	22	22	22	22
	Std. Deviation	3,65652	3,27954	3,52726	4,31974
não	Mean	7,3750	8,8750	5,7500	9,3750
	N	8	8	8	8
	Std. Deviation	2,82527	2,90012	2,76457	2,92465
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

T-Test

Group Statistics

A associação promove a cultura Cabo-verdeana		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
D1	sim	22	10,3182	3,65652	,77957
	não	8	7,3750	2,82527	,99888
D2	sim	22	9,2273	3,27954	,69920
	não	8	8,8750	2,90012	1,02535
D3	sim	22	8,8182	3,52726	,75201
	não	8	5,7500	2,76457	,97742
D4	sim	22	9,7727	4,31974	,92097
	não	8	9,3750	2,92465	1,03402

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
D1	Equal variance assumed	,486	,491	2,056	28	,049	2,9432	1,43157	,01074	5,87562
	Equal variance not assumed			2,323	16,130	,034	2,9432	1,26708	,25884	5,62753
D2	Equal variance assumed	1,087	,306	,268	28	,791	,3523	1,31658	-2,34463	3,04917
	Equal variance not assumed			,284	14,014	,781	,3523	1,24106	-2,30929	3,01383
D3	Equal variance assumed	,346	,561	2,216	28	,035	3,0682	1,38428	,23261	5,90375
	Equal variance not assumed			2,488	15,885	,024	3,0682	1,23324	,45229	5,68408
D4	Equal variance assumed	1,710	,202	,240	28	,812	,3977	1,65832	-2,99919	3,79465
	Equal variance not assumed			,287	18,608	,777	,3977	1,38470	-2,50462	3,30007

Means - COMO CLASSIFICA O DESEMPENHO DA ASSOCIAÇÃO

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Como classifica o desempenho da associação na sociedade portuguesa	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Como classifica o desempenho da associação na sociedade portuguesa	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Como classifica o desempenho da associação na sociedade portuguesa	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Como classifica o desempenho da associação na sociedade portuguesa	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Como classifica o		D1	D2	D3	D4
muito bom	Mean	11,7143	9,1429	10,2857	11,7143
	N	7	7	7	7
	Std. Deviation	4,34796	2,67261	2,05866	1,88982
razoavelmente bom	Mean	9,6316	9,5263	8,1579	9,3158
	N	19	19	19	19
	Std. Deviation	2,85210	2,71556	3,27046	4,29538
pouco bom	Mean	4,0000	4,6667	2,0000	5,6667
	N	3	3	3	3
	Std. Deviation	1,00000	2,51661	1,73205	,57735
nada bom	Mean	9,0000	15,0000	7,0000	14,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	125,617	3	41,872	4,158	,016
	Within Groups	261,850	26	10,071		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	97,206	3	32,402	4,475	,012
	Within Groups	188,261	26	7,241		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	146,045	3	48,682	5,652	,004
	Within Groups	223,955	26	8,614		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	98,466	3	32,822	2,409	,090
	Within Groups	354,201	26	13,623		
	Total	452,667	29			

Means - COMO CLASSIFICA O LIDER ASSOCIATIVO

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Como classifica o papel do seu líder associativo	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Como classifica o papel do seu líder associativo	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Como classifica o papel do seu líder associativo	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Como classifica o papel do seu líder associativo	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Como classifica o papel		D1	D2	D3	D4
muito bom	Mean	12,2500	9,7500	10,0000	12,0000
	N	4	4	4	4
	Std. Deviation	3,30404	4,19325	3,65148	2,70801
razoavelmente bom	Mean	10,0526	9,5789	8,8947	9,8421
	N	19	19	19	19
	Std. Deviation	3,40708	2,47915	2,92299	4,14009
pouco bom	Mean	6,1667	6,3333	4,0000	6,8333
	N	6	6	6	6
	Std. Deviation	2,92689	2,65832	3,09839	2,56255
nada bom	Mean	9,0000	15,0000	7,0000	14,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	102,936	3	34,312	3,135	,043
	Within Groups	284,531	26	10,943		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	86,752	3	28,917	3,784	,022
	Within Groups	198,715	26	7,643		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	128,211	3	42,737	4,596	,010
	Within Groups	241,789	26	9,300		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	89,307	3	29,769	2,130	,121
	Within Groups	363,360	26	13,975		
	Total	452,667	29			

Means - COMO CLASSIFICA O TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Como classifica o trabalho da sua associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Como classifica o trabalho da sua associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Como classifica o trabalho da sua associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Como classifica o trabalho da sua associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Como classifica o		D1	D2	D3	D4
muito bom	Mean	10,6000	8,0000	8,4000	8,4000
	N	5	5	5	5
	Std. Deviation	3,71484	2,73861	2,60768	3,20936
razoavelmente bom	Mean	9,8889	10,0556	8,6111	10,1111
	N	18	18	18	18
	Std. Deviation	3,54615	2,55463	3,55029	4,28251
pouco bom	Mean	7,6667	6,3333	6,0000	8,6667
	N	6	6	6	6
	Std. Deviation	4,22690	2,87518	4,38178	3,55903
nada bom	Mean	9,0000	15,0000	7,0000	14,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	29,156	3	9,719	,705	,558
	Within Groups	358,311	26	13,781		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	103,189	3	34,396	4,906	,008
	Within Groups	182,278	26	7,011		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	32,522	3	10,841	,835	,487
	Within Groups	337,478	26	12,980		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	36,356	3	12,119	,757	,528
	Within Groups	416,311	26	16,012		
	Total	452,667	29			

Means - VIVER EM PT

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Como é viver em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Como é viver em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Como é viver em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Como é viver em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Como é viver em Portugal		D1	D2	D3	D4
bastante bom	Mean	8,0000	8,0000	7,0000	7,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
muito bom	Mean	9,1538	7,6923	7,3077	8,5385
	N	13	13	13	13
	Std. Deviation	4,52486	2,68901	3,83807	3,17845
razoavelmente bom	Mean	10,0000	10,2667	9,0667	11,4667
	N	15	15	15	15
	Std. Deviation	3,09377	3,19523	3,08143	3,44065
nada bom	Mean	9,0000	12,0000	2,0000	,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	7,774	3	2,591	,177	,911
	Within Groups	379,692	26	14,604		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	55,764	3	18,588	2,104	,124
	Within Groups	229,703	26	8,835		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	60,297	3	20,099	1,687	,194
	Within Groups	309,703	26	11,912		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	165,703	3	55,234	5,004	,007
	Within Groups	286,964	26	11,037		
	Total	452,667	29			

Means - COMO VÊ O SEU FUTURO

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Vê o futuro com optimismo e alegria	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Vê o futuro com optimismo e alegria	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Vê o futuro com optimismo e alegria	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Vê o futuro com optimismo e alegria	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Vê o futuro com		D1	D2	D3	D4
bastante bom	Mean	10,6667	10,6667	6,3333	6,3333
	N	3	3	3	3
	Std. Deviation	3,78594	2,30940	4,04145	6,02771
muito bom	Mean	9,0769	7,7692	7,1538	9,7692
	N	13	13	13	13
	Std. Deviation	4,07148	3,24432	4,27875	3,37031
razoavelmente bom	Mean	10,0000	9,8889	9,1111	10,7778
	N	9	9	9	9
	Std. Deviation	3,74166	2,02759	2,66667	4,02423
pouco bom	Mean	9,2000	10,4000	9,2000	9,4000
	N	5	5	5	5
	Std. Deviation	3,11448	4,21900	2,48998	4,15933
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	9,077	3	3,026	,208	,890
	Within Groups	378,390	26	14,553		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	44,403	3	14,801	1,596	,214
	Within Groups	241,063	26	9,272		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	35,952	3	11,984	,933	,439
	Within Groups	334,048	26	12,848		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	44,937	3	14,979	,955	,429
	Within Groups	407,730	26	15,682		
	Total	452,667	29			

Anexo F

OUTPUTS REFERENTES ÀS SIGNIFICÂNCIAS ENTRE SCI2 E
OS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

OUTPUTS REFERENTES ÀS SIGNIFICÂNCIAS ENTRE SCI2 E OS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Means - SITUAÇÃO LABORAL

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	77,103	2	38,552	3,354	,050
	Within Groups	310,364	27	11,495		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	33,012	2	16,506	1,765	,190
	Within Groups	252,455	27	9,350		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	56,932	2	28,466	2,455	,105
	Within Groups	313,068	27	11,595		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	140,144	2	70,072	6,054	,007
	Within Groups	312,523	27	11,575		
	Total	452,667	29			

Means - COMO CLASSIFICA O LIDER ASSOCIATIVO

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	102,936	3	34,312	3,135	,043
	Within Groups	284,531	26	10,943		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	86,752	3	28,917	3,784	,022
	Within Groups	198,715	26	7,643		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	128,211	3	42,737	4,596	,010
	Within Groups	241,789	26	9,300		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	89,307	3	29,769	2,130	,121
	Within Groups	363,360	26	13,975		
	Total	452,667	29			

Means - COMO CLASSIFICA O TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	29,156	3	9,719	,705	,558
	Within Groups	358,311	26	13,781		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	103,189	3	34,396	4,906	,008
	Within Groups	182,278	26	7,011		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	32,522	3	10,841	,835	,487
	Within Groups	337,478	26	12,980		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	36,356	3	12,119	,757	,528
	Within Groups	416,311	26	16,012		
	Total	452,667	29			

Means – COMO É VIVER EM PT

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	7,774	3	2,591	,177	,911
	Within Groups	379,692	26	14,604		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	55,764	3	18,588	2,104	,124
	Within Groups	229,703	26	8,835		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	60,297	3	20,099	1,687	,194
	Within Groups	309,703	26	11,912		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	165,703	3	55,234	5,004	,007
	Within Groups	286,964	26	11,037		
	Total	452,667	29			

Anexo G

**OUTPUTS REFERENTES À CORRELAÇÃO ENTRE AS
DIMENSÕES DA SCI2**

OUTPUTS REFERENTES À CORRELAÇÃO ENTRE AS DIMENSÕES DA SCI2

Correlations

Correlations

		D1	D2	D3	D4
D1	Pearson Correlation	1	,595**	,784**	,600**
	Sig. (2-tailed)	,	,001	,000	,000
	N	30	30	30	30
D2	Pearson Correlation	,595**	1	,572**	,588**
	Sig. (2-tailed)	,001	,	,001	,001
	N	30	30	30	30
D3	Pearson Correlation	,784**	,572**	1	,706**
	Sig. (2-tailed)	,000	,001	,	,000
	N	30	30	30	30
D4	Pearson Correlation	,600**	,588**	,706**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,001	,000	,
	N	30	30	30	30

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlations

		idade	género	estado civil	habilitações literárias	situação laboral
idade	Pearson Correlation	1	,473**	,606**	,257	,643**
	Sig. (2-tailed)	,	,008	,000	,170	,000
	N	30	30	30	30	30
género	Pearson Correlation	,473**	1	,107	,189	,172
	Sig. (2-tailed)	,008	,	,574	,316	,363
	N	30	30	30	30	30
estado civil	Pearson Correlation	,606**	,107	1	-,073	,184
	Sig. (2-tailed)	,000	,574	,	,702	,331
	N	30	30	30	30	30
habilitações literárias	Pearson Correlation	,257	,189	-,073	1	,326
	Sig. (2-tailed)	,170	,316	,702	,	,079
	N	30	30	30	30	30
situação laboral	Pearson Correlation	,643**	,172	,184	,326	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,363	,331	,079	,
	N	30	30	30	30	30

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo H

**CÓDIGO DEONTOLÓGICO (CONSENTIMIENTO
INFORMADO)**

CONSENTIMENTO INFORMADO

Venho por este meio solicitar a participação de imigrantes cabo-verdianos residentes em Portugal, para que seja possível a realização deste trabalho de investigação que visa a recolha de dados para a realização da Tese de Dissertação de Mestrado, de Sílvia Monteiro, em Psicologia Comunitária.

Não se pretende qualquer tipo de avaliação individual, mas sim, averiguar se existem diferenças estatisticamente significativas, nos níveis propostos a avaliar neste estudo, ou seja, o sentimento de comunidade. Assegura-se a **confidencialidade** e o **anonimato**.

Solicitamos a sua colaboração e agradecemos **que responda a todas as questões com a máxima sinceridade**, mesmo que não tenha a certeza absoluta em algumas delas, uma vez que não existem respostas certas ou erradas.

Responder a este trabalho é uma contribuição para o desenvolvimento de melhores condições de vida num contexto individual e colectivo. A vossa cooperação para a realização desta investigação é fundamental. A participação de todas as pessoas inquiridas quer-se de carácter totalmente voluntário. Este estudo insere-se numa linha de orientação em que é importante investir, abordando um tema complexo de grande valor e relevo para a actualidade nacional e internacional.

Importante: para responder a estes questionários, precisa-se que sejam indivíduos, que sejam residentes em Portugal e que sejam membros da associação na qual vai ser realizado este estudo.

Obrigado

Anexo D

OUTPUTS RELATIVOS À ANÁLISE DA FIDELIDADE DA
SCI2

Scale - SCI2 – TOTAL

Reliability - Alfa de Cronbach

Statistics - total da escala SCI2

SOMA

N	Valid	30
	Missing	0
Mean		36,33
Std. Deviation		12,262
Minimum		11
Maximum		58

Reliability - Alfa de Cronbach

***** Method 1 (space saver) will be used for this analysis *****

—

R E L I A B I L I T Y A N A L Y S I S - S C A L E (A L P H
A)

Reliability Coefficients

N of Cases = 30,0

N of Items = 24

Alpha = ,9151

SCI2 – DIMENSÃO REFORÇO DE NECESSIDADES

Statistics

D1

N	Valid	30
	Missing	0
Mean		9,5333
Std. Deviation		3,65526
Minimum		3,00
Maximum		16,00

Reliability - Reinforcement of needs = Q1+Q2+Q3+Q4+Q5+Q6

***** Method 1 (space saver) will be used for this analysis *****

R E L I A B I L I T Y A N A L Y S I S - S C A L E (A L P H A)

Reliability Coefficients

N of Cases = 30,0

N of Items = 6

Alpha = ,7964

SCI2 – DIMENSÃO PERTENÇA

Statistics

D2		
N	Valid	30
	Missing	0
Mean		9,1333
Std. Deviation		3,13746
Minimum		2,00
Maximum		15,00

Reliability - Membership = Q7+Q8+Q9+Q10+Q11+Q12

***** Method 1 (space saver) will be used for this analysis *****

R E L I A B I L I T Y A N A L Y S I S - S C A L E (A L P H A)
A)

Reliability Coefficients

N of Cases = 30,0

N of Items = 6

Alpha = ,6454

SCI2 – DIMENSÃO INFLUÊNCIA

Statistics

D3

N	Valid	30
	Missing	0
Mean		8,0000
Std. Deviation		3,57192
Minimum		1,00
Maximum		14,00

Reliability - Influence = Q13+Q14+Q15+Q16+Q17+Q18

***** Method 1 (space saver) will be used for this analysis *****

—

R E L I A B I L I T Y A N A L Y S I S - S C A L E (A L P H A)

Reliability Coefficients

N of Cases = 30,0

N of Items = 6

Alpha = ,7743

SCI2 – DIMENSÃO LIGAÇÃO EMOCIONAL PARTILHADA

Statistics

D4

N	Valid	30
	Missing	0
Mean		9,6667
Std. Deviation		3,95085
Minimum		,00
Maximum		16,00

**Reliability - Shared emotional connection
Q19+Q20+Q21+Q22+Q23+Q24**

***** Method 1 (space saver) will be used for this analysis *****

—

R E L I A B I L I T Y A N A L Y S I S - S C A L E (A L P H
A)

Reliability Coefficients

N of Cases = 30,0

N of Items = 6

Alpha = ,8209

Anexo E

OUTPUTS REFERENTES ÀS MÉDIAS/DESVIO PADRÃO/N
RELATIVAMENTE AO QUESTIONÁRIO
SOCIODEMOGRÁFICO E A SCI2

**OUTPUTS REFERENTES ÀS MÉDIAS/DESVIO PADRÃO/N
RELATIVAMENTE AO QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO
E A SCI2**

**MEDIDAS DE ESTATÍSTICA DESCRITIVA
Média / Desvio Padrão / N**

Means - Média / Desvio Padrão / N - IDADE

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * idade	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * idade	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * idade	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * idade	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

idade		D1	D2	D3	D4
25-35	Mean	9,0000	9,0000	7,4000	9,2000
	N	10	10	10	10
	Std. Deviation	4,57044	3,39935	4,11501	4,68568
36-45	Mean	10,1111	9,4444	8,4444	9,3333
	N	9	9	9	9
	Std. Deviation	2,26078	2,40370	3,24465	3,04138
46-55	Mean	10,6000	8,8000	8,0000	10,8000
	N	5	5	5	5
	Std. Deviation	4,33590	3,11448	4,30116	4,08656
56-65	Mean	7,0000	7,5000	8,5000	7,0000
	N	2	2	2	2
	Std. Deviation	4,24264	,70711	,70711	4,24264
66-75	Mean	9,5000	10,0000	8,2500	11,5000
	N	4	4	4	4
	Std. Deviation	3,69685	5,35413	4,19325	4,43471
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	24,378	4	6,094	,420	,793
	Within Groups	363,089	25	14,524		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	9,944	4	2,486	,226	,922
	Within Groups	275,522	25	11,021		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	6,128	4	1,532	,105	,980
	Within Groups	363,872	25	14,555		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	37,267	4	9,317	,561	,693
	Within Groups	415,400	25	16,616		
	Total	452,667	29			

Means - GÉNERO

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * género	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * género	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * género	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * género	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

género		D1	D2	D3	D4
feminino	Mean	9,3333	8,9167	7,4167	8,2500
	N	12	12	12	12
	Std. Deviation	3,39340	3,50216	3,62963	4,28793
masculino	Mean	9,6667	9,2778	8,3889	10,6111
	N	18	18	18	18
	Std. Deviation	3,91077	2,96659	3,58328	3,51700
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	,800	1	,800	,058	,812
	Within Groups	386,667	28	13,810		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	,939	1	,939	,092	,763
	Within Groups	284,528	28	10,162		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	6,806	1	6,806	,525	,475
	Within Groups	363,194	28	12,971		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	40,139	1	40,139	2,724	,110
	Within Groups	412,528	28	14,733		
	Total	452,667	29			

Means - ESTADO CIVI

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * estado civil	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * estado civil	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * estado civil	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * estado civil	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

estado civil		D1	D2	D3	D4
solteiro	Mean	8,6154	8,9231	7,1538	8,6154
	N	13	13	13	13
	Std. Deviation	3,70896	3,42689	4,12000	4,44482
união de facto	Mean	11,0000	10,0000	9,0000	12,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
casado	Mean	10,6000	8,8000	8,6000	10,8000
	N	10	10	10	10
	Std. Deviation	3,68782	3,08401	3,77712	3,11983
divorciado	Mean	9,4000	9,6000	8,4000	8,6000
	N	5	5	5	5
	Std. Deviation	4,33590	3,43511	2,19089	3,91152
viuvo	Mean	10,0000	12,0000	10,0000	15,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	24,790	4	6,197	,427	,788
	Within Groups	362,677	25	14,507		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	11,744	4	2,936	,268	,896
	Within Groups	273,723	25	10,949		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	18,708	4	4,677	,333	,853
	Within Groups	351,292	25	14,052		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	66,790	4	16,697	1,082	,387
	Within Groups	385,877	25	15,435		
	Total	452,667	29			

Means - HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * habilitações literárias	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * habilitações literárias	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * habilitações literárias	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * habilitações literárias	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

habilitações literárias		D1	D2	D3	D4
3º ciclo	Mean	10,2500	10,0000	9,7500	9,7500
	N	4	4	4	4
	Std. Deviation	5,43906	1,82574	2,06155	4,57347
secundário	Mean	9,0000	9,0000	7,1429	9,4286
	N	7	7	7	7
	Std. Deviation	4,08248	2,76887	4,09994	4,23703
superior	Mean	9,5789	9,0000	7,9474	9,7368
	N	19	19	19	19
	Std. Deviation	3,28829	3,54338	3,64347	3,95590
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	4,085	2	2,043	,144	,867
	Within Groups	383,382	27	14,199		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	3,467	2	1,733	,166	,848
	Within Groups	282,000	27	10,444		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	17,445	2	8,723	,668	,521
	Within Groups	352,555	27	13,058		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	,518	2	,259	,015	,985
	Within Groups	452,148	27	16,746		
	Total	452,667	29			

Means - SITUAÇÃO LABORAL

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * situação laboral	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * situação laboral	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * situação laboral	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * situação laboral	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

situação laboral		D1	D2	D3	D4
empregado	Mean	10,2727	9,4545	8,5909	10,3182
	N	22	22	22	22
	Std. Deviation	3,43902	2,32435	3,23167	3,24237
desempregado	Mean	5,5000	6,5000	4,5000	4,2500
	N	4	4	4	4
	Std. Deviation	2,64575	4,20317	3,69685	3,30404
reformado	Mean	9,5000	10,0000	8,2500	11,5000
	N	4	4	4	4
	Std. Deviation	3,69685	5,35413	4,19325	4,43471
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	77,103	2	38,552	3,354	,050
	Within Groups	310,364	27	11,495		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	33,012	2	16,506	1,765	,190
	Within Groups	252,455	27	9,350		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	56,932	2	28,466	2,455	,105
	Within Groups	313,068	27	11,595		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	140,144	2	70,072	6,054	,007
	Within Groups	312,523	27	11,575		
	Total	452,667	29			

Means - ANOS A VIVER EM PORTUGAL

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Há qto tempo está em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Há qto tempo está em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Há qto tempo está em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Há qto tempo está em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Há qto tempo		D1	D2	D3	D4
0-10	Mean	8,2857	9,1429	5,8571	8,1429
	N	7	7	7	7
	Std. Deviation	2,87021	4,09994	3,33809	4,81070
11-20	Mean	7,1667	8,8333	6,6667	9,0000
	N	6	6	6	6
	Std. Deviation	2,99444	3,37145	3,50238	2,60768
21-30	Mean	12,5000	10,0000	10,0000	9,2500
	N	4	4	4	4
	Std. Deviation	2,51661	1,41421	1,41421	3,50000
31-40	Mean	10,6000	9,2000	9,3000	11,0000
	N	10	10	10	10
	Std. Deviation	3,97772	2,65832	3,46570	4,10961
41-50	Mean	12,0000	9,0000	11,0000	13,0000
	N	2	2	2	2
	Std. Deviation	2,82843	7,07107	4,24264	4,24264
61-70	Mean	5,0000	7,0000	4,0000	6,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	123,805	5	24,761	2,254	,082
	Within Groups	263,662	24	10,986		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	8,176	5	1,635	,142	,981
	Within Groups	277,290	24	11,554		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	109,710	5	21,942	2,023	,111
	Within Groups	260,290	24	10,845		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	73,060	5	14,612	,924	,483
	Within Groups	379,607	24	15,817		
	Total	452,667	29			

Means - FAMÍLIA EM PORTUGAL

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Tem ou já tinha família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Tem ou já tinha família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Tem ou já tinha família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Tem ou já tinha família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Tem ou já tinha		D1	D2	D3	D4
sim	Mean	9,6552	9,2759	8,0690	9,7241
	N	29	29	29	29
	Std. Deviation	3,65744	3,09258	3,61476	4,00800
não	Mean	6,0000	5,0000	6,0000	8,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

T-Test

Group Statistics

Tem ou já tinha família em Portugal		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
D1	sim	29	9,6552	3,65744	,67917
	não	1	6,0000	,	,
D2	sim	29	9,2759	3,09258	,57428
	não	1	5,0000	,	,
D3	sim	29	8,0690	3,61476	,67124
	não	1	6,0000	,	,
D4	sim	29	9,7241	4,00800	,74427
	não	1	8,0000	,	,

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
D1	Equal variances assumed	,	,	,983	28	,334	3,6552	3,71996	-3,96482	11,27517
	Equal variances not assumed	,	,	,	,	,	3,6552	,	,	,
D2	Equal variances assumed	,	,	1,359	28	,185	4,2759	3,14545	-2,16729	10,71902
	Equal variances not assumed	,	,	,	,	,	4,2759	,	,	,
D3	Equal variances assumed	,	,	,563	28	,578	2,0690	3,67656	-5,46212	9,60005
	Equal variances not assumed	,	,	,	,	,	2,0690	,	,	,
D4	Equal variances assumed	,	,	,423	28	,676	1,7241	4,07651	-6,62622	10,07450
	Equal variances not assumed	,	,	,	,	,	1,7241	,	,	,

Means - FORMOU FAMÍLIA EM PORTUGAL

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Formou família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Formou família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Formou família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Formou família em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Formou família		D1	D2	D3	D4
sim	Mean	10,6190	9,6667	9,3333	10,4286
	N	21	21	21	21
	Std. Deviation	3,61215	2,57553	3,18329	3,69556
não	Mean	7,0000	7,8889	4,8889	7,8889
	N	9	9	9	9
	Std. Deviation	2,34521	4,07567	2,31541	4,16667
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

T-Test

Group Statistics

	Formou família em Portugal	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
D1	sim	21	10,6190	3,61215	,78824
	não	9	7,0000	2,34521	,78174
D2	sim	21	9,6667	2,57553	,56203
	não	9	7,8889	4,07567	1,35856
D3	sim	21	9,3333	3,18329	,69465
	não	9	4,8889	2,31541	,77180
D4	sim	21	10,4286	3,69556	,80644
	não	9	7,8889	4,16667	1,38889

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
D1	Equal variances assumed	,808	,376	2,753	28	,010	3,6190	1,31482	,92576	6,31234
	Equal variances not assumed			3,260	23,019					
D2	Equal variances assumed	2,658	,114	1,449	28	,158	1,7778	1,22695	-,73552	4,29108
	Equal variances not assumed			1,209	10,846					
D3	Equal variances assumed	,305	,585	3,767	28	,001	4,4444	1,17985	2,02764	6,86125
	Equal variances not assumed			4,280	20,761					
D4	Equal variances assumed	,057	,813	1,662	28	,108	2,5397	1,52833	-,59095	5,67032
	Equal variances not assumed			1,581	13,681					

Means - PARTICIPAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Participação activa na associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Participação activa na associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Participação activa na associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Participação activa na associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Participação activa		D1	D2	D3	D4
sim	Mean	10,0000	9,1667	7,2500	9,4167
	N	12	12	12	12
	Std. Deviation	3,56753	3,78594	3,86417	4,46111
não	Mean	9,2222	9,1111	8,5000	9,8333
	N	18	18	18	18
	Std. Deviation	3,78162	2,74159	3,38248	3,69817
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

T-Test

Group Statistics

	Participação activa na associação	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
D1	sim	12	10,0000	3,56753	1,02986
	não	18	9,2222	3,78162	,89134
D2	sim	12	9,1667	3,78594	1,09291
	não	18	9,1111	2,74159	,64620
D3	sim	12	7,2500	3,86417	1,11549
	não	18	8,5000	3,38248	,79726
D4	sim	12	9,4167	4,46111	1,28781
	não	18	9,8333	3,69817	,87167

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
D1	Equal variances assumed	,281	,600	,564	28	,577	,7778	1,37853	-2,04602	3,60157
	Equal variances not assumed			,571	24,688	,573	,7778	1,36202	-2,02914	3,58470
D2	Equal variances assumed	1,579	,219	,047	28	,963	,0556	1,18991	-2,38187	2,49298
	Equal variances not assumed			,044	18,567	,966	,0556	1,26965	-2,60606	2,71717
D3	Equal variances assumed	,468	,500	-,937	28	,357	-1,2500	1,33398	-3,98254	1,48254
	Equal variances not assumed			-,912	21,481	,372	-1,2500	1,37111	-4,09749	1,59749
D4	Equal variances assumed	,293	,593	-,278	28	,783	-,4167	1,49639	-3,48187	2,64854
	Equal variances not assumed			-,268	20,591	,791	-,4167	1,55508	-3,65454	2,82121

Means – A cultura cabo-verdeana é conhecida em Portugal

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * A cultura Cabo-verdeana é conhecida em PT	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * A cultura Cabo-verdeana é conhecida em PT	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * A cultura Cabo-verdeana é conhecida em PT	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * A cultura Cabo-verdeana é conhecida em PT	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

A cultura Cabo-verdeana		D1	D2	D3	D4
sim	Mean	10,0435	9,3478	8,7391	9,7826
	N	23	23	23	23
	Std. Deviation	3,80763	2,94817	3,46695	4,17739
não	Mean	7,8571	8,4286	5,5714	9,2857
	N	7	7	7	7
	Std. Deviation	2,67261	3,86683	2,93582	3,35233
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

T-Test

Group Statistics

A cultura Cabo-verdeana é conhecida em PT		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
D1	sim	23	10,0435	3,80763	,79395
	não	7	7,8571	2,67261	1,01015
D2	sim	23	9,3478	2,94817	,61474
	não	7	8,4286	3,86683	1,46152
D3	sim	23	8,7391	3,46695	,72291
	não	7	5,5714	2,93582	1,10964
D4	sim	23	9,7826	4,17739	,87105
	não	7	9,2857	3,35233	1,26706

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
D1	Equal variances assumed	1,370	,252	1,409	28	,170	2,1863	1,55171	-,99220	5,36487
	Equal variances not assumed			1,702	14,222	,111	2,1863	1,28482	-,56529	4,93796
D2	Equal variances assumed	,002	,961	,672	28	,507	,9193	1,36732	-1,88157	3,72008
	Equal variances not assumed			,580	8,240	,578	,9193	1,58555	-2,71853	4,55704
D3	Equal variances assumed	,105	,748	2,184	28	,038	3,1677	1,45049	,19651	6,13890
	Equal variances not assumed			2,392	11,604	,035	3,1677	1,32435	,27124	6,06416
D4	Equal variances assumed	,352	,558	,287	28	,776	,4969	1,73309	-3,05318	4,04697
	Equal variances not assumed			,323	12,264	,752	,4969	1,53758	-2,84523	3,83902

Means - PROMOÇÃO DA CULTURA CABO-VERDEANA

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * A associação promove a cultura Cabo-verdeana	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * A associação promove a cultura Cabo-verdeana	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * A associação promove a cultura Cabo-verdeana	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * A associação promove a cultura Cabo-verdeana	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

A associação promove a		D1	D2	D3	D4
sim	Mean	10,3182	9,2273	8,8182	9,7727
	N	22	22	22	22
	Std. Deviation	3,65652	3,27954	3,52726	4,31974
não	Mean	7,3750	8,8750	5,7500	9,3750
	N	8	8	8	8
	Std. Deviation	2,82527	2,90012	2,76457	2,92465
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

T-Test

Group Statistics

A associação promove a cultura Cabo-verdeana		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
D1	sim	22	10,3182	3,65652	,77957
	não	8	7,3750	2,82527	,99888
D2	sim	22	9,2273	3,27954	,69920
	não	8	8,8750	2,90012	1,02535
D3	sim	22	8,8182	3,52726	,75201
	não	8	5,7500	2,76457	,97742
D4	sim	22	9,7727	4,31974	,92097
	não	8	9,3750	2,92465	1,03402

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
D1	Equal variance assumed	,486	,491	2,056	28	,049	2,9432	1,43157	,01074	5,87562
	Equal variance not assumed			2,323	16,130	,034	2,9432	1,26708	,25884	5,62753
D2	Equal variance assumed	1,087	,306	,268	28	,791	,3523	1,31658	-2,34463	3,04917
	Equal variance not assumed			,284	14,014	,781	,3523	1,24106	-2,30929	3,01383
D3	Equal variance assumed	,346	,561	2,216	28	,035	3,0682	1,38428	,23261	5,90375
	Equal variance not assumed			2,488	15,885	,024	3,0682	1,23324	,45229	5,68408
D4	Equal variance assumed	1,710	,202	,240	28	,812	,3977	1,65832	-2,99919	3,79465
	Equal variance not assumed			,287	18,608	,777	,3977	1,38470	-2,50462	3,30007

Means - COMO CLASSIFICA O DESEMPENHO DA ASSOCIAÇÃO

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Como classifica o desempenho da associação na sociedade portuguesa	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Como classifica o desempenho da associação na sociedade portuguesa	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Como classifica o desempenho da associação na sociedade portuguesa	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Como classifica o desempenho da associação na sociedade portuguesa	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Como classifica o		D1	D2	D3	D4
muito bom	Mean	11,7143	9,1429	10,2857	11,7143
	N	7	7	7	7
	Std. Deviation	4,34796	2,67261	2,05866	1,88982
razoavelmente bom	Mean	9,6316	9,5263	8,1579	9,3158
	N	19	19	19	19
	Std. Deviation	2,85210	2,71556	3,27046	4,29538
pouco bom	Mean	4,0000	4,6667	2,0000	5,6667
	N	3	3	3	3
	Std. Deviation	1,00000	2,51661	1,73205	,57735
nada bom	Mean	9,0000	15,0000	7,0000	14,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	125,617	3	41,872	4,158	,016
	Within Groups	261,850	26	10,071		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	97,206	3	32,402	4,475	,012
	Within Groups	188,261	26	7,241		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	146,045	3	48,682	5,652	,004
	Within Groups	223,955	26	8,614		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	98,466	3	32,822	2,409	,090
	Within Groups	354,201	26	13,623		
	Total	452,667	29			

Means - COMO CLASSIFICA O LIDER ASSOCIATIVO

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Como classifica o papel do seu líder associativo	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Como classifica o papel do seu líder associativo	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Como classifica o papel do seu líder associativo	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Como classifica o papel do seu líder associativo	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Como classifica o papel		D1	D2	D3	D4
muito bom	Mean	12,2500	9,7500	10,0000	12,0000
	N	4	4	4	4
	Std. Deviation	3,30404	4,19325	3,65148	2,70801
razoavelmente bom	Mean	10,0526	9,5789	8,8947	9,8421
	N	19	19	19	19
	Std. Deviation	3,40708	2,47915	2,92299	4,14009
pouco bom	Mean	6,1667	6,3333	4,0000	6,8333
	N	6	6	6	6
	Std. Deviation	2,92689	2,65832	3,09839	2,56255
nada bom	Mean	9,0000	15,0000	7,0000	14,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	102,936	3	34,312	3,135	,043
	Within Groups	284,531	26	10,943		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	86,752	3	28,917	3,784	,022
	Within Groups	198,715	26	7,643		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	128,211	3	42,737	4,596	,010
	Within Groups	241,789	26	9,300		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	89,307	3	29,769	2,130	,121
	Within Groups	363,360	26	13,975		
	Total	452,667	29			

Means - COMO CLASSIFICA O TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Como classifica o trabalho da sua associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Como classifica o trabalho da sua associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Como classifica o trabalho da sua associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Como classifica o trabalho da sua associação	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Como classifica o		D1	D2	D3	D4
muito bom	Mean	10,6000	8,0000	8,4000	8,4000
	N	5	5	5	5
	Std. Deviation	3,71484	2,73861	2,60768	3,20936
razoavelmente bom	Mean	9,8889	10,0556	8,6111	10,1111
	N	18	18	18	18
	Std. Deviation	3,54615	2,55463	3,55029	4,28251
pouco bom	Mean	7,6667	6,3333	6,0000	8,6667
	N	6	6	6	6
	Std. Deviation	4,22690	2,87518	4,38178	3,55903
nada bom	Mean	9,0000	15,0000	7,0000	14,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	29,156	3	9,719	,705	,558
	Within Groups	358,311	26	13,781		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	103,189	3	34,396	4,906	,008
	Within Groups	182,278	26	7,011		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	32,522	3	10,841	,835	,487
	Within Groups	337,478	26	12,980		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	36,356	3	12,119	,757	,528
	Within Groups	416,311	26	16,012		
	Total	452,667	29			

Means - VIVER EM PT

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Como é viver em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Como é viver em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Como é viver em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Como é viver em Portugal	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Como é viver em Portugal		D1	D2	D3	D4
bastante bom	Mean	8,0000	8,0000	7,0000	7,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
muito bom	Mean	9,1538	7,6923	7,3077	8,5385
	N	13	13	13	13
	Std. Deviation	4,52486	2,68901	3,83807	3,17845
razoavelmente bom	Mean	10,0000	10,2667	9,0667	11,4667
	N	15	15	15	15
	Std. Deviation	3,09377	3,19523	3,08143	3,44065
nada bom	Mean	9,0000	12,0000	2,0000	,0000
	N	1	1	1	1
	Std. Deviation	,	,	,	,
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	7,774	3	2,591	,177	,911
	Within Groups	379,692	26	14,604		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	55,764	3	18,588	2,104	,124
	Within Groups	229,703	26	8,835		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	60,297	3	20,099	1,687	,194
	Within Groups	309,703	26	11,912		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	165,703	3	55,234	5,004	,007
	Within Groups	286,964	26	11,037		
	Total	452,667	29			

Means - COMO VÊ O SEU FUTURO

Case Processing Summary

	Cases					
	Included		Excluded		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
D1 * Vê o futuro com otimismo e alegria	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D2 * Vê o futuro com otimismo e alegria	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D3 * Vê o futuro com otimismo e alegria	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%
D4 * Vê o futuro com otimismo e alegria	30	100,0%	0	,0%	30	100,0%

Report

Vê o futuro com		D1	D2	D3	D4
bastante bom	Mean	10,6667	10,6667	6,3333	6,3333
	N	3	3	3	3
	Std. Deviation	3,78594	2,30940	4,04145	6,02771
muito bom	Mean	9,0769	7,7692	7,1538	9,7692
	N	13	13	13	13
	Std. Deviation	4,07148	3,24432	4,27875	3,37031
razoavelmente bom	Mean	10,0000	9,8889	9,1111	10,7778
	N	9	9	9	9
	Std. Deviation	3,74166	2,02759	2,66667	4,02423
pouco bom	Mean	9,2000	10,4000	9,2000	9,4000
	N	5	5	5	5
	Std. Deviation	3,11448	4,21900	2,48998	4,15933
Total	Mean	9,5333	9,1333	8,0000	9,6667
	N	30	30	30	30
	Std. Deviation	3,65526	3,13746	3,57192	3,95085

Oneway

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	9,077	3	3,026	,208	,890
	Within Groups	378,390	26	14,553		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	44,403	3	14,801	1,596	,214
	Within Groups	241,063	26	9,272		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	35,952	3	11,984	,933	,439
	Within Groups	334,048	26	12,848		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	44,937	3	14,979	,955	,429
	Within Groups	407,730	26	15,682		
	Total	452,667	29			

Anexo F

OUTPUTS REFERENTES ÀS SIGNIFICÂNCIAS ENTRE SCI2
E OS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

OUTPUTS REFERENTES ÀS SIGNIFICÂNCIAS ENTRE SCI2 E OS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Means - SITUAÇÃO LABORAL

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	77,103	2	38,552	3,354	,050
	Within Groups	310,364	27	11,495		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	33,012	2	16,506	1,765	,190
	Within Groups	252,455	27	9,350		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	56,932	2	28,466	2,455	,105
	Within Groups	313,068	27	11,595		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	140,144	2	70,072	6,054	,007
	Within Groups	312,523	27	11,575		
	Total	452,667	29			

Means - COMO CLASSIFICA O LIDER ASSOCIATIVO

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	102,936	3	34,312	3,135	,043
	Within Groups	284,531	26	10,943		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	86,752	3	28,917	3,784	,022
	Within Groups	198,715	26	7,643		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	128,211	3	42,737	4,596	,010
	Within Groups	241,789	26	9,300		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	89,307	3	29,769	2,130	,121
	Within Groups	363,360	26	13,975		
	Total	452,667	29			

Means - COMO CLASSIFICA O TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	29,156	3	9,719	,705	,558
	Within Groups	358,311	26	13,781		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	103,189	3	34,396	4,906	,008
	Within Groups	182,278	26	7,011		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	32,522	3	10,841	,835	,487
	Within Groups	337,478	26	12,980		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	36,356	3	12,119	,757	,528
	Within Groups	416,311	26	16,012		
	Total	452,667	29			

Means – COMO É VIVER EM PT

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
D1	Between Groups	7,774	3	2,591	,177	,911
	Within Groups	379,692	26	14,604		
	Total	387,467	29			
D2	Between Groups	55,764	3	18,588	2,104	,124
	Within Groups	229,703	26	8,835		
	Total	285,467	29			
D3	Between Groups	60,297	3	20,099	1,687	,194
	Within Groups	309,703	26	11,912		
	Total	370,000	29			
D4	Between Groups	165,703	3	55,234	5,004	,007
	Within Groups	286,964	26	11,037		
	Total	452,667	29			

Anexo G

**OUTPUTS REFERENTES À CORRELAÇÃO ENTRE AS
DIMENSÕES DA SCI2**

OUTPUTS REFERENTES À CORRELAÇÃO ENTRE AS DIMENSÕES DA SCI2

Correlations

Correlations

		D1	D2	D3	D4
D1	Pearson Correlation	1	,595**	,784**	,600**
	Sig. (2-tailed)	,	,001	,000	,000
	N	30	30	30	30
D2	Pearson Correlation	,595**	1	,572**	,588**
	Sig. (2-tailed)	,001	,	,001	,001
	N	30	30	30	30
D3	Pearson Correlation	,784**	,572**	1	,706**
	Sig. (2-tailed)	,000	,001	,	,000
	N	30	30	30	30
D4	Pearson Correlation	,600**	,588**	,706**	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,001	,000	,
	N	30	30	30	30

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlations

		idade	género	estado civil	habilitações literárias	situação laboral
idade	Pearson Correlation	1	,473**	,606**	,257	,643**
	Sig. (2-tailed)		,008	,000	,170	,000
	N	30	30	30	30	30
género	Pearson Correlation	,473**	1	,107	,189	,172
	Sig. (2-tailed)	,008		,574	,316	,363
	N	30	30	30	30	30
estado civil	Pearson Correlation	,606**	,107	1	-,073	,184
	Sig. (2-tailed)	,000	,574		,702	,331
	N	30	30	30	30	30
habilitações literárias	Pearson Correlation	,257	,189	-,073	1	,326
	Sig. (2-tailed)	,170	,316	,702		,079
	N	30	30	30	30	30
situação laboral	Pearson Correlation	,643**	,172	,184	,326	1
	Sig. (2-tailed)	,000	,363	,331	,079	
	N	30	30	30	30	30

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).